

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Ana Luiza Telles Pereira

Gênero, sexualidade e educação: um estudo feminista e fenomenológico com
educadoras de uma EMEF em São Paulo

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Ana Luiza Telles Pereira

Gênero, sexualidade e educação: um estudo feminista e fenomenológico com
educadoras de uma EMEF em São Paulo

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Szymanski.

São Paulo
2018

BANCA EXAMINADORA

De qualquer forma, quando o assunto é controverso - e qualquer questão que envolve sexo é -, não se pode esperar a verdade. Só se pode mostrar como se chegou a ter a opinião que se tem.

Virginia Woolf

Eis que de repente vejo que não sei nada. O gume de minha faca está ficando cego? Parece-me que o mais provável é que não entendo porque o que vejo agora é difícil: estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, e muito menos ainda alguma palavra que a signifique. É mais uma sensação atrás do pensamento.

Clarice Lispector

Porque o ideal de mulher branca, sedutora mas não puta, bem casada mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mamãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer – tirando o fato de que elas devem ficar de saco cheio com qualquer coisa –, devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista.

Virginie Despentes

A presente dissertação contou com financiamento parcial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Agradecimentos

O caminhar do mestrado, ao longo desses dois anos, me fez ser muito grata. Quem pesquisa, especialmente em um país como o Brasil, que não reconhece a importância do fazer científico, precisa de apoio - e isso felizmente não me faltou.

Agradeço especialmente à Nina, minha guerreira, meu mais marcante modelo de mulher. Meu existir no mundo, minha alegria frente às dificuldades e minha força para seguir em frente não existiriam sem você.

Agradeço ao Rui por possibilitar física e financeiramente minha entrada no mestrado, mas também por me incentivar mesmo não concordando com as minhas escolhas. Agradeço aos meus irmãos, que me fizeram rir nos momentos de desespero e dividiram comigo os momentos de alegria.

Minhas irmãs Gabriella e Renata, não sei nem por onde começar a agradecer. O amor que sinto por vocês é infinito. Minha querida Bruna, obrigada pelas discussões e por me mostrar outros pontos de vista - que nosso aprendizado juntas nunca acabe. Minha amiga Carol, obrigada pelo olhar cuidadoso e pelas reflexões propostas.

Ju e Ale, sem vocês esses dois anos não teriam acontecido. Agradeço imensamente por serem meu porto seguro em territórios insalubres, por dividirem angústias, medos e decepções e por terem tornado esse caminhar mais leve, mais alegre e, sobretudo, esperançoso.

Bondinho querido, vocês me mostraram tantas outras possibilidades de ser, de estar e de viver a academia. Sinto-me privilegiada em ter vocês na minha vida. Obrigada por todo crescimento, apoio, diversão e amor!

Um especial agradecimento à minha orientadora, Luciana, que topou comigo esse desafio e nunca me deixou duvidar de minha capacidade. Agradeço também Flavia e Sasha, por auxiliarem o crescimento do meu trabalho com seus comentários e questionamentos.

Agradeço ao Rafa, que me acolheu, me amparou e às vezes me desconcentrou nessa reta final. Daqui pra frente nosso canto vai ser ainda mais alegre e amoroso!

Por fim, agradeço especialmente Lia, Ana e Bia. Vocês três não só me ajudaram nesse processo longo e doloroso, ouvindo minhas angústias, trocando pontos de vista e debatendo sobre a temática comigo, mas tornaram efetivamente possível a existência deste trabalho final. Palavras não podem expressar o quanto sou grata. Amo vocês.

Resumo

O presente estudo parte da demanda de uma escola municipal de ensino fundamental (EMEF), localizada na zona norte de São Paulo, em trabalhar os temas gênero e sexualidade no seu cotidiano. Tendo em vista o papel da escola na formação das/os alunas/os – no sentido amplo do termo, isto é, para além dos conteúdos curriculares – com a presente pesquisa buscamos verificar como as questões de gênero e sexualidade aparecem para as professoras e equipe gestora desta instituição. Para tanto, em um primeiro momento, fizemos observações do cotidiano escolar. Por meio das observações e de encontros com a equipe gestora, verificamos a necessidade de um espaço em que as questões de gênero e sexualidade pudessem ser debatidas. Assim, realizamos três encontros com as professoras do Ensino Fundamental I e a equipe gestora. No primeiro encontro trabalhamos o conceito de mulher – como aquelas professoras e educadoras entendiam o que era ser mulher e suas repercussões. No segundo encontro trabalhamos o conceito de homem e masculinidade, visto este ter sido um assunto recorrente no primeiro encontro. Ao final deste encontro as participantes pediram uma discussão mais aprofundada sobre gênero e sexualidade e, assim, planejamos o terceiro encontro com elas. Os encontros foram gravados, transcritos e analisados à luz do pensamento fenomenológico e dos estudos feministas. Os encontros permitiram uma análise a partir de dois grandes temas: (a) Ser mulher e ser homem na sociedade e (b) Gênero, Sexualidade e Educação. Observamos que as educadoras necessitavam de um espaço para discutir as próprias concepções de homem, mulher e sexualidade e como elas afetam a prática docente. Além disso, os encontros foram marcados por relatos de medo frente às reações das famílias acerca da temática gênero e sexualidade e de despreparo frente às situações consideradas por elas como tabu. Por fim, pusemos a discussão da necessidade de mais espaços que trabalhem a diversidade dentro do contexto escolar, especialmente no que tange a eliminação dos preconceitos de gênero e sexualidade.

Palavras Chave: *Gênero; Educação; Estudos Feministas; Fenomenologia; Sexualidade; Queer.*

Abstract

The present study starts from the demand of a municipal elementary school (EMEF), located in the north part of São Paulo, to work on the themes gender and sexuality in their daily life. Given the role of the school in the constitution of students - in the broad sense of the term, that is, in addition to the curricular contents - with the present research we sought to verify how gender and sexuality issues appear for the teachers and management team of this institution. For that, at first, we made observations of the school routine. Through the observations and meetings with the management team, we verified the need for a moment in which gender and sexuality issues could be debated. Thus, we held three meetings with the elementary school teachers and the management team. In the first meeting we worked on the concept of woman - how those teachers understood what it was to be a woman and its repercussions. In the second meeting we worked on the concept of man and masculinity, as this was a recurring subject in the first meeting. At the end of this meeting the participants asked for a more in-depth discussion on gender and sexuality, and so we planned the third meeting with them. The meetings were recorded, transcribed and analyzed in the light of existential phenomenology and feminist studies. The meetings allowed for an analysis based on two main themes: (a) Being a woman and being a man in society; and (b) Gender, Sexuality and Education. We observed that educators needed a space to discuss their own conceptions of man and woman and sexuality and how they affect their teaching practice. In addition, the meetings were marked by reports of fear regarding the reactions of families about gender and sexuality and of unpreparedness in situations considered by them as taboo. Finally, we have discussed the need for more spaces that work for diversity within the school, especially regarding the elimination of gender and sexuality prejudices.

Key words: *Gender; Education; Feminist Studies; Phenomenology; Sexuality; Queer.*

Sumário

Introdução.....	1
1. Gênero, sexualidade e educação: um panorama.....	7
1.1 O papel da escola na manutenção de estereótipos de gênero	16
2. Método.....	22
2.1. Uma Inspiração Fenomenológica... ..	23
2.2. ... e Feminista.....	26
2.3. Pesquisa de cunho interventivo: a pesquisa-ação como inspiração.....	30
2.4. Contextualizando a pesquisa	32
2.4.1. A EMEF.....	33
2.5. As participantes	34
2.6. A pesquisadora na escola – Procedimentos.....	34
2.7 As intervenções	40
2.7.1 Resumo do Primeiro Encontro	44
2.7.2 Resumo do Segundo Encontro	49
2.7.3 Resumo do Terceiro Encontro	56
3. Desvelando os encontros	63
3.1 Ser mulher e ser homem na sociedade.....	68
3.2 Gênero, Sexualidade e Educação.....	71
Considerações finais.....	75
Referências	77
Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participantes	81
Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Instituição	82
Apêndice III – Excerto de Diário de Bordo.....	83
Apêndice IV – Excertos do primeiro encontro na JEIF	86
Apêndice V – Excertos do segundo encontro na JEIF	95
Apêndice VI - Excertos do terceiro encontro na JEIF.....	112

Introdução

Coloca-se aqui, no meu entender, uma das mais significativas marcas dos Estudos Feministas: seu caráter político. Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram interessadas, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança.

Guacira Lopes Louro

Ninguém nasce feminista, torna-se feminista¹. Essa concepção de tornar-se algo ou alguém, de construir e desconstruir sua identidade, que é volátil e pode ser passageira, é essencial para a compreensão (e constituição) dessa dissertação de mestrado. É preciso primeiro entender de onde parto para conseguir me acompanhar no processo, que, no caso desta dissertação, é o mais importante – onde quero chegar irá depender primordialmente desse caminhar.

Como mulher passei por diversas situações que, no momento em que ocorreram, julguei como naturais, aceitando-as como fazendo parte da vida. Dentre todas, posso citar algumas: um membro da família dizendo que eu tinha de arrumar a mesa do jantar, mas não dizia o mesmo para os meus irmãos, primos insistindo para eu fazer academia aos 13 anos para não ficar gorda, ir passear e ser apalpada no metrô, entre outras micro e macro violências que foram (e são) naturalizadas diariamente. O que essas situações têm em comum? Elas aconteceram única e exclusivamente por eu ser mulher.

Desde pequena o mundo foi me fazendo entender qual era o meu lugar na sociedade: de objeto de desejo, de cuidadora, de bela, recatada e do lar². Conforme fui crescendo, fui sendo capaz de identificar o que estava acontecendo, quais eram os mecanismos utilizados para

¹ Reinterpretação da famosa frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2016, p.11).

² “Bela, recatada e do lar” faz menção à uma reportagem da revista Veja (<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>) entrevistando a então primeira dama do Brasil, que reforça o estereótipo de que mulher ‘boa’ é aquela bonita, quieta e do lar.

reforçar esse ‘papel da mulher’ e como (tentar) sair disso. Confesso que não foi (e não tem sido) uma jornada fácil. É uma luta diária, não só com as pessoas à minha volta, mas com pensamentos e atitudes que são ressignificados e alterados diariamente na minha própria conduta. Foi esse caminho de reflexão e indagação que me trouxe para a luta feminista.

Para GARCIA (2015) o feminismo

pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (p. 13).

A luta feminista acontece diariamente nas relações indivíduo – coletivo, reforçando a afirmação de que o pessoal é político³. No meu âmbito pessoal as questões feministas foram aparecendo pouco a pouco, ao passo que quando adentrei o feminismo acadêmico já não era possível perceber as relações humanas de outra maneira. Os textos feministas com os quais tive contato serviram não só para amparar aquilo que eu via na prática, mas também como uma espécie de afago, mostrando-me que não estava sozinha nessa luta.

Concomitantemente a esse processo de mudança tornei-me psicóloga, especialista em psicopedagogia e comecei a trabalhar como professora na educação infantil. O feminismo me permitiu ver a importância da discussão de gênero nas escolas, especialmente quando se trata dos primeiros anos de educação. A inserção no ambiente escolar tornou isso claro na prática. Professores/as com pouco (ou nenhum) preparo para lidar com situações envolvendo estereótipos de gênero, impedindo um aluno de fazer um livro temático com folhas rosas, cor que ele próprio escolheu, por medo de repreensão familiar, ou apresentando moldes de opções de corte de cabelo, para a construção de um personagem de papel, como cabelo de menina e cabelo de menino, para se referir a cabelo longo e cabelo curto, respectivamente.

No cotidiano com a minha turma, formada por alunos e alunas entre um ano e meio e três anos, questionava sempre as atividades propostas pelo programa, se eram inclusivas ou excludentes. Procurei construir um espaço, junto com as crianças, onde elas pudessem escolher

³ “Ao se dar conta de que o controle patriarcal se estendia também às famílias, às relações sexuais, trabalhistas e outras esferas, as feministas popularizaram a ideia de que *o pessoal é político*. As mulheres se deram conta de que aquilo que pensavam ser problemas individuais eram experiências comuns a todas, fruto de um sistema opressor” (GARCIA, 2015, p.17).

o que fariam, qual material iriam usar e como iriam aproveitar aquele ambiente. Nesse processo, diversas indagações perpassavam meus pensamentos. Por que o carrinho é considerado de menino e a boneca de menina? Por que as meninas “podem” fazer rabo de cavalo e os meninos “não”? Por que o rosa “é” de menina e o azul “é” de menino? Todas essas perguntas rodeavam meus pensamentos, justamente por serem afirmações tidas como naturais. A meu ver, esses pré-conceitos eram limitadores e excludentes, dificultando uma prática escolar que explorasse as muitas possibilidades da criança.

Sobre esses questionamentos LINS (2016) afirma que

quando associamos um comportamento específico a um grupo de pessoas só porque são mulheres, homens, meninas ou meninos, estamos reproduzindo alguns estereótipos de gênero. Em outras palavras, estamos pensando que as diferenças biológicas entre pessoas do sexo feminino e do sexo masculino explicam e justificam diferenças de comportamento na sociedade (p. 15).

Para se certificar da tamanha pressão social acerca dos papéis de gênero basta entrar em uma loja de brinquedos, usualmente separada por “brinquedos de meninas” e “brinquedos de meninos”. Enquanto os primeiros são majoritariamente cor de rosa, reproduzindo atividades domésticas e estimulando pouco (ou nada) o raciocínio lógico, os ditos masculinos oferecem possibilidades de construção, figuras de super-heróis, aventuras e outras tantas temáticas variadas. Com essa discrepância de estímulos não é de se espantar que hoje no Brasil tenhamos 1.162.938 homens registrados no CONFEA (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia) e apenas 188.893 mulheres, pouco menos de 14% do número total⁴.

Naturaliza-se não só o “perfil”, a “facilidade”, que homens têm para a área de exatas como também as tarefas domésticas como obrigação das mulheres – o “jeitinho” feminino. De acordo com pesquisa do IPEA⁵ (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre as desigualdades de gênero e raça, em 2015 51,5% dos homens com mais de 10 anos declarou cuidar dos afazeres domésticos, enquanto 88,0% das mulheres com mais de 10 anos declarou o mesmo. Ademais, o estudo mostra que desde os 5 anos de idade as meninas recebem mais tarefas domésticas – 23,3% das meninas com idade entre 5 e 9 anos realizavam trabalho doméstico, contra 15,9% dos meninos. Essa diferença se agrava com os anos, no futuro resultando em jornadas semanais de trabalho (trabalho principal somado ao doméstico) de 53,6

⁴ Dados do CONFEA, disponíveis em:

<<http://ws.confea.org.br:8080/EstatisticaSic/ModEstatistica/Pesquisa.jsp?vw=ProfTitulo>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

⁵ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_uso_tempo.html>. Acesso em: 29 jun. 2017.

horas para as mulheres, contra 46,1 horas para os homens. A pesquisa ainda constatou que conforme o número de filhos de uma família aumenta, menos o homem se ocupa das tarefas domésticas, dados que se tornam mais discrepantes em famílias da zona rural.

CONNELL e PEARSE (2015) comentam o fato de que, enquanto grupo, “as mulheres têm menos chances de serem encontradas na esfera pública do que os homens, e quando o são, têm menos recursos à disposição.” (p. 33). A análise amplia-se para a questão do trabalho doméstico não remunerado que, de acordo com as autoras, não se configura como trabalho enquanto parte de pesquisas e medições acerca da economia, pois estas são baseadas nas práticas dos homens.

Por trás do trabalho remunerado, há um outro tipo de trabalho - o doméstico e de cuidados, que não é pago. Em todas as sociedades contemporâneas sobre as quais temos estatísticas, as mulheres realizam a maioria das tarefas domésticas de limpeza, cozinha, costura, cuidado com as crianças e praticamente todo o trabalho de cuidado com os bebês (...). Esses tipos de trabalho são frequentemente associados a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadosas, gentis, diligentes, estando sempre prontas para se sacrificarem pelos outros, por exemplo, como ‘boas mães’. Ser um bom pai raramente é associada a cortar sanduíches da merenda ou limpar a bunda dos nenês - embora haja algumas iniciativas interessantes hoje, que buscam promover o que se chamou, no México, de ‘paternidade afetiva’, ou seja, a paternidade com vínculos emocionais. Em geral, espera-se que os pais sejam responsáveis por tomar decisões e ganhar o pão, consumindo os serviços prestados pelas mulheres e representando a família fora de casa (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 32, 33).

Minhas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas me fizeram perceber o quanto a heteronormatividade e o binarismo de gênero estão enraizados em nossa sociedade⁶. Minha inquietação maior, entretanto, era tentar entender o papel da escola nessa dinâmica. Se pensarmos que a escola é um momento marcante de inserção social da criança, penso que devemos ter clareza de quanto (e como) as relações formadas neste ambiente têm relevância na formação de conceitos, especialmente quando se trata de papéis sociais.

Assim, ingressei no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, nível de mestrado acadêmico, de modo que fosse possível pesquisar questões de gênero nos primeiros anos da educação básica brasileira. A presente pesquisa faz parte do conjunto de pesquisas interventivas denominado *Infância e Adolescência em foco na pesquisa interventiva e de base fenomenológica: estreitando o diálogo entre Universidade e Comunidade*, pesquisa atual do grupo ECOFAM (Grupo de Pesquisa e Práticas Psicoeducativas em Escola, Família e Comunidade). Como parte do ECOFAM, que possui

⁶ Os termos *heteronormatividade* e *binarismo de gênero* serão melhor definidos no Capítulo 1

parcerias com instituições públicas de ensino formal e não formal em São Paulo, iniciei esta pesquisa junto a uma EMEF na zona norte da cidade. O interesse desde o princípio era encontrar um recorte sobre a temática gênero na educação que estivesse em afinção com aquela instituição, especificamente com as/os professoras/es e a equipe gestora.

Duas pesquisas anteriores indicaram a demanda da escola para essa discussão, uma iniciação científica e uma dissertação de mestrado⁷. Ambas as pesquisas promoveram um processo de reflexão acerca da temática gênero e sexualidade, mostrando uma afinidade entre o meu interesse temático e aquilo que a instituição julga como importante. Assim, me inseri no cotidiano escolar, conforme será aprofundado no capítulo de método deste trabalho, assisti aulas e dialoguei com a coordenação pedagógica e notei, em parceria com essas pessoas, que o trabalho de reflexão sobre gênero e sexualidade seria mais eficaz, nesse momento, junto ao corpo docente. Algumas situações que presenciei justificam o problema que construímos em conjunto: professoras apresentando opções de filmes ressaltando que o de princesas seria o favorito das meninas, situações em que, para chamar a atenção do aluno, a professora disse que teria que conversar com a mãe dele ou vir pedir para a mãe dele limpar a mesa na qual ele estava desenhando, atividade proposta pela professora em uma aula de língua portuguesa que reforça estereótipos sociais feminino/masculino (ver apêndice III – a galinha pintadinha), entre outras.

Desta forma, configuramos o seguinte problema de pesquisa: **Como as questões de gênero e sexualidade aparecem para as professoras de uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo?**

Saber como essas questões aparecem é entender como a instituição está (ou não) preparada para lidar com esse tema, é entender ou detectar onde podemos investir para que as relações entre as pessoas desta escola sejam mais igualitárias e menos discriminatórias e transformar esta questão em algo mais concreto e menos atravessado por tabus ou pelo senso

⁷ FISCHER, A. B.; AMARAL, M.M.; *et al.* **O adolescente e a escola: uma leitura fenomenológica**. Iniciação Científica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2014.
FACHIM, F. L. **Quem vai falar da e com a juventude LGBTTT na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

comum. Essa é a intenção na escola em questão, em forma de participação contínua, conforme veremos adiante.

Detalhamos a pesquisa em 3 capítulos. No capítulo 1 – Gênero, sexualidade e educação: um panorama, fizemos um recorte acerca da temática, aproximando o movimento feminista, os estudos feministas e os estudos *queer* da educação. Em seguida, no capítulo 2 - Método, descrevemos algumas características fundamentais desta pesquisa, como seu caráter qualitativo e cunho interventivo, seus fundamentos fenomenológicos, bem como as epistemologias feministas que a sustentam. Além disso, apresentamos os instrumentos utilizados na presente pesquisa e explicitamos como ela se desenrolou dentro da instituição parceira. Por fim, no capítulo 3 - Desvelando os encontros, fizemos uma leitura dos encontros com as educadoras da instituição parceira, a partir das transcrições e resumos dos mesmos.

1. Gênero, sexualidade e educação: um panorama

No Sul, na época do apartheid, as meninas negras de classe trabalhadora tinham três opções de carreira. Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professoras de escola.

Bell Hooks

Falar sobre gênero e sexualidade é falar sobre as experiências que nós como humanos temos ao longo de nossas vidas. Somos construídos, moldados e influenciados pela cultura na qual estamos inseridos, pela sociedade em que vivemos, pelos modos que aprendemos a interagir e nos portar. Neste trabalho temos o entendimento de que vivemos em uma sociedade heteronormativa⁸, sexista⁹, machista e de extrema desigualdade social. Não nos parece possível dissertar sobre gênero sem fazer conectivos com essas outras questões sociais - gênero e sexualidade não existem soltos no ar.

BUTLER (2016) afirma que a noção binária feminino/masculino não só compõe a estrutura pela qual a especificidade do feminino é reconhecida, mas também fala sobre o feminino de forma “totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a ‘identidade’ como tornam equívoca a noção singular de identidade” (p. 22).

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2016, p. 21).

⁸ O conceito de heteronormatividade busca “dar conta de uma nova ordem social. Isto é, se antes essa ordem exigia que todos fossem heterossexuais, hoje a ordem sexual exige que todos, heterossexuais ou não, organizem suas vidas conforme o modelo ‘supostamente coerente’ da heterossexualidade. (...) Na heteronormatividade todos os sujeitos devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham eles práticas sexuais heterossexuais ou não. Com isso entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza a vida das pessoas. (...) Na heteronormatividade esses sujeitos tornam-se coerentes desde que se identifiquem com a heterossexualidade como modelo, isto é, mantenham a linearidade entre sexo e gênero” (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 356, 357). Assim, quem tem genitália masculina deve se portar como macho (másculo) e quem tem genitália feminina deve ser delicada (feminina).

⁹ O conceito de sexismo está diretamente relacionado ao entendimento de que sexo tem a ver com a biologia corporal. “Define-se como a retaliação, preconceito e/ou atitudes negativas dirigidas às mulheres, tendo como justificativa esse fato, ou seja, seu sexo físico e seu gênero correspondente. Apresenta uma relação de supremacia dos homens em relação às mulheres, colocando-as em um papel de submissão, inferiorizando o feminino em relação ao masculino” (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 602).

Pensando em uma sociedade androcêntrica¹⁰, entendemos que o masculino é considerado universal, é a base que pauta todas as relações, enquanto o feminino é específico. Essa ideia carrega um conjunto de implicações simbólicas que estão conectadas a outras definições e hierarquizações de nossa cultura (CONNEL; PEARSE, 2015).

O gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. É uma arena em que enfrentamos questões práticas difíceis no que diz respeito à justiça, à identidade e até à sobrevivência (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 25).

CONNEL e PEARSE (2015) afirmam que as pesquisas atuais sobre a temática gênero tiveram seu início a partir dos movimentos de mulheres por igualdade de gênero. Os movimentos sociais tiveram (e têm) grande impacto no que é produzido na academia. As autoras apontam como desencadeador o fato de a maior parte das ordens de gênero mundialmente privilegiarem os homens e preterirem as mulheres, apresentando uma série de desvantagens a elas.

Quando se fala em gênero, o senso comum costuma atribuir a discussão ao universo feminino e das mulheres, contudo, falar sobre questões de gênero é falar sobre homens e mulheres e como todas e todos estão sujeitos à imposição e pressão de papéis sociais. CONNEL e PEARSE (2015) complementam que “há diferentes formas de privilégios e desvantagens, e a balança da desigualdade de gênero varia de lugar para lugar. Os custos do privilégio podem ser altos” (p. 26). Dessa forma, entendemos que, apesar dos inúmeros privilégios que os homens, especialmente os brancos e heterossexuais, desfrutam ao longo de suas vidas, a determinação de papéis sociais também os afeta de forma negativa, pois espera uma conduta específica do ser masculino e, quem não o é, sofre com isso.

Partindo desse ponto, temos, então, uma sociedade que considera o “normal” como sendo o masculino heterossexual e todos e todas que não se encaixam nessa categoria automaticamente são vistos como não pertencentes e são recusados, repelidos. LOURO (2001) disserta sobre esse assunto ao falar das chamadas “minorias” sexuais. A autora aponta o fato da discussão acerca dessa comunidade ter colocado em voga a acirrada luta entre esses grupos

¹⁰ “O mundo se define em masculino e ao homem é atribuída a representação da humanidade. Isto é o Androcentrismo: considerar o homem como medida de todas as coisas. O Androcentrismo distorceu a realidade, deformou a ciência e tem graves consequências na vida cotidiana. (...) Um bom exemplo de androcentrismo são os meios de comunicação. A visão androcêntrica do mundo decide e seleciona quais fatos, acontecimentos ou personalidades são notícias, quais serão primeira página e a quem ou ao que dedicar tempo e espaço. Essa mesma visão também decide quem o explicará diante dos microfones, quem dará a chave dos acontecimentos. Como os meios de comunicação configuram a visão que a sociedade tem do mundo, perpetuam, em pleno século XXI, a visão androcêntrica” (GARCIA, 2015, p. 15, 16).

e grupos mais conservadores. LOURO (2001) faz a importante afirmação de que a nomenclatura ‘minorias’ não indica uma menor quantidade em número de pessoas, mas sim uma minoria histórica, que luta contra o sistema imposto e vai na contra-mão dos valores sociais mais amplamente difundidos - são os grupos historicamente silenciados, rejeitados e excluídos.

Essa visibilidade da discussão traz consequências diversas e contraditórias. Se por um lado

setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos sociais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2001, p. 542).

O que torna ainda mais complexa essa análise e os estudos acerca da questão é a contínua transformação e instabilidade do movimento. LOURO (2001) aponta que, além do desafio de assumir que as posições de sexo e gênero se multiplicaram, tornando necessário o apoio do/a pesquisador/a em esquemas não binários, precisamos também “admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (p. 542).

LOURO (2001) assinala que a homossexualidade é uma invenção do século XIX. As relações entre pessoas do mesmo sexo eram antes entendidas como uma atividade pecaminosa, consideradas sodomia. A partir da segunda metade do século XIX a prática homossexual passou a definir um tipo de sujeito, este vindo a ser marcado e reconhecido como tal. Louro (2001) afirma que para este sujeito “categorizado e nomeado como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação - um lugar incômodo para permanecer” (p. 542). Portanto, entendemos que ao se categorizar um comportamento temos um nicho caracterizado por estereótipos contrários ao que espera a norma cultural (heteronormativa). Desse grupo, alguns homens e mulheres se expuseram a diversas formas de violência e rejeição social ao contestarem a sexualidade tida como legitimada (heterossexual). Outras instâncias, como a Justiça, as igrejas e grupos conservadores, passaram a atribuir diferentes sentidos às práticas e sujeitos deste nicho. Então, a homossexualidade, que foi discursivamente produzida, passa a ser uma questão social relevante (LOURO, 2001).

A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou inferioridade do homossexual,

outros proclamam sua normalidade e naturalidade - mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um 'tipo' humano distinto (LOURO, 2001, p. 542).

Até os anos 1970 a discussão aconteceu dessa maneira, sendo esses os discursos mais expressivos na cultura ocidental. A organização dos movimentos homossexuais era tímida e, quase sempre, clandestina (LOURO, 2001). Contudo, o formato do debate começou a se modificar. “A homossexualidade deixa de ser vista (pelo menos por alguns setores) como uma condição uniforme e universal e passa a ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade etc” (LOURO, 2001, p. 543). A luta dos movimentos começa a apresentar um caráter libertador, sendo suas críticas voltadas contra a heterossexualização da sociedade. Isso permitiu que o movimento se pluralizasse: uns e umas lutavam por integração social, pensando em uma sociedade diversa e polimorfa, enquanto outros e outras por segregação (em especial feministas lésbicas), com o desenvolvimento de uma cultura própria. Juntou-se a isso a produção de intelectuais e instituições internacionais que demonstraram sua simpatia com os movimentos, publicando ensaios em revistas e jornais (LOURO, 2001).

É importante frisar que ao se afirmar uma identidade w ou z supõe-se delimitar fronteiras, marcar o que é e como se representa o que é. Isso deu margem para que fossem criadas e difundidas pela mídia personagens homofóbicas e estereotipadas, enquanto em filmes fosse contraposta essa imagem com representações ‘positivas’ de homossexuais. Reconhecer-se e assumir-se homossexual era (e é) uma questão pessoal e política - cria-se o dilema entre publicamente ‘assumir-se’ ou ‘permanecer enrustido’. A partir da década de 1980, no meio acadêmico brasileiro, essa temática passa a ganhar mais visibilidade, sendo as discussões pautadas especialmente nas reflexões de Michael Foucault (LOURO, 2001).

Dessa forma, apesar de ter sido conquistado um espaço de visibilidade, as discussões sobre a representação da homossexualidade também desempenharam um papel regulador e disciplinador - cria-se uma maneira “adequada” de expressar a homossexualidade, já que “ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições” (LOURO, 2001, p. 544).

Conforme o movimento de gays e lésbicas foi sendo colocado em evidência, também foram aparecendo críticas dentro dele, especialmente provindas dos grupos negros, latinos e jovens. Esses grupos reivindicavam o fato de a posição política do movimento estar pautada nos valores brancos, de classe média e conservadores, como a compreensão de que um

relacionamento deve ser monogâmico e comprometido e de que existe uma maneira “correta” de ser gay ou lésbica, isto é, uma maneira heteronormativa de se portar. As mulheres lésbicas pontuavam que os ideais continuavam baseados em privilégios masculinos (reproduzindo a cultura machista heteronormativa), “o que fazia com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias face às dos homens gays; para bissexuais, sadomasoquistas e transsexuais essa política de identidade era excludente e mantinha sua condição marginalizada” (LOURO, 2001, p. 544).

Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários ‘sub-grupos’, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade (LOURO, 2001, p. 545).

As minorias sexuais, portanto, foram ganhando espaço e visibilidade nas discussões políticas e acadêmicas, contudo, foram sendo criados nichos dentro das próprias minorias, formados por aqueles e aquelas que ainda não se sentiam ouvidos/as e representados/as (LOURO, 2001). Sobre a inserção da temática no meio acadêmico, DESLANDES (2015) afirma que a partir da década de 1980, houve uma lenta inserção do termo gênero, de forma a substituir o termo mulher. Assim, temos

a substituição de um termo de natureza empírica descritiva (mulher) por um termo de natureza analítica (gênero). Enfatizam-se, portanto, os aspectos culturais em detrimento daqueles de ordem meramente anatômica-biológica (DESLANDES, 2015, p. 22).

A ampliação do uso da palavra gênero na academia se deu, sobretudo, graças a pesquisas na área de Antropologia. Contudo, esses estudos eram marcados por uma certa marginalidade, visto que as pesquisas em sua maioria eram encabeçadas por mulheres e as temáticas giravam em torno de assuntos “femininos”, como os papéis sexuais, a família, divisão do trabalho, entre outros (DESLANDES, 2015). Todavia, a academia agora contava com uma produção que criticava não só o modo de fazer acadêmico positivista, mas valores sociais tidos como naturais e imutáveis.

A ciência e o senso comum que pretendem dar a entender que os usos culturais e sexuais dominantes são resultados da biologia e que portanto são intrínsecos, eternos e imutáveis não são senão expressões ideológicas que assinalam as relações de poder dominantes. Identidades profundamente sentidas, tais como feminina/masculina ou hetero/homossexual, não são privadas nem produto exclusivo da biologia, mas se criam no espaço de encontro e tensão de forças políticas, sociais e econômicas e variam com o tempo (GARCIA, 2015, p. 24).

Com o número de pessoas ligadas aos movimentos em busca por igualdade de gênero e liberdade sexual crescendo, foi aumentando o número de perspectivas acerca das possíveis

manifestações de gênero e sexualidade. As divisões clássicas masculino/feminino, hetero/homossexual já não eram mais entendidas como as únicas possibilidades de existência e, com isso, aparecem novas formas de pensar a existência humana, formas que não fossem binárias e enrijecidas, mas que permitissem fluidez e maleabilidade às infinitas possibilidades de ser (LOURO, 2001).

Seja no âmbito do senso comum, seja revestido pela linguagem ‘científica’, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e *justificar* – a desigualdade social.

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, por meio de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental (LOURO, 2014, p. 25).

LOURO (2014) aponta que, se almejamos entender os papéis sociais vigentes, precisamos olhar como foram construídas as noções de feminino e masculino e qual é esse impacto na vida e expressão das pessoas. A autora também reforça que ao termos a falsa ideia de que a justificativa da diferença biológica é suficiente para amparar todas as violências e discriminações, nos apoiamos em algo que não condiz com a realidade: somos culturais, nos construímos na e pela cultura, e esse fato não pode ser deixado de lado.

BUTLER (2016) disserta sobre o engessamento das categorias, especialmente a de gênero, costurando uma relação com os estudos feministas. A autora afirma que gênero é um construto social/cultural, “consequentemente, não é nem o resultado casual do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (p. 26).

Se os gêneros são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2016, p. 26).

A ideia central de Butler (2016) é de que o gênero é uma representação e não um sistema binário engessado. Nós fazemos a manutenção desse sistema pela repetição de atos, gestos e signos presentes na esfera cultural, que reforçam a construção dos corpos, masculinos e femininos, da maneira que vemos hoje. Por esse motivo, a autora fala que gênero é uma performance. Essa noção de performatividade de gênero a autora relaciona ao entendimento da

categoria sexo como normativa, sendo “parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, cuja força regulatória transparece como uma forma de poder produtivo, o poder de produzir - demarcar, circular, diferenciar - os corpos que controla”¹¹ (BUTLER, 2011, p. 11, 12, tradução nossa). Assim, o sexo é entendido como um construto ideal, que de forma forçada se materializa ao longo do tempo. As normas regulatórias previamente citadas materializam o sexo por meio de uma reiteração forçada contínua. Pelo fato de ter de existir essa contínua reiteração, pode-se entender que “os corpos nunca se conformam completamente às normas pelas quais sua materialização é imposta”¹² (BUTLER, 2011, p. 12, tradução nossa).

Dessa forma, entendemos que temos uma materialização do sexo no corpo, que pontua a diferença sexual sob a regra heterossexual, sendo um efeito produtivo do poder. Não somente isso, mas o sexo “se torna uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural”¹³ (BUTLER, 2011, p. 12, tradução nossa). Sendo assim, são possibilitadas algumas maneiras de ser, de se identificar, e outras são negadas. Essa constituição excludente necessariamente produz uma forma dominante e uma forma abjeta, desqualificada e ignorada como tal, com pessoas que não fazem parte do que “deveriam” fazer e ser - são as pessoas que não desfrutam da condição de “sujeito”, de reconhecimento (BUTLER, 2011).

Vale ressaltar que a criação de categorias para fins políticos e de resistência é importante, para que se possa ter um debate acerca dos assuntos - a partir do momento em que se nomeia algo, pode-se falar sobre algo. Contudo, o intuito não é criar categorias engessadas que promovam a exclusão e repúdio a quem não se encaixa em um lugar ou outro, mas abrir espaço para uma discussão que vá além das nomenclaturas e, nesse sentido, a desidentificação também desempenha um papel importante (BUTLER, 2011).

Os estudos *queer* discutem exatamente isso. *Queer*, do inglês, “pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais” (LOURO, 2001, p. 546). O termo foi usado por muito tempo nas culturas de língua inglesa, em especial

¹¹ “(...) but is part of a regulatory practice that produces the bodies it governs, that is, whose regulatory force is made clear as a kind of productive power, the power to produce - demarcate, circulate, differentiate - the bodies it controls”.

¹² “(...) that bodies never quite comply with the norms by which their materialization is impelled”.

¹³ “(...) it will be one of the norms by which the ‘one’ becomes viable at all, that which qualifies a body for life within the domain of cultural intelligibility”.

a estadunidense, para caçoar daqueles que fogem da norma heteronormativa, uma palavra considerada um insulto, que tinha o propósito de assinalar aqueles que ocupam um lugar abjeto¹⁴ da sociedade “normal”. Justamente por ter esse histórico de uso, *queer* foi escolhido pelo movimento de forma ressignificada, pontuando a resistência e a apropriação do termo - somos *queer*, nos colocamos contrários à normalização dos corpos e posturas, estamos protestando a heteronormatividade compulsória da sociedade. Assim, o movimento assume sua diferença e sua posição transgressora nos seus próprios termos (LOURO, 2001).

O que hoje chamamos de queer, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais (MISKOLCI, 2016, p. 21).

O que MISKOLCI (2016) chama de novos movimentos sociais diz respeito aos movimentos que surgiram após o movimento operário - enquanto o movimento dos trabalhadores reivindicava questões econômicas, os sociais posteriores iam além, afirmando “que o privado era político e que a desigualdade ia além do econômico” (p. 22). Os três principais, que o autor destaca, são: o movimento pelos direitos da população negra no Sul estadunidense, a segunda onda do movimento feminista¹⁵ e o que foi chamado de movimento homossexual.

Alguns, mais ousados e de forma vanguardista, também começaram a apontar que o corpo, o desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram alvo e veículo pelo qual se expressavam relações de poder. A luta feminista pela contracepção sob o controle das próprias mulheres, dos negros contra os saberes e práticas racializadores e dos homossexuais contra o aparato médico-legal que os classificava como perigo social e psiquiátrico tinham em comum demandas que colocavam em xeque padrões morais. Assim, em termos políticos, o queer começa a surgir nesse espírito iconoclasta de alguns membros dos movimentos sociais expresso na luta por desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais (MISKOLCI, 2016, p. 22).

O que difere o movimento homossexual do movimento *queer* é o fato do primeiro apontar para a adaptação dos homossexuais às demandas sociais, de forma que os direitos pelos quais lutavam eram pautados em ideias heteronormativas, afim de encaixar os homossexuais dentro das normas culturais vigentes - eles aceitavam os valores hegemônicos e buscavam um

¹⁴ “A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2016, p. 24).

¹⁵ O movimento feminista é comumente separado em três ondas. “(...) o feminismo moderno ou **a primeira onda**: que começa com a obra de Poulain de la Barre e o movimento de mulheres da Revolução Francesa que ressurgiu com toda a força nos grandes movimentos sociais do século XIX chamado também de **segunda onda** e o feminismo contemporâneo - ou **a terceira onda** - que abarca o movimento dos anos 60 e 70 e as novas tendências que nasceram no final dos anos 80” (GARCIA, 2015, p. 24).

espaço neles. Já o *queer*, como movimento, lutou pelo grande desafio de questionar os valores sociais, de forma que a sociedade pudesse mudar e transformar-se em algo que fosse aceitável em seus termos - “os queer criticam esses valores (vigentes), mostrando como eles engendram as experiências da abjeção, da vergonha, do estigma” (MISKOLCI, 2016, p. 25). Assim, os estudos *queer* explicitam sua recusa dos valores morais, sociais e culturais, que excluem todos aqueles que não se portam ou se adequam as normas heteronormativa.

Os estudos *queer* não se confundem com os estudos gays e lésbicos, mas pretendem se constituir como uma reflexão acadêmica e teórica, de matriz sociológica, sobre os limites da abjeção instaurados pelas normas sociais e seus consequentes silenciamentos que constroem subalternidades humilhadas e desprezadas (DESLANDES, 2015, p. 27).

Os estudos *queer* promoveram um grande impacto na discussão sobre a polaridade hetero/homossexual, entendidas como as únicas possibilidades de expressão da sexualidade. O movimento questionou a supremacia da heterossexualidade, visto que se nós entendemos a homossexualidade como socialmente construída, a heterossexualidade também há de ser. Assim,

O binário hetero-homo é uma construção histórica que a gente tem que repensar. Até mesmo dados empíricos, como os que surgiram a partir de pesquisas sócio-antropológicas durante a epidemia de HIV/aids, mostravam que as pessoas transitavam entre diferentes formas de amar. As pessoas nunca couberam apenas em um número limitado de orientações do desejo (MISKOLCI, 2016, p. 31).

O *queer* questiona o pressuposto de que falar sobre gênero é falar sobre as mulheres e sobre o feminino, pois compreendem o gênero como um aspecto cultural, sendo que homens e mulheres possuem características entendidas como femininas e masculinas e isso independe do sexo biológico. Assim, podemos afirmar que “o gênero é relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade” (MISKOLCI, 2016, p. 32)

As normas sociais impostas, que tanto falamos até agora, promovem um estado que MISKOLCI (2016) nomeia de terrorismo cultural. Através de micro e macro violência diárias contra aqueles que não correspondem ao padrão de comportamento esperado, os preceitos heteronormativos vão se fazendo valer - mesmo se a violência não diz respeito à você explicitamente, presenciamos situações em que alguém a sofre e entendemos que ser daquela forma, ser diferente, é estar constantemente sujeito à situações similares e, assim, aprendemos que existe uma maneira “segura” de existir. O terrorismo cultural, então, busca “ressaltar a

maneira como opera socialmente o heterossexismo¹⁶, fazendo do medo e da violência a forma mais eficiente de imposição da heterossexualidade compulsória” (MISKOLCI, 2016, p. 34).

Precisamos compreender que sexualidade e gênero não são temas privados. Se entendemos os corpos, os gêneros e as sexualidades como objetos de disputas políticas nos campos acadêmicos, religiosos, jurídicos, temos de entender que esses temas fazem parte da esfera pública de debate (GARCIA, 2017). “Podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2016, p. 11). É por meio dos processos culturais e sociais que é definido o que faz parte da normalidade e o que não, o que caracteriza algo como masculino ou feminino em determinada cultura, como são codificadas e estabelecidas as possibilidades de expressar a sexualidade. Portanto, as identidades sexuais e de gênero, são “compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2016, p. 11).

1.1 O papel da escola na manutenção de estereótipos de gênero

A educação, ao repensar suas relações com os poderes hegemônicos, deve voltar-se aos movimentos sociais e entre eles aqueles que se organizam a partir de seu pertencimento a gêneros e sexualidades transgressoras ou que têm como centro de sua crítica a particular articulação que o capitalismo e o patriarcado assumem em nossa época.

*Carla Cristina Garcia
Daniel Françoli Yago
Marcelo Hailer Sanchez
Fabio Mariano da Silva*

Até aqui debatemos sobre como os valores hegemônicos definem e moldam as possibilidades de ser. A escola, como instituição, não se porta diferentemente da norma. Para que seja possível trabalhar em vista de uma educação não sexista, não androcêntrica, não heterossexista e, mais importante, não excludente, é preciso tentar entender quais são os mecanismos que continuam mantendo esse ambiente que discrimina, exclui, vigia e pune. FOUCAULT (1996) afirma que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (p. 44). Em concordância, MISKOLCI (2016) pontua que historicamente a escola foi

¹⁶ Heterossexismo “se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior. Todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização” (BORRILLO, 2010, p. 31).

o ambiente institucional mais claramente usado como tecnologia de normalização. O autor ainda aponta que

A educação, e a escola em particular, tendeu a ser usada como um mecanismo de socialização que era também de normalização das diferenças, seu apagamento ou enquadramento nos modelos que interessavam aos interesses políticos do alto (p. 58).

A educação, portanto, auxilia “a fazer da infância e da adolescência fases dirigidas para a construção de homens e mulheres ideais; leia-se: pessoas ‘normais’, ‘corretas’, como nossa sociedade nos faz crer que devemos ser” (MISKOLCI, 2016, p. 11, 12). Entre essa ideia do que deve ser normal, do que é o correto, e o que de fato acontece e como de fato as pessoas são, repousa uma história não vista de violências frente a todos e todas que não se adequam ao esperado.

LOURO, FELIPE e GOELLNER (2013) discorrem sobre como a cultura ocidental historicamente buscou separar o corpo de outras instâncias, polarizando corpo-espírito, corporeamente, sendo o corpo entendido como o elemento menos nobre e vislumbrando-o como se não fosse produto da cultura e objeto da política, mas algo por si só, independente. Dessa forma, quem trabalhava com educação, aparentemente, não estava preocupado com o corpo. Contudo,

um olhar mais cuidadoso nos mostra que todos os processos educativos sempre estiveram - e estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres. Os corpos foram - e são - objeto da mais meticulosa atenção, não apenas das escolas, mas de várias instâncias sociais. (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p. 9).

Os autores brincam com o sentido da palavra excêntrico, apontando que ao existir uma lógica central, isto é, de que existe uma forma adequada de ser, este vira o centro e tudo aquilo que foge disso se torna excêntrico. Portanto, quando mais longe do centro, mais marginalizada e menos central esta pessoa se torna. Assim, a literatura, a matemática e os saberes históricos difundidos no ambiente escolar pautam-se na posição central, aquela “não-problemática”, e, então, temos uma constante reafirmação da aparente universalidade deste ponto de vista.

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p. 45, 46).

Existe uma ideia mais conservadora, e ingenuamente assimilada pelo senso comum, de que a escola tem de promover um ambiente neutro, objetivo e apartidário (no capítulo

metodológico dissertaremos mais profundamente sobre as noções de neutralidade e objetividade, especialmente no campo acadêmico). Esse pensamento descarta o fato de que nada é neutro, sempre se fala de uma perspectiva - o saber sempre é localizado, como diz HARAWAY (1995). Com a crescente visibilidade dos movimentos de gays e lésbicas e dos movimentos de mulheres por igualdade de direitos, a parcela mais conservadora da população viu seus “direitos” (o que eles chamam de direitos entendemos por privilégios) sendo ameaçados. Desse lugar desconfortável para esse grupo, nascem movimentos como o Escola Sem Partido.

O Escola Sem Partido é um movimento que surgiu no ano de 2004¹⁷ e cresceu de forma significativa nos últimos anos, especialmente após, em 2014, o deputado estadual do Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro, convidar o autor do movimento, Miguel Nagib, para escrever um projeto de lei (PL 2974/2014)¹⁸. O projeto escrito, ainda não aprovado, tem como principais aspectos a exigência de uma neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado, liberdade e pluralismo de crenças e ideias e de que não seja passado nenhum conteúdo conflitante com a educação moral dada pelas famílias, de forma que suas convicções não sejam contestadas dentro do ambiente escolar.

À primeira vista, por dar ênfase à necessidade de respeitarmos diferentes opiniões e manifestações, o projeto parece estar de acordo com a posição político-ideológica apresentada nessa dissertação. Contudo, a justificativa do projeto de lei escrita por Flávio Bolsonaro¹⁹ e os textos escritos por participantes do movimento transparecem a agenda deste grupo conservador, que entende os seus valores como universais, sendo qualquer posição que destoe disto uma ameaça à moral. Os objetivos citados na página do Escola Sem Partido afirmam que eles lutam pela descontaminação e desmonopolização política e ideológica das escolas, pelo

¹⁷ Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/escola-sem-partido/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/e4bb858a5b3d42e383256cee006ab66a/45741a7e2ccdc50a83257c980062a2c2>>. Acesso em: 29 de jun. 2018

¹⁹ “É fato notório que professores e autores de livros didáticos vêm-se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes a determinadas correntes políticas e ideológicas; e para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral - especialmente moral sexual - por vezes incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais. Diante dessa realidade - conhecida por experiência direta de todos os que passaram pelo sistema de ensino nos últimos 20 ou 30 anos -, entendemos que é necessário e urgente adotar medidas eficazes para prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas públicas e privadas, e a usurpação do direito dos pais a que seus filhos menores recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/e4bb858a5b3d42e383256cee006ab66a/45741a7e2ccdc50a83257c980062a2c2>>. Acesso em: 29 de jun. 2018

respeito à integridade intelectual e moral dos estudantes e pelo respeito ao direito dos pais de dar aos seus filhos a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções (ESCOLA SEM PARTIDO, 2018).

Os textos que amparam esses objetivos deixam clara a compreensão de estudante que o movimento tem, que é de alguém passivo, consumidor de conhecimento, que deve respeitar e obedecer a autoridade máxima, representada pela figura do/da docente. Além disso, reforçam que o conhecimento, visto como algo único, pode ser contaminado por ideologias, que tirariam o caráter neutro e objetivo dele, então o/a professor/a deve se esforçar para que isso não aconteça, sendo ele ou ela os únicos detentores do saber. Por fim, se colocam contrários a abordagem de questões morais em disciplinas obrigatórias e que esse tipo de conteúdo deveria ser concentrado em uma disciplina facultativa, para que não fira a educação moral familiar.

SAVIANI (1999) pontua que é necessário entender que “toda prática educativa, enquanto tal, possui uma dimensão política assim como toda prática política possui, em si mesma, uma dimensão educativa” (p. 94). FREIRE (2015) corrobora essa afirmação, ao falar em uma reflexão político-pedagógica e entender que a educação e os processos educativos são, necessariamente, sempre uma troca entre homens e mulheres, que, mediados pela palavra, buscam compreender o mundo em que vivem. Essa troca é mediada por um constante processo de ação-reflexão, que nunca se encerra, pois é necessário fazer a prática e pensar a prática, de modo que possamos nos tornar cada vez mais conscientes do mundo em que vivemos. Assim sendo, pensar em um projeto de educação que seja neutro, como prega o Escola Sem Partido, é uma atividade inconsistente e irreal - sempre existe um viés político, que pode ser claro ou mascarado.

Entendemos que o campo da educação é um campo multidisciplinar que

envolve uma variedade de estratégias conjuntas desenvolvidas pelas diferentes instâncias sociais, que, historicamente, reivindicam a democratização do conhecimento e do processo de ensino e aprendizagem. A educação, em nossa perspectiva, não se estabelece como um fenômeno estritamente técnico-pedagógico pois é permeada de disputas ideológicas e políticas. Tais disputas trazem a marca de uma sociedade de classes marcada por desigualdades sociais, econômicas e culturais que repercutem no conjunto das relações humanas. Nesse sentido, consideramos que no ato político de educar sujeitos são inseridas concepções de mundo, de sociedade, de sujeito e de escola (SILVA; CRUZ, 2017, p. 163, 164)

SILVA e CRUZ (2017) reafirmam a importância de que pesquisadores e pesquisadoras imersos na educação assumam uma posição política que defenda a educação pública, laica e

universal, tendo em mente os direitos às minorias sexuais e expressões de gênero não-heteronormativas, que foram “excluídas do acesso aos conhecimentos historicamente construídos a ponto de se reproduzirem as chamadas marginalidades sociais” (p. 164). Uma educação pautada na democracia tem de ter um olhar crítico e uma constante reflexão acerca do que se está ensinando, para quem se está ensinando e se alguém está sendo favorecido (ou desfavorecido).

O debate sobre gênero e sexualidade no contexto escolar começou a tomar forma especialmente após a década de 1980, com a grande discussão em torno da AIDS/HIV. As discussões, entretanto, eram tratadas como uma forma de prevenção de doenças e gravidez na adolescência, pensava-se que a informação, na maioria das vezes com cunho biológico, seria a cura para as epidemias que estavam surgindo. Essa manifestação da discussão sobre sexualidade era comumente relacionada ao discurso anti-drogas, de formas que aquilo que era passado tinha o intuito de prevenir: DSTs, gravidez na adolescência e o consumo de drogas (CÉSAR, 1999). Produzia-se, então, a fala sobre um sexo bem educado (normatizado),

isto é, as práticas heterossexuais, monogâmicas, consolidadas pelo matrimônio e reprodutivas, foram observadas pelos olhares e ouvidos atentos de médicos e psiquiatras, que podiam até mesmo prescrever mais sexo e a intensificação do prazer. As práticas outras, ou as sexualidades não normativas, deveriam ocupar o lugar das margens, além de serem também esquadrihadas por médicos e terapeutas que produziram saberes que definiram as configurações e nomenclaturas desses outros da sexualidade (CÉSAR, 1999, p. 69)

E como sair dessa dinâmica que necessariamente exclui e pune aqueles e aquelas que não se encaixam nas categorias engessadas impostas? CÉSAR (1999) entende que “a educação sexual no contexto escolar contemporâneo possa ser um espaço para entendermos a história da sexualidade do ponto de vista dos nossos mecanismos de exclusão e de produção da norma sexual, de modo que possamos resistir aos mecanismos de produção e reprodução da norma” (p. 69). Se conseguirmos atingir esse nível de reflexão, teremos então uma educação sexual escolar que será um ato político que abrace a todos e todas.

Todavia, compreendemos o grande desafio que acreditamos e propomos aqui. Pensar em um modelo de educação, que seja contrário as normas hegemônicas, exige um movimento de reflexão constante, não só da prática pedagógica, mas dos próprios valores e das próprias atitudes diárias que podem, muitas vezes sem percebermos, reforçar padrões e estereótipos. Não só devemos rever essas questões, mas também como são construídas e, para isso, é preciso

voltar nosso olhar a estrutura dos cursos de pedagogia oferecidos no Brasil. Não nos parece viável, contudo, aprofundar essa discussão na presente dissertação²⁰.

Ademais, seguimos pensando na possibilidade de uma pedagogia *queer*. GARCIA (2017) pontua que uma pedagogia *queer* ou transgressora deve mexer na estrutura dos sistemas educativos, sejam eles formais, não formais ou informais, de forma que possamos repensar as classificações e estruturações que fazemos das pessoas. Assim, essa pedagogia transgressora serviria para reconsiderarmos as atitudes racistas e machistas, as discriminações contra portadores de necessidades especiais e tantos outros grupos excêntricos. Apenas aplicando uma pedagogia que abraça todos e todas e permita repensar os corpos que são educados, conseguiremos sair dessa estrutura binária, tanto criticada por nós.

A formação e as práticas pedagógicas ainda são fortemente pautadas em um conceito de normalidade, como antes mencionado. Este conceito deriva de valores hegemônicos “que consideram os seres humanos como abstratos e ‘descorporizados’” (GARCIA, 2017, p. 18) e é um dos motivos pelos quais temos universidades, escolas e ambientes educacionais não formais com carência de materiais educativos que possibilitem uma discussão que aborde, de forma crítica, as situações de violência e discriminação que passam os marginalizados.

O panorama feito neste capítulo embasa nosso entendimento de que precisamos não só trazer a discussão da temática para dentro das escolas, mas também para as universidades que formam as professoras e professores que estarão em sala de aula. Isso se faz necessário também para os momentos de formação continuada dos professores e das professoras que já estão lecionando, de forma que possa ser um processo contínuo de reflexão e ação. Além disso, ilustra a relevância da discussão sobre gênero e sexualidade e como diversos dispositivos sociais apresentam carência de um debate crítico-reflexivo acerca do tema.

²⁰ Para mais dados sobre a educação sexual nos cursos de pedagogia ver MOKWA, PRETENAS e GONINI (2015), MARTINS (2012) e LOPES e OLIVEIRA (2014).

2. Método

Ah, [pesquisa] é tipo conhecer o mundo, mas conhecer as salas [de aula] né?

Arthur, 7 anos

A presente pesquisa, como dito na apresentação, se desenvolveu em conjunto com uma instituição, a partir de suas demandas, o que revela de antemão seu caráter qualitativo e interventivo.

Uma pesquisa de caráter qualitativo e interventivo pode ser compreendida, em si mesma, como um campo de investigação, sendo uma atividade que situa o/a observador/a no mundo. Assim, essa modalidade é formada por um conjunto de práticas (materiais/interpretativas) que possibilitam um modo de ver o mundo, transformando-o em diversas representações por meio de entrevistas, diários de campo e outros. A pesquisa qualitativa parte do pressuposto de que o/a pesquisador/a estuda os fenômenos como aparecem em seu ambiente, buscando compreender como eles se revelam (DENZIN e LINCOLN, 2006).

SANTOS (2016), ao discorrer sobre a pesquisa qualitativa em sua tese de doutorado, desenha esse modo de pesquisar como uma investigação de questões ímpares, que trabalha com apreensões impassíveis de quantificação, controle ou generalização. Portanto, a pesquisa qualitativa se caracteriza como um método de investigação que não tem como objetivo a quantificação, rompendo com a corrente hegemônica da massificação de dados e generalização de resultados.

O processo da pesquisa qualitativa de caráter interventivo é construído na e pela própria pesquisa, sendo de suma importância a construção de seu caminho. A presente pesquisa, por exemplo, se construiu na parceria com outras profissionais, a partir de suas demandas e interrogações. O problema que a fundamenta: **Como as questões de gênero e sexualidade aparecem para as professoras de uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo?**, foi da mesma forma construído a partir de diálogos com a instituição parceira.

Nesse contexto o/a pesquisador/a tem a intenção de compreender os fenômenos a partir do local onde se revelam, buscando entender as pessoas e questões ali presentes. Deve-se, portanto, aproximar da realidade sobre a qual se pretende pesquisar, entendendo que já somos,

inclusive, parte dela, de forma que o/a pesquisador/a esteja em contato direto com os fenômenos existentes naquela comunidade (LOURIDO, 2017).

DENZIN e LINCOLN (2006) dissertam sobre a combinação de distintos métodos de investigação presentes nas pesquisas qualitativas, de modo que busquem uma melhor compreensão acerca da complexidade dos fenômenos observados. Assim, esse campo de pesquisa, formado por uma multiplicidade de paradigmas teóricos, pretende uma ampla e abrangente compreensão acerca daquilo que se deseja investigar, não se prendendo a uma única teoria ou paradigma, mas usufruindo das diversas práticas disponíveis em busca de um entendimento mais completo.

Como SANTOS (2016) aponta, esse modo de pesquisar sofre retaliações da própria academia, muitas vezes visto como uma ameaça ao positivismo e às chamadas *hard sciences*²¹, que pregam uma objetividade e neutralidade no pesquisar (DENZIN e LINCOLN, 2006).

No contexto dos questionamentos sobre a pesquisa qualitativa e de caráter interventivo, há diversas abordagens que se afinam com essas propostas. O pensamento fenomenológico, que inspira o presente trabalho, questiona essa neutralidade e objetividade. Assim, o modo de investigação inspirado no pensamento fenomenológico entende que sempre se fala de algum lugar, se observa de algum lugar e compreende a singularidade dos fenômenos, aspectos que serão aprofundados adiante.

2.1. Uma Inspiração Fenomenológica...

Uma pesquisa de inspiração fenomenológica assume a não conformidade com conceitos como objetividade e ambiente neutro, extremamente difundidos na área científica, pois traz à tona a reflexão sobre a perspectiva e singularidade das situações (CRITELLI, 2006). Esse método de investigação se propõe a apreender e compreender o fenômeno como ele aparece. MORATO e CABRAL (2013) explicitam essa concepção, ao escreverem sobre o problema de pesquisa.

Dito de outro modo, acontecimentos ou fenômenos que se apresentam ao humano demandaram um posicionamento ou um situar-se em relação ao que se mostra, revelando-se na sua condição relacional consigo e com o que o envolve. Nesse sentido, pesquisar é tão somente construir uma forma de olhar para algo, de tentar

²¹ Denzin e Lincoln (2006) classificam como *hard sciences* as ciências de cunho positivista experimental, como física, química e economia, que costumam ser vistas como “as grandes façanhas da civilização ocidental, supondo-se, em suas práticas, que a ‘verdade’ possa transcender a opinião e a tendenciosidade pessoal” (p. 22).

compreender alguma situação que parece enigmática a alguém, cada questão comporta diversos pontos de vista e pode provocar diferentes modos de pesquisa. De qualquer maneira a questão que brota como crucial para um pesquisador, em determinado momento, tem um caráter próprio, que se relaciona com aquela pessoa em particular. Este é um viés assumido, que não invalida ou ignora a necessidade de refletir e buscar esclarecer a relevância social e pública da pesquisa a ser testada pela questão (p. 160, 161).

Para que seja possível compreender um fenômeno é necessário investigar, trabalhar a partir de uma interrogação. Ao buscar essa compreensão, não se tem a intenção de responder algo que já se sabe acerca daquele fenômeno, não se busca aplicar aquilo que já é conhecido sobre o mesmo. A investigação acontece justamente ao perguntarmos ao fenômeno aquilo que queremos saber dele (CRITELLI, 2006). Portanto, uma investigação constitui-se pela interrogação, ou melhor, pela ação de “levar adiante uma interrogação a respeito de alguma coisa” (p. 27, 28).

Por essa razão a interrogação que norteia a presente pesquisa é **Como as questões de gênero e sexualidade aparecem para as professoras de uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo?** e, embora muito se pesquise em relação à gênero e sexualidade, pretende-se explorar um espaço com suas particularidades, que é a escola Morro Grande, cujas características serão apresentadas no item 2.3.1.

CRITELLI (2006) disserta sobre como todo querer compreender/saber “que se lança interrogante em direção àquilo que o apela, que o afeta, que provoca sua atenção e interesse” (p. 28) pode ser considerado uma investigação. A autora aponta a importância de, ao investigar questões humanas, se ter uma concepção mais ampla do que os instrumentos que serão utilizados, de forma que seja possível a atuação independente da presença deles em todos os momentos da pesquisa, valendo-se da orientação de si mesmo, em seu estar-no-mundo.

Para que seja possível entender a investigação e análise do real a partir da perspectiva da Analítica do Sentido

é necessário que se tenha presente, primeiro, que metodologicamente a ela importa a explicitação da *natureza*, digamos assim, e do *modo* da interrogação que põe em andamento. Todo instrumento é, para a Analítica do Sentido, um recurso provisório, secundário, e que às vezes nem serve, repetidamente, para a mesma questão (CRITELLI, 2006, p. 28).

Portanto, a investigação entendida por CRITELLI (2006) é um “querer saber que interroga” (p. 29). O enfoque se dá naquilo que se quer saber, que corre paralelamente ao modo de interrogação, distanciando-se do modelo que se volta para o instrumental quando da

investigação. Contudo, isso não significa que ocorra de qualquer maneira, a depender da curiosidade do/a investigador/a. É necessário ter clareza do modo da interrogação durante todo o processo de investigação. Sobre o modo de investigação CRITELLI (2006) afirma que ele

é determinado exatamente por aquilo que se quer saber e não pelos recursos técnico-operacionais que se possa pôr em prática. O fundamento do método fenomenológico está dado, sobretudo, por aquilo que se busca compreender (p. 29).

Isto significa que para que seja possível compreender o que algo é, é preciso perguntar pelo *o que é* e *como é*. Por exemplo, no caso da investigação aqui relatada busca-se compreender *o que é* gênero para as educadoras de uma escola municipal de São Paulo e *como é* que esse fenômeno aparece para as mesmas. *O que é* e *como é* são os princípios de uma investigação, sendo que esses dois questionamentos podem ser pesquisados com a indagação acerca do que é o ser de algo, visto que “o *ser* de algo sempre é composto pelo *o que* algo é e *como* ele é” (CRITELLI, 2006, p. 29).

O método de investigação fenomenológico se debruça sobre a questão do ser. O que determina a identidade desse método é aquilo que se compreende que o ser é, dessa forma, estruturando a interrogação da investigação. Essa concepção de ser que orienta a investigação se ramifica em três instâncias: a primeira concepção acerca do que o ser é, visto ser impossível indagar sobre algo que não se sabe o que é; algum conhecimento acerca do lugar do acontecimento a ser investigado, onde esse ser está e os aspectos que permeiam este ambiente; uma compreensão. Por exemplo a pessoa que pesquisa gênero aqui é uma mulher, e como tal, vivencia questões específicas de ser-mulher-no-mundo. As educadoras são mulheres também. Este é o recorte, sempre partimos de algum lugar a respeito do horizonte de explicação, onde o ser se expressa da forma mais fidedigna possível (CRITELLI, 2006). A partir desses três elementos é possível entender o perguntar como uma investigação propriamente dita.

Para que seja possível uma melhor compreensão desse método de pesquisa precisamos discorrer sobre a compreensão fenomenológica de ser. De acordo com CRITELLI (2006) “o ser de um ente coincide com seu próprio aparecer” (p. 31). Isto significa que o ente é aquilo que aparece, que se mostra para nós naquele momento, tendo como características sua impermanência e dinâmica fenomênica, pois aparece e desaparece. Assim, há coincidência entre ser e aparência.

Para a fenomenologia, por não haver uma dicotomia prévia entre ser e ente, o ser não está por trás das aparências, mas nelas mesmas. O ente carrega em si seu ser, seu aparecer e desaparecer, seu estar à luz, mas está no ente. Portanto, está naquilo que

se mostra. Assim, a aparência, para a fenomenologia, é legítima (CRITELLI, 2006, p. 32).

Por conseguinte, para a fenomenologia o próprio estar no mundo já é o lugar de manifestação do ser dos entes, o que é chamado de *ser-no-mundo*. CRITELLI (2006) aprofunda a questão ao dizer que é possível falar “numa postura fenomenológica, isto é, numa consciência de ser que dispõe o pensar e o próprio existir; ou ser-no-mundo, em sua historicidade” (p. 34). Desta forma, o ente é em si mesmo e “requer, para a sua existência, o contraponto de uma consciência que a reconheça” (CRITELLI, 2006, p. 37).

CRITELLI (2016) discorre sobre a questão da aparência e como “este ser assim entendido manifesta-se ou apresenta-se no ente, mas não no ente apreendido como coisa em si e sim no ente visto enquanto *presença no-mundo*” (p. 43). A autora reforça como, para a fenomenologia, nada é em si, nem mesmo uma ideia. O ser, então, é expresso e manifesto “no horizonte existencial, isto é, nos modos-de-se-ser-no-mundo” (p. 43). Da mesma forma que o ser aparece em sua plenitude nesse eixo, ele também desaparece, o que nos leva a discussão acerca da temporalidade: somos entre o espaço nascer-morrer; a nossa finitude nos permite compreender o aparecer dos entes, já que é essa a experiência mesma dos homens (e mulheres).

2.2. ... e Feminista

A partir do que foi aqui desenhado é possível fazer uma correlação entre o modo de pensar fenomenológico, o feminismo e a construção de um conhecimento feminista, especialmente ao discorrermos sobre o questionamento acerca da objetividade e da neutralidade.

As epistemologias feministas, no plural, pois se propõem a ser um campo multidisciplinar, defendem a pluralidade metodológica, de maneira que renegam a ciência positivista por entender que esta é androcêntrica, já que sua concepção de objetividade está pautada no olhar do homem. Por sua vez, os estudos feministas quebram qualquer tentativa de neutralidade e objetividade ao entender que o conhecimento não existe solto, mas é *sempre* situado. Tendo em vista o compromisso com a mudança social, proposto por pesquisadoras feministas, não se tem, e nem se deseja ter, imparcialidade: entende-se que somos pessoas em um contexto histórico, social e cultural (NARVAZ e KOLLER, 2006).

HARAWAY (1995) faz duras críticas ao modelo hegemônico de ciência. A pesquisadora estadunidense discorre sobre como a ciência positivista, tida como objetiva e neutra, pauta-se em uma concepção de homem que abrange apenas o próprio círculo restrito de pesquisadores privilegiados, evidenciando a relação de poder presente no mundo acadêmico. Com esse discurso, Haraway vai preparando o terreno para expressar aquilo que almejam as feministas acadêmicas, como no trecho abaixo.

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm (HARAWAY, 1995, p. 15).

Ao discorrer sobre uma metodologia feminista, HARAWAY (1995) fala sobre o desafio de ter, ao mesmo tempo uma

explicação da contingência histórica radical sobre todo conhecimento postulado e todos os sujeitos cognoscentes, uma prática crítica de reconhecimento de nossas próprias 'tecnologias semióticas' para a construção de sentido, e um compromisso a sério com explicações fiéis de um mundo 'real', um mundo que possa ser parcialmente compartilhado e amistoso em relação a projetos terrestres de liberdade finita, abundância material adequada, sofrimento reduzido e felicidade limitada.[...] Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (p. 15, 16).

Criticando a pesquisa positivista centrada no olhar "objetivo" do homem branco, HARAWAY (1995) explicita a importância do entendimento da visão e de sua natureza corpórea, expondo a falsa ilusão presente no olhar que tem o poder de ver sem ser visto, que ela chama de olhar Homem e Branco. Justamente por representar essa ilusão é que a pesquisadora coloca em questão a objetividade e, paradoxalmente, faz menção à uma objetividade feminista, que seria corporificada, ou seja, representando um saber localizado.

Aprofundando seu raciocínio, a autora faz um paralelo entre o papel exercido pelo dinheiro nas trocas capitalistas e o reducionismo presente nos âmbitos mentais das ciências globais quando é usada uma linguagem imposta pelo Homem Branco como o parâmetro para as conversões e traduções, de forma que se cria (e deseja) apenas um modo de falar, escrever, pensar, atuar (HARAWAY, 1995).

A crítica da autora à objetividade pregada pelas ciências positivistas traz uma nova perspectiva acerca daquilo que pode ser validado como conhecimento e coloca em foco a importância do debate acerca dessa dita objetividade: objetividade de quem? Para quem? Com

quem?, inclusive apontando o jogo de poder presente no campo das ciências (mas não só). HARAWAY (1995) continua afirmando que

essa proposta se aplica quer estejamos falando a respeito de genes, classes sociais, partículas elementares, gêneros, raças ou textos; aplica-se às ciências exatas, naturais, sociais e humanas, apesar das ambiguidades escorregadias das palavras objetividade e ciência conforme circulamos pelo terreno discursivo. Em nosso esforço por escalar o pau de sebo que leve a uma doutrina utilizável de objetividade, eu e a maioria das outras feministas nos debates sobre a objetividade, temos alternadamente, ou até simultaneamente, nos agarrado a ambos os lados dessa dicotomia que Harding descreve como projetos de ciência sucessora versus explicações pós-modernas sobre a diferença e que esbocei aqui como construtivismo radical versus empiricismo crítico feminista. É claro que é difícil subir quando se está agarrado a ambos os extremos de um poste, simultânea ou alternadamente. Portanto é hora de mudar a metáfora (p. 16, 17).

Apesar de mostrar contradição ao criticar a objetividade pregada pela ciência positivista e, ao mesmo tempo, buscar uma objetividade que se aplique de forma melhor naquilo que Haraway acredita que a ciência pode ser, a autora apresenta um modo de pensar o pesquisar que conversa com o pensamento fenomenológico.

No campo dos estudos feministas diversas outras autoras problematizam o modelo de ciência positivista e negam qualquer tipo de objetividade ou neutralidade. SCOTT (1995), ao sugerir gênero como uma categoria de análise, aponta a importância dos estudos feministas para um novo modo de fazer ciência, quebrando antigos paradigmas e abrindo novas possibilidades de produzir conhecimento.

Além disso, o que é talvez mais importante, 'gênero' era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente (SCOTT, 1995, p. 73).

A autora também aponta as relações de poder que estão em jogo, enaltecendo que culturalmente e socialmente são criados e mantidos esquemas que privilegiam certos tipos específicos de pessoas, enquanto outros são marginalizados e excluídos. A academia, a ciência, ao produzirem conhecimento dito neutro são agentes de manutenção dessas relações.

O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão e, em segundo lugar, uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos (SCOTT, 1995, p. 73).

Dessa forma, SCOTT (1995) expõe não só a relevância de se entender o gênero como uma categoria de análise, mas de conseguir perceber outros aspectos que estão completamente imersos em nossa sociedade e que também devem ser pensados, problematizados e discutidos – são esses as categorias de classe e raça. Assim, a pesquisadora ressalta a importância de construir uma mudança, mas sem desconsiderar aquilo que já foi feito no campo das ciências.

Não penso que devemos deixar os arquivos ou abandonar o estudo do passado, mas acredito, isto sim, que devemos mudar alguns de nossos hábitos de trabalho, algumas questões que temos colocado. Devemos examinar atentamente nossos métodos de análise, clarificar nossas hipóteses de trabalho, e explicar como a mudança ocorre. Em vez da busca de origens únicas, temos que pensar nos processos como estando tão interconectados que não podem ser separados. É evidente que isolamos certos problemas para serem estudados e que estes problemas constituem pontos de partida ou de entrada para processos complexos. Mas são os processos que devemos ter sempre em mente. Devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram (SCOTT, 1995, p. 85, 86).

Destarte, SCOTT (1995) destaca a necessidade de levar em consideração o caminho, o processo, que no presente trabalho é compreendido como a metodologia em si. Essa escolha metodológica é explicitamente um ato político, como qualquer posicionamento o é. NARVAZ e KOLLER (2006) dissertam sobre a imprescindibilidade de assumir a não neutralidade e não objetividade ao pesquisar.

Faz-se necessário, nesse sentido – embora isso ainda seja um tabu em nosso meio científico – assumir que tais escolhas são um ato político, mesmo em se tratando de escolhas de métodos de pesquisa e de teorias que fundamentam o empreendimento de pesquisa (p. 648).

As autoras, ao afirmarem que a pesquisa pode ser – e é – política, discorrem sobre como não existe um campo neutro nas práticas psicológicas. Elas afirmam que

Entendendo que toda atividade humana, na medida em que está implicada, é política, é preciso que explicitemos nossos pressupostos teórico-epistemológicos e, ao fazê-lo, assumamos os aspectos político-ideológicos inerentes às nossas práticas. Quer na pesquisa, quer na academia ou na clínica, estes aspectos têm sido comumente negligenciados ou mesmo recusados, sob a também ideológica pretensão de neutralidade e objetividade. Tal recusa pode ser compreendida como uma estratégia das elites brancas masculinas e burguesas (que geralmente detêm a hegemonia dos espaços de poder-saber), ao tentarem evitar a responsabilidade sobre as motivações e sobre as consequências dos saberes produzidos (...) (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 648).

Dessa maneira, podemos entender os estudos feministas como um movimento político, social e epistemológico. Tendo em vista as relações de poder presentes na sociedade, a importância do discurso científico na manutenção de tais laços e a necessidade, apontada pelo

campo dos estudos feministas, de mudar o lócus do conhecimento, explicitar as diferenças e trabalhar com elas, FONSECA (2008) reforça a não possibilidade de uma ciência neutra, apontando que

se os produtos da ciência podem ser considerados como efeitos de regimes de verdade, ou seja, não como verdade absolutas e sim como resultantes de processos históricos determinados a cada contexto social (...) há de se reconhecer simultaneamente tanto a impossibilidade da neutralidade científica como a eficácia da ciência quanto ao seu poder performativo estruturante, capaz de dizer as espécies que o mundo contém e as que dele se encontram excluídas (p. 298).

Sustentada por essas duas vertentes epistemológicas, a intenção, portanto, da presente pesquisa é construir um trabalho (tanto na parte da pesquisa propriamente dita como da intervenção) contra-hegemônico, não positivista, crítico da objetividade e da generalização. Entendemos que este é um desafio muito grande, que encontra diversos obstáculos em seu percurso, pois partimos de uma posição desconfortável e que desconforta - o material teórico que embasa o nosso pensamento provoca questionamentos acerca do modo de pensar mais amplamente difundido. Essa provocação faz-se clara nas intervenções, que foram pensadas em virtude da demanda da instituição parceira, que ao mesmo tempo em que busca um debate crítico acerca da temática, tem uma pluralidade de pensamentos e ações representadas pela equipe docente.

2.3. Pesquisa de cunho interventivo: a pesquisa-ação como inspiração

Em um contexto de pesquisa caracterizado pela não objetividade, não neutralidade e uma participação ativa no ambiente, precisamos entender o caráter da pesquisa-ação. TOLEDO, GIATTI e JACOBI (2014) defendem que a pesquisa-ação por

seu caráter participativo, reflexivo, dialógico, dinâmico e interdisciplinar, tem potencial para desenvolver um processo de produção colaborativa de saberes, que possibilita o enfrentamento de dilemas socioambientais e de saúde atuais e contribui para a tomada de decisões compartilhadas, por meio de um processo cíclico de planejamento-ação-interpretação (p. 634).

Posto isso, ao pensarmos uma pesquisa de caráter educacional e interventivo, desenhamos, então, uma pesquisa que atua junto à comunidade, estreitando a relação da academia com ela. Nessa concepção, não é possível pensar em uma pesquisa desconexa da realidade, no sentido que se entende que a pesquisa sempre acontece em um determinado lugar, com determinadas pessoas, em um determinado contexto.

Dessa forma, cria-se a oportunidade de uma pesquisa repleta de interdisciplinaridade,

que

se apresenta, portanto, como um pensamento e um campo de conhecimento em construção, alternativo e complementar e, ao mesmo tempo, inovador, pois além de relacionar saberes, busca a aproximação entre o teórico e o prático, entre o filosófico e o científico, entre ciências e humanidades, e entre ciência e tecnologia. Frente a esta nova lógica, identificam-se novos desafios metodológicos de pesquisa, tanto pela interação e troca entre diferentes disciplinas/saberes, como por uma nova relação sujeito observador-objeto observado na produção de conhecimentos, o que implica, inclusive, contar com a predisposição de cientistas formados nas ciências disciplinares para ingressarem nesta linha de pensamento marcada por incertezas, verdades provisórias e diálogo (TOLEDO, GIATTI e JACOBI, 2014, p. 634, 635).

A interdisciplinaridade pode ser entendida, então, como uma “reflexão crítica sobre os fundamentos e os sentidos do conhecimento, sobre suas fissuras; e na perspectiva de reintegrar conhecimentos e saberes que haviam sido fragmentados pela ciência positivista” (TOLEDO, GIATTI e JACOBI, 2014, p. 165). Esse modo de pesquisar, que rompe com a corrente hegemônica, surge frente

Não apenas a uma situação de insatisfação com paradigmas e métodos de pesquisa clássicos, mas, também, à necessidade de se promover maior articulação entre a teoria e a prática na produção do conhecimento, por meio do envolvimento direto dos grupos sociais na compreensão e busca de soluções para seus problemas, especialmente os de natureza complexa (TOLEDO, GIATTI e JACOBI, 2014, p. 635).

De acordo com TOLEDO, GIATTI e JACOBI (2014) uma pesquisa-ação é caracterizada por seu dinamismo metodológico, o uso de diversos instrumentos de pesquisa e intervenção e a participação ativa de seus participantes. Além disso, trata-se de um processo cíclico – as investigações levam a intervenções que levam a novas investigações. Esse processo faz-se lúcido na nossa pesquisa, que surge a partir de uma demanda da instituição, que por sua vez apareceu após uma intervenção feita por outro pesquisador²², mostrando, também, o caráter colaborativo da ciência.

O dinamismo que compõe essa metodologia, bem como sua abertura, permite que a pesquisa vá se desenhando conforme ela vai sendo elaborada – as adequações metodológicas serão feitas conforme as demandas, visto ser um processo colaborativo. Esse processo exige uma reflexão constante, que faz parte da característica cíclica acima mencionada – cada ação

²² FACHIM, F. L. **Quem vai falar da e com a juventude LGBTT na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

gera um resultado, que é analisado, interpretado e incorporado, dando início a uma nova ação e assim por diante.

É possível afirmar que a pesquisa-ação desvela problemas sociais e técnicos, de relevância científica, por meio de encontros entre o/a pesquisador/a, aqueles diretamente em contato com a situação-problema e pessoas implicadas na formulação de possíveis soluções ou ações (sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas) para o problema/situação em questão. Assim, essa via ou aglomerado de procedimentos com o intuito de conectar conhecimento, ação e a (factível) elaboração de novos conhecimentos concebe-se como método (THIOLENT, 2011).

Por conseguinte, tem-se a intenção de levar a academia às situações, entendendo o pesquisar como possibilidade de intervenção e (possível) melhora social. Por melhora social, entende-se qualquer tipo de melhoria no cotidiano daquela comunidade na qual se está atuando – seja um espaço coletivo de construção de conhecimento, alternativas para problemas relatados, encontros de formação em diversas temáticas, entre outros. Contudo,

Seja qual for seu grau de intensidade, a vontade de pesquisar e de transformar situações não significa ‘fazer agitação’ ou ‘propaganda’ a favor de soluções preestabelecidas que, na maioria das vezes, revelam-se ilusórias. Não existe neutralidade na pesquisa social em geral, e tampouco na pesquisa-ação, mas isso não significa que tal proposta metodológica deve se confundir com as vontades (ou veleidades) de tal ou qual entidade política ou religiosa. Por meio de um maior grau de exigência metodológica e científica, podemos evitar certas manipulações ou vieses indesejáveis (THIOLENT, 2011, p. 9).

Assim, a nossa pesquisa, como objetivo geral, se propõe a, ao fazer a pergunta **Como as questões de gênero e sexualidade aparecem para as professoras de uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo?**, buscar uma melhor compreensão acerca do entendimento que este grupo de professoras tem sobre a temática gênero e, nesse caminho, como objetivo específico, pretende construir possibilidades de trabalho para (e com) essas pessoas e essa comunidade escolar.

2.4. Contextualizando a pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida em parceria com uma escola municipal de educação fundamental (EMEF), especialmente com as professoras²³ do ensino fundamental I

²³ Professoras é usado no feminino, pois no ensino fundamental I da escola em questão trabalham apenas professoras mulheres.

e duas componentes da equipe gestora. Esta escola possui uma parceria de longa data com o grupo de pesquisas ECOFAM, anteriormente explicitado, e compreende o caráter participativo das pesquisas desenvolvidas em seu território, em especial a importância de seu papel na construção do problema de pesquisa e do desenrolar da mesma.

A EMEF em questão encontra-se na Brasilândia, uma região situada ao norte do município de São Paulo. Segundo dados da prefeitura de São Paulo, o distrito da Brasilândia ocupa uma área de 21 km² e, em 2010, abrigava 264.918 habitantes²⁴. Dentre os distritos da cidade de São Paulo, a Brasilândia é aquele com o maior número de pessoas pretas, sendo 10,4% de sua população composta por negros. Soma-se a essa porcentagem, os 40,2% de pessoas que se autodeclararam pardas, totalizando 106.520 pessoas negras e pardas (ROSA, 2016). ROSA (2016), ao situar o território, aponta que 40% dos domicílios possui renda de até dois salários mínimos, faz menção ao alto índice de violência e enfatiza a importância de se compreender as questões racistas, machistas e de classe que permeiam a população dessa região.

2.4.1. A EMEF

Conhecida popularmente como Morro Grande, a EMEF parceira desta pesquisa fica localizada em uma região da Brasilândia conhecida como sítio Morro Grande – o que deixa evidente o motivo de seu apelido. A escola é considerada como uma das melhores da região, de acordo com a equipe gestora atual, e é vista como escola de referência, por seus projetos que contam com a participação efetiva dos/as alunos/as e da comunidade, por sua proposta de educação humanizada e pela forma como conduz atividades com profissionais não vinculados à instituição.

Fundada em 2009, sua estrutura física é composta por um prédio de três andares, sendo um deste o térreo, que abriga os pátios, interno e externo, e a quadra poliesportiva coberta. Além das salas de aula dispostas nos dois andares superiores, a escola conta com uma sala de música, uma de artes, uma sala de leitura, uma de vídeo, uma brinquedoteca e uma sala de computação.

Nos corredores da escola é possível encontrar diversos painéis que expõem os trabalhos das/os alunas/os de diferentes anos letivos, bem como atividades temáticas e intervenções

²⁴ Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 04 nov. 2017.

artísticas. Por meio desse cenário, é possível ter a impressão de que existe uma busca por integração, onde professoras/es e alunas/os desenvolvam e mantenham o interesse em saber o que está acontecendo dentro dos muros da escola, mas fora de sua sala de aula específica.

Nos encontros com a equipe gestora – diretora, assistente de direção e coordenadora do fundamental I – ficou evidente a motivação que essas profissionais têm em debater questões sociais e culturais, disponibilizando-se para discutir temas diversos e abrindo inúmeras possibilidades de horários e espaços para que pesquisadora/es parceiras/os atuem na e com a comunidade escolar.

2.5. As participantes

A presente pesquisa, como anteriormente mencionado, é fruto do desdobramento de uma pesquisa anterior²⁵. Assim, a partir das considerações feitas pela equipe gestora, provocadas por um trabalho desenvolvido com professoras/es, alunas/os e outras participantes da comunidade escolar pertencentes ao ensino fundamental II, e por meio de observações de salas de aula, intervalo e sala das/os professoras/es, verificou-se a necessidade de atuar com a equipe do ensino fundamental I. Em reunião inicial com a assistente de direção e a coordenadora escolar foi apontada a importância de criar-se um espaço para que fosse possível discutir a temática gênero e sexualidade com as professoras responsáveis pelos primeiros anos do ensino fundamental.

Dessa forma, caracterizam-se como participantes desta pesquisa as professoras do ensino fundamental I que fazem parte da JEIF²⁶ noturna e duas integrantes da equipe gestora, a assistente de direção e a coordenadora do fundamental I.

2.6. A pesquisadora na escola – Procedimentos

Fizemos o primeiro contato com a instituição em uma reunião no meio do primeiro semestre letivo de 2017, que contou com a participação da diretora escolar, assistente de direção, coordenadoras dos ensinos fundamental I e II, a presente pesquisadora, sua orientadora e outros membros do mesmo grupo de pesquisa. Nessa reunião nos apresentamos à equipe

²⁵ FACHIM, F. L. **Quem vai falar da e com a juventude LGBTTT na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

²⁶ Jornada Especial Integrada de Formação – encontros semanais de formação continuada da equipe escolar

gestora e trocamos informações referentes aos interesses das/os pesquisadoras/es e da escola, buscando caminhos para cada pesquisa.

Duas semanas após a primeira reunião, realizamos um segundo encontro com o intuito de aprofundar as possibilidades da presente pesquisa, contando com a presença da diretora, assistente de direção e coordenadora do fundamental I. Acordamos que, em um primeiro momento, faríamos observações do espaço escolar – salas de aula, intervalo das/os alunas/os, momentos livre e sala dos professores. Para essa primeira parte o procedimento utilizamos a observação participante, que explicaremos adiante.

Parte I – Observação participante

VALLADARES (2007) descreve a observação participante como um longo processo. Usualmente o/a pesquisador/a sabe pouco ou nada sobre o local no qual pretende se inserir, devendo desprender de um primeiro momento de exploração, fase essencial para o desenrolar da pesquisa. No caso desta pesquisa, fizemos quatro momentos distintos de observação, de forma que todas as salas de aula do ensino fundamental I e os momentos livre, como o intervalo, fossem observados.

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Uma auto-análise faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa. (VALLADARES, 2007, p. 154)

Entendemos, então, que a observação participante não tem a pretensão de pregar uma possível observação neutra – assume-se de início que a pesquisadora irá entrar em contato com as pessoas do território, precisamente pelo simples motivo de que o seu estar lá, estar presente, já se caracteriza como uma intervenção, uma participação. Compreendendo a importância da auto-análise acima citada, registramos os quatro momentos de observação da presente pesquisa, que foram distribuídos ao longo de um mês, em diário de bordo, material que revisitaremos no momento de análise.

VALLADARES (2007) aponta a necessidade de uma pessoa intermediária, que possibilite a entrada do/a pesquisador/a no local e sirva como dissipador das dúvidas dos participantes. Com o papel de mediadora, essa pessoa também se apresenta como a figura que tira as dúvidas do/a pesquisador/a que surgem ao longo da pesquisa. A assistente de direção da

escola e a coordenadora do fundamental I desempenharam esse papel nesta pesquisa, disponibilizando-se para tirar dúvidas e levantar possibilidades de atuação junto às professoras.

Outro aspecto importante da observação participante é saber fazer o uso de todos os sentidos, ou seja, ouvir, escutar, ver. Entender em que momentos é possível perguntar e em quais é melhor não o fazer. Vale ressaltar que os erros cometidos ao longo da inserção no local serem de aprendizado, “na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa. Deve, assim, refletir sobre o porquê de uma recusa, o porquê de um desacerto, o porquê de um silêncio” (VALLADARES, 2007, p. 154).

De maneira a concluir essa primeira etapa de pesquisa, fizemos um encontro com as professoras e a equipe gestora para explicitar o que foi observado e acordar como se desenrolaria o trabalho dali em diante. O encontro aconteceu durante uma JEIF no final do primeiro semestre de 2017. Durante o encontro mencionamos diversas situações envolvendo questões de gênero e sexualidade que foram observadas no cotidiano escolar, bem como problematizamos o possível papel da escola na criação e manutenção de estereótipos e violências de gênero. As professoras expressaram ter dificuldade em lidar com algumas situações (que classificaram como delicadas ou polêmicas) e demonstraram interesse em participar de encontros para debater a temática gênero e sexualidade no contexto escolar. Assim, combinamos três encontros posteriores para que esse espaço de reflexão fosse possível. Para esses encontros nos inspiramos na ideia de encontro reflexivo, explicitado a seguir.

Parte II – Encontros inspirados na ideia de Encontro Reflexivo

O encontro reflexivo é um instrumento de pesquisa desenvolvido e aprimorado por SZYMANSKI (2010). Ao longo dos anos de pesquisa, juntamente com alunas/os que orientou, a pesquisadora e educadora utilizou a prática reflexiva (grupo, encontro e entrevista) em pesquisas qualitativas, principalmente nas áreas da educação e psicologia. O encontro reflexivo, assim como a entrevista reflexiva, tem sido empregado “em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado” (SZYMANSKI, 2010, p. 10). Com o entendimento de que uma entrevista é uma interação social entre pesquisador-pesquisado, SZYMANSKI (2010) pensa que essa troca está submetida “às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações entre entrevistador/entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo de informação que aparece”

(p. 11). Dessa forma, esse encontro pode ser compreendido como um processo relacional, que pode ocasionar na mudança de condutas do pesquisador e do pesquisado ao longo desses encontros, grande parte em função de ajustes no suporte emocional, entre ações e emoções (SZYMANSKI, 2010).

SZYMANSKI (2010) aponta a importância do entendimento da entrevista como uma interação humana permeada de emoções, como quaisquer outras interações desse tipo. Sob essa perspectiva, é preciso também lembrar de

questões como as condições psicossociais presentes numa situação de interação face a face, a relação de poder e desigualdade entre entrevistador e entrevistado, a construção do significado na narrativa e a presença de uma intencionalidade por parte tanto de quem é entrevistado como de quem entrevista, no jogo de emoções e sentimentos que permanecem como pano de fundo durante todo o processo (SZYMANSKI, 2010, p. 12).

Fica claro, portanto, que a partir do momento que o/a entrevistador/a chega no local de pesquisa, não há objetividade: sua presença é sentida e vivenciada, e aquilo que resulta desse encontro é o que é passível de análise. Vale ressaltar que por ser uma situação de interação entre pessoas, permeiam nesse encontro “percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado” (SZYMANSKI, 2010, p.12). Assim, da mesma forma que o/a entrevistador/a possui algumas informações e está em busca de outras, a/o entrevistada/o tem algum conhecimento acerca de quem está lá a/o entrevistando, de forma que organiza suas respostas em vista daquela presença específica. É possível, então, afirmar que nesse encontro existe intencionalidade de ambas as partes.

Um desdobramento da entrevista reflexiva é o encontro ou grupo reflexivo, caracterizado por ser uma atividade grupal. Esse instrumento pode ser utilizado a partir de uma “demanda de um grupo de pessoas em busca de soluções e alternativas para questões comuns e significativas de sua existência” (SZYMANSKI, H; SZYMANSKI, L, 2014, p.9). Deste modo, após a demanda das professoras e da equipe gestora, agendamos três encontros reflexivos.

Com contribuições de Kurt Lewin, Jacob Levy Moreno, Paulo Freire e da fenomenologia existencial, o encontro reflexivo aparece como possibilidade de prática que aproxima a academia da comunidade, de forma que ao mesmo tempo em que acontece a pesquisa, se desenrola também um projeto de atenção psicoeducativa. Nessas intervenções, são

pensadas possibilidades de ação juntamente com quem está envolvido na situação-problema em primeira instância – é a experiência do próprio grupo que permite o processo de mudança (SZYMANSKI, H; SZYMANSKI, L, 2014).

O grupo oferece um ambiente propício para se narrar experiências, ouvir a si mesmo, o outro, reconhecer o impacto das próprias ideias no outro, entre pessoas que vivem situações semelhantes. Em um encontro grupal, a interação favorece a lembrança, reinterpretções, comparações e o resultado é uma produção conjunta, uma criação. (...) Nesse sentido, o Encontro Reflexivo constitui-se em uma oportunidade de se articular mudanças, uma vez que a riqueza de ideias que flui da narrativa das experiências é muito grande em uma situação de grupo, possibilitando uma atmosfera facilitadora da construção de novos caminhos para as questões debatidas (SZYMANSKI, H; SZYMANSKI, L, 2014, p. 12).

O encontro reflexivo se dá em quatro momentos – planejamento, atividade preparatória, narrativas e reflexões sobre a atividade anterior, reflexão focada na demanda e síntese final – de maneira que as etapas se complementam.

No presente trabalho, os procedimentos dos três encontros foram inspirados em alguns aspectos do encontro reflexivo. Usamos aqui o termo inspiração pois, como será explicitado a seguir, alguns aspectos do encontro foram assimilados e outros não. Em determinados momentos adotamos estratégias – como a apresentação de um vídeo e a leitura de um texto (resumo das atividades no Quadro 1) – disparadoras para uma reflexão, a despeito da proposta do encontro reflexivo ser de abertura inicial. Sabíamos que o material possuía um posicionamento, e que essa ação nos afastaria de uma ação/reflexão do grupo reflexivo na sua concepção estrita, e também de um modo de pensar fenomenológico, que é de abertura; todavia, neste caso adotamos um olhar *a priori* para apresentar a questão do gênero, que problematiza a princípio o lugar da mulher e a sua relação com a sexualidade, pelas razões que explicitaremos a seguir.

Os aspectos do encontro que consideramos significativos para o trabalho são relacionados ao fato de que a pesquisa como um todo pretendeu oferecer um contexto de reflexão crítica e de autorreflexão, em afinação com a demanda inicial da equipe gestora e das educadoras, que foi se delineando no sentido de se reivindicar um espaço para a reflexão sobre gênero e sexualidade. O problema que norteia a pesquisa – **como as questões de gênero e sexualidade aparecem para as professoras de uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo?** – foi elaborado para que fosse possível a constituição deste espaço e para a

constituição de um panorama daquilo que aparece como questão/inquietação para esse grupo de pessoas.

Posteriormente à compreensão da demanda, definimos os objetivos dos encontros. Neste relato de pesquisa, agendamos três encontros, com a possibilidade de novos encontros se necessário. No momento de devolutiva das observações feitas, constatamos a possibilidade de criarmos um momento para debater o papel social da mulher, especialmente por se tratar de um grupo formado apenas por professoras e gestoras mulheres. Assim, o primeiro encontro teve como objetivo entender como aquele grupo específico percebia o papel social de ser mulher, fundado em uma reflexão crítica (para acessar os excertos da transcrição deste encontro ver apêndice IV).

Como o/a leitor/a poderá ver adiante, a atividade preparatória que desenvolvemos para o primeiro encontro se distancia da ideia de pergunta aberta, um dos aspectos do encontro reflexivo. Apesar disso, mantivemos as narrativas e reflexões sobre a atividade anterior, reflexão focada na demanda e síntese final – de maneira que as etapas se complementam.

Planejamos o segundo encontro a partir daquilo que surgiu no primeiro encontro – o que é masculinidade, como ela aparece nas relações sociais e no cotidiano escolar. A escolha da atividade preparatória para este encontro segue o raciocínio do primeiro encontro, anteriormente explanado. A inspiração no encontro reflexivo se mostra, especialmente, no fato da reflexão proposta ser fundada na demanda existente naquele grupo, na relação entre os encontros, de forma que a temática do encontro seguinte é baseada na discussão do encontro anterior e na síntese final. O mesmo aconteceu com o terceiro encontro, que tomou a forma de uma aula, a pedido do grupo.

Ao ler o relato dos encontros (ver tópico 2.7), o/a leitor/a pode se perguntar sobre o posicionamento que tanto o vídeo (encontro I) quanto o texto (encontro II) trazem. De fato, ambos os materiais utilizados partem de um lugar muito claro: o de reflexão crítica. Uma das preocupações deste trabalho desde o início foi de se posicionar explicitamente, como é possível perceber nas diversas passagens em que mencionamos quem é a pesquisadora, o que fundamenta este trabalho (teórica e politicamente) e qual é a nossa perspectiva frente às afirmações de que a pesquisa e a academia devem ser neutras e objetivas.

Partindo desse pressuposto, entendemos que usar um vídeo ou um texto disparadores de um pensamento, pode fazer com que as pessoas se coloquem de uma forma diferente da que se colocariam caso a pergunta fosse aberta. Contudo, como já explicado anteriormente, o modo de pesquisar aqui presente visa um diálogo comunidade-universidade, de forma que a demanda da instituição (equipe gestora e professoras) foi levada em consideração quando os materiais foram escolhidos – buscava-se um espaço de discussão e reflexão crítica.

Assim, a pergunta principal desta pesquisa foi feita de forma aberta para a gestão escolar. No entanto, a escolha por não fazer uma pergunta aberta nos encontros I e II se afina com a demanda da gestão (criar um espaço para problematizar os conflitos gerados em relação à temática gênero e sexualidade no contexto escolar). Entendemos, portanto, que apresentando algo mais posicionado, diferentemente do que propõe o encontro reflexivo, perde-se a possibilidade de outra colocação que não seja primeiramente o lugar menos privilegiado da mulher ou a construção social de uma masculinidade tóxica – mas foi uma escolha política.

Sobre esse conflito entre o procedimento de pesquisa (que propunha uma abertura) e o posicionamento político-ideológico (que se entende nunca neutro), encontramos amparo nos estudos feministas. Ao propormos uma intervenção, pensamos desde o início na importância do pensamento crítico das/os profissionais escolares, e a partir do problema que é ser mulher, ser homossexual, ser *diferente* no equipamento escolar.

Assim, o vídeo, passado no primeiro encontro, tem a ver com as dificuldades que as professoras relataram no encontro de devolutiva das observações feitas inicialmente – a dificuldade em ser mulher, os privilégios que os homens têm, a dificuldade de superar os preconceitos existentes nos outros e em si. Essas razões nos levaram a optar ideologicamente por um vídeo que pudesse dar vazão à discussão desses aspectos. Logo, o vídeo estava afinado com a fala anterior das professoras. Esse procedimento de pesquisa valoriza a conexão entre o que é falado, o que aparece nos encontros, e as temáticas dos encontros subsequentes – justamente o caso da nossa pesquisa. O texto, disparador do segundo encontro, segue o mesmo raciocínio, amparado nos relatos das educadoras, no encontro anterior, acerca da masculinidade.

2.7 As intervenções

Os quatro momentos de observação, bem como as reuniões iniciais, foram devidamente recordados em um diário de bordo, cujos excertos encontram-se no apêndice III. Os três encontros inspirados no encontro reflexivos foram gravados e transcritos (para consultar os excertos das transcrições, ver apêndices IV, V e VI²⁷). Apresentamos abaixo um quadro que mostra o delineamento das intervenções e, em seguida, um resumo das observações feitas.

Quadro 1 - Esquemática das intervenções feitas na instituição parceira

Ação	Participantes	Tema/Atividade	Localização nos apêndices
Encontro ECOFAM com a equipe gestora	Grupo de pesquisa ECOFAM Equipe Gestora (diretora e coordenadoras pedagógicas)	Primeiro contato pessoal do grupo de pesquisa com a equipe gestora	--
Encontro pesquisadora com a equipe gestora	Pesquisadora Equipe Gestora (diretora e coordenadoras pedagógicas)	Contato individual da pesquisadora com a equipe gestora, de forma a alinhar o projeto de pesquisa com aquela comunidade escolar	--
Observação participante (11/05/17)	Salas de aula: 1º ano A 1º ano B 1º ano C	Observação de sala de aula	Apêndice III
Observação participante (18/05/17)	Salas de aula: 4º ano B 4º ano C 4º ano A	Observação de sala de aula	Apêndice III
Observação participante (25/05/17)	Salas de aula: 3º ano A 2º ano B	Observação de sala de aula	Apêndice III
Observação participante (01/06/17)	Salas de aula: 3º ano B 2º ano B Sala das professoras (intervalo)	Observação de sala de aula e intervalo das professoras	Apêndice III
Devolutiva das observações na JEIF (12/06/17)	Professoras do Ensino Fundamental I, Coordenadora do	Devolutiva das observações e proposta de encontros para tratar de gênero e sexualidade	Apêndice III

²⁷ Optamos por apresentar, nos anexos, os trechos dos encontros que foram utilizados na análise e que não expõem as docentes individualmente. Os nomes das educadoras foram alterados nas três transcrições - optamos por homenagear deusas gregas e egípcias e orixás.

	Ensino Fundamental I e Vice-Diretora		
1º encontro na JEIF (21/08/17)	Professoras do Ensino Fundamental I, Coordenadora do Ensino Fundamental I e Vice-Diretora	Discutir o conceito de mulher; atividade desencadeadora – vídeo “Era uma vez outra Maria” ²⁸	Apêndices III e IV
2º encontro na JEIF (11/09/17)	Professoras do Ensino Fundamental I, Coordenadora do Ensino Fundamental I e Vice-Diretora	Discutir o conceito de masculinidade; atividade desencadeadora – texto de Virginie Despentes (DESPENTES, 2016, p. 23)	Apêndices III e V
3º encontro na JEIF (30/10/17)	Professoras do Ensino Fundamental I, Coordenadora do Ensino Fundamental I e Vice-Diretora	Discussão sobre gênero e sexualidade	Apêndice VI

Durante as observações percebemos que os estereótipos de gênero estão presentes em diversos âmbitos da escola. Em todas as salas que observamos (todos os anos do Ensino Fundamental I) existia uma clara diferença entre os materiais escolares (mochilas, estojos e acessórios) das meninas e dos meninos – os primeiros eram predominantemente cor de rosa, roxo e vermelho e tinham alguma temática de princesa, enquanto os últimos eram de cores escuras, como preto, verde e azul, e possuíam algum super-herói ou similar. Os assuntos e curiosidades quanto à pesquisadora também eram bastante distintos. As meninas diversas vezes elogiaram a aparência física da pesquisadora e fizeram perguntas em relação aos acessórios utilizados (número de anéis que ela possui, brincos, onde ela comprou o colar que estava usando, entre outros). Já os meninos perguntaram o que estava sendo anotado no caderno, se eles iriam levar bronca e comentaram sobre os jogos de vídeo game que eles costumavam jogar, inclusive dizendo que em um determinado jogo é possível ver várias mulheres peladas, levar elas para o carro e fazer outras coisas que eles não faziam²⁹.

²⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY&t=77s>>. Acesso em: 21 ago. 2017

²⁹ O jogo em questão é o GTA – Grand Theft Auto. Nele o jogador pode, além de completar as missões propostas pelo jogo, assaltar bancos, roubar carros, matar pessoas e estuprar pessoas (a partir da inserção de um código

Outros estereótipos de gênero foram reforçados em sala de aula. Professoras de diversos anos ao chamar a atenção de quem estava conversando, ameaçaram ligar para a mãe ou chamar a mãe para uma conversa, nunca o pai. Em uma atividade que envolvia a escolha de um filme, uma professora de antemão afirmou que sabia que as meninas iriam optar por assistir *A princesa e o sapo* ao invés de *Up! Altas aventuras*. Observamos também situações entre as próprias crianças, que reproduziram padrões de gênero. Uma menina do 3º ano do Ensino Fundamental I estava se olhando no espelho e outra prontamente disse “Tá se achando!”, enquanto uma terceira pontuou “Tá se achando nada! Não pode vir bonita para a escola?”, mostrando, ao mesmo tempo, uma preocupação com a aparência e uma repressão por essa preocupação estar evidente.

Percebemos as questões de gênero e sexualidade pulsantes também pelas conversas com a equipe gestora. Em um momento de observação, a coordenadora relatou que no dia anterior havia apaziguado uma briga entre uma menina e um menino. Os dois chegaram chorando em sua sala, o menino com a boca cortada e sangrando. Quando ela perguntou o que tinha acontecido, a menina, aos prantos, disse que ele havia dito que o tênis dela era de menino, provocando-a, então ela jogou um lápis na cabeça do menino, acertando-o na boca (a coordenadora enfatizou que o tênis que a menina estava usando era de fato um pouco masculino, pois era um “daqueles tênis que a prefeitura dá”).

Por fim, as conversas presenciadas na sala das professoras também apontaram para a temática. Assim que entramos na sala a conversa era sobre alisamento de cabelo e como as sobrinhas/filhas queriam alisar o cabelo por estarem extremamente insatisfeitas com sua aparência. Uma das professoras criticava as constantes reclamações da sobrinha, que dizia nunca estar satisfeita com a própria aparência. Ao ouvir isso, outra professora prontamente respondeu que ela deveria mandar a sobrinha lavar umas louças para se ocupar. Outra professora comentou que o padrão de beleza é muito cruel e aparece até nas crianças, pois quando seus alunos querem xingar as meninas, eles as chamam de reformadas e elas ficam muito bravas.

Após as observações, fizemos uma devolutiva explicitando aquilo que havia sido observado, referente à temática da pesquisa. As educadoras, como anteriormente mencionado,

especial). *(Informações retiradas do site <<http://www.telegraph.co.uk/women/womens-life/11030801/Grand-Theft-Auto-video-game-male-avatars-are-virtually-raping-women.html>> Acesso em: 20 nov. 2017)*

demonstraram interesse em debater as questões de gênero e sexualidade, nesse primeiro momento em relação às concepções de mulher e feminilidade. Abaixo apresentamos o resumo de cada um dos três encontros resultantes dessa devolutiva.

2.7.1 Resumo do Primeiro Encontro

O primeiro encontro com as professoras e equipe gestora teve como objetivo discutir o conceito de mulher, aspecto levantado no último encontro (nomeado de devolutiva das observações). Para tanto fizemos uma atividade de aquecimento, que será explicitada a seguir, posteriormente, como atividade preparatória para a discussão, assistimos o vídeo “Era uma vez outra Maria” e, por fim, conversamos sobre o que é ser mulher.

A primeira dinâmica consistia em fazer uma roda e jogar uma bolinha, quem pegasse a bolinha falaria o seu nome, qual ano leciona e por que decidiu ser professora. As respostas para a última questão foram bem similares. Diversas vezes as educadoras mencionaram um “jeito” para dar aula que sempre tiveram, que aparecia na infância na forma de brincadeiras de sala de aula com bonecas. Algumas disseram ter sido obrigadas a fazer magistério, discurso que apareceu entre as professoras mais velhas do grupo, enquanto outras afirmaram que viraram professoras por falta de opção, algumas complementando que hoje adoram a profissão, mas na época de escolha “era o que tinha”.

A atividade preparatória deste primeiro encontro foi o vídeo “Era uma vez outra Maria”. Esta animação conta a história de Maria, desde a infância até a idade adulta. Maria ao longo do vídeo realiza diversas atividades e é constantemente monitorada por um lápis. Muitas vontades de Maria que não condizem com a expectativa social do que é ser mulher, como por exemplo jogar bola, são apagadas pelo lápis, que, neste caso, logo desenha a menina brincando de boneca. Em um determinado momento do vídeo o irmão de Maria vai para o banheiro com uma revista pornográfica embaixo do braço e o pai aparece orgulhoso. Nesta cena as educadoras deram muitas risadas. Logo em seguida aparece uma cena na qual Maria se masturba e as risadas logo mudaram para uma feição de desconforto. A animação continua e mostra Maria ficando grávida, tendo o filho e apresenta a dinâmica de cuidado dessa criança. Por fim, Maria pega o lápis e desenha a si mesma, terminando a história dessa maneira.

Após o vídeo, fizemos uma roda e iniciamos uma discussão a partir da pergunta “O que vocês sentiram vendo esse vídeo?”. De imediato uma professora comentou sobre a

“desgraça de ser mulher”, falando sobre os padrões impostos pela sociedade. Esse aspecto apareceu diversas vezes ao longo do encontro. Constantemente os discursos voltavam-se para a vida pessoal, relação com a família e, especialmente, a maneira pela qual elas haviam sido criadas.

Uma educadora falou sobre a questão da maternidade e como os cuidados com a filha ou o filho são automaticamente entendidos como responsabilidade da mulher. Ela relacionou uma parte do vídeo com sua própria vida, comentando que quando ficou grávida de sua filha, 28 anos atrás, estava terminando um relacionamento e sentiu a pressão de ter de cuidar sozinha da criança, porque depois de se separar “a filha era minha né?”. Em sua fala ela disse acreditar que as coisas não mudaram muito hoje em dia e que essa situação ainda acontece com as mulheres hoje.

Esse posicionamento provocou inquietação em outra educadora, que afirmou não perceber dessa maneira, que a situação não está mudando. “Tudo bem que eu tive uma vida muito quadradinha, casei com o primeiro namorado, fui ser mãe depois de sete anos de casada e tal... Mas assim, eu nunca fui reprimida, isso é de menina, isso é de menino, na minha casa. Na minha casa nunca teve. E até enquanto eu assistia o vídeo eu fiquei lembrando de uma fala que meu pai fazia, machista, mas eu tive que pensar. Meu pai às vezes falava ‘Tem três mulheres na casa e eu tenho que lavar louça’” (apêndice IV).

A educadora entende que por não ter havido repressão em relação às brincadeiras “de menino e de menina” em sua criação, não houve algum tipo de influência sobre qual seria o papel da mulher. Curiosamente, ela ilustra isso afirmando que a vida dela foi bem quadradinha (casou com o primeiro namorado, ficou grávida anos mais tarde), o que pode ser entendido como uma vida certinha nos padrões antigos, esperados. É interessante perceber que ela ressignifica uma frase do pai depois de assistir à animação e pensar sobre o assunto, mas ela “teve que pensar”. Esse processo de reflexão é o que pode nos permitir enxergar situações pelas quais passamos de maneiras diferentes, mas é um processo que muitas vezes depende de um disparador externo ou de um ambiente que propicie uma troca de experiências e compreensões - chocar-se com o diverso nos permite repensar o que é o diferente.

Um aspecto do vídeo que apareceu em muitos momentos da discussão foi o significado do lápis na estória de Maria. O grupo entendeu que o lápis é a família, a escola, a educação moral (familiar), o nosso pensar, alguém querendo ditar as regras, o destino e a sociedade.

Uma educadora apontou que “você quer viver a sua vida, mas tem alguém querendo que você viva o que ele quer (...) não é ela não, (ele) pai, marido, o que ele quer entendeu” (apêndice IV). Outra educadora mostrou-se bastante incomodada com o lápis, pontuando seu desejo de quebrá-lo. Ela diz que “é assim né, as crianças, elas não têm clareza, eles não entendem isso, isso vai construindo a própria imagem, não por opção delas, mas por uma questão social” (apêndice IV).

Ao discutir o papel do lápis na estória de Maria, uma professora reconheceu que age como ele em muitos momentos. A partir desse relato outras educadoras do grupo disseram que também se sentem assim, como reprodutoras de normas sociais, porém de forma inconsciente, em falas involuntárias. Contudo, em sua maioria, disseram sentir-se mais lápis na vida pessoal do que dentro de sala de aula.

Sobre a questão da construção da imagem na infância, as participantes comentaram que o lápis tem mais atuação no início da vida, entendendo que as crianças são podadas desde pequenas e isso acaba refletindo em seus comportamentos na adolescência, muitas vezes deixando de fazer certas coisas ou se portar de determinada maneira porque aprenderam que isto ou aquilo era errado. A educação moral familiar também apareceu nessa discussão, uma educadora pontuando que a família é o lápis mais forte, aquele que impõe - mais do que a escola.

As educadoras afirmaram que para elas o lápis é o “ele”, e que “ele” existe em diversas instâncias: na família, na religião, na escola, na rua, sendo que dentre esses lápis uns escrevem mais forte, outros de forma mais branda, mas ele se mostra presente em todos esses espaços. É interessante perceber que enquanto algumas educadoras expressam o entendimento de que o lápis é uma imposição, mas que de alguma forma conseguimos nos libertar dele, pelo menos um tanto, uma delas caracteriza o ‘ele’ como o destino - é assim, não há o que mudar e será assim no futuro, o que nos resta é nos conformar.

Sobre a questão do que “a mulher deve fazer” versus o que “o homem deve fazer”, uma educadora comentou sobre os privilégios que o pai e o irmão tinham durante sua infância. Por sua família ser formada por seis mulheres e dois homens, o pai e o irmão não faziam nenhuma atividade doméstica, como lavar louça ou limpar a casa, porque isso era entendido como obrigação das mulheres. Ela compara essa hierarquia sentida dentro de casa com a liberdade que ela tinha para brincar na rua, com meninos e meninas, de qualquer brincadeira,

seja casinha ou futebol - enquanto em casa tinha uma demarcada hierarquia, na rua ela podia brincar do que quisesse.

Essa fala provoca uma discussão no grupo sobre a hierarquia sentida (homem > mulher) e como as mulheres também contribuem para isso, criando filhos assim. Uma educadora comenta que tenta ensinar diferente para o seu filho, mas que os homens devem “nascer com esse gene (de não realizar tarefas domésticas), não é possível” (apêndice IV). Percebemos nessa fala uma naturalização do papel social - homens já nascem programados a não saber fazer atividades domésticas. Ainda nesse assunto, uma participante expressou sua vontade de nascer homem na próxima encarnação, para poder usufruir dessas regalias, provocando risos do grupo.

Sobre os papéis sociais, o grupo também levantou a questão de que as meninas, de certa forma, têm mais liberdade, por exemplo, para o uso das cores e expressões da sexualidade. Uma educadora pontuou que é muito mais fácil um pai aceitar uma filha lésbica, do que um filho gay, pois o filho tem que ser macho, provedor e a filha somente tem de ser feliz. Se entendemos as relações de poder pelas quais nossas relações sociais são permeadas, essa leitura pode nos trazer a reflexão de que as mulheres “têm mais liberdade” ao se assumirem lésbicas, pois são, primeiramente, consideradas objeto - as mulheres existem em relação ao homem, que é o sujeito. Se o homem é entendido como o sujeito e a mulher como objeto frente à esse homem, é compreensível que um casal formado por duas mulheres não seja tão agressivo ao sistema heteronormativo quanto dois homens, visto que um objeto com outro objeto é algo quase que invisível (e se não o for, ele cumpre o papel de existir para o entretenimento do homem).

Dentre os relatos profissionais das participantes, elas trouxeram alguns exemplos de alunos meninos, entre 3 e 5 anos, que gostavam de brincar ou fazer “coisas de menina” e como para elas era muito difícil lidar com esse tipo de situação. Todos os exemplos em que algum aluno homem gostava de fazer alguma coisa entendida como de mulher (brincar de boneca, vestir fantasia de princesa, pintar as unhas) as educadoras disseram que “ele não queria ser um menino, ele com certeza não era um menino, ele queria ser uma menina”. Uma educadora diz se sentir chocada quando percebe que uma criança tão pequena “está presa no corpo errado”, pois isso é algo que ela espera que apareça na adolescência, e que acredita ser muito mais decepcionante para um pai ter um menino que na verdade é uma menina do que o contrário.

As participantes também questionaram o papel da escola nessas situações e, especialmente, o papel delas como educadoras. Algumas educadoras relataram que tentam proteger as crianças de comentários maldosos, enquanto outras fingem não ver ou não ouvir algumas situações, por não saberem como agir. Uma participante apontou que precisamos pensar nas diferenças entre as esferas pública e privada e como as/os educadores podem contribuir para que a família reflita sobre questões que aparecem na escola. Outra acredita que as professoras, diretoras, coordenadoras, não tem muito o que fazer, pois ela entende que não é função da escola chamar a família para falar que o filho ou a filha está se comportando de maneira x ou y - as professoras devem observar para caso a família questione elas não precisem se omitir, mas devem não intervir prontamente.

A mesma educadora comentou que, muitas vezes, acaba cobrando mais coisas do grupo de alunas que leciona pela manhã do que do grupo misto que ela tem a tarde. Ela mencionou que cobra uma postura das meninas que ela não se vê cobrando dos meninos. Outro aspecto relatado e reforçado pela participante foi de que o grupo de alunas demonstra uma sexualidade que ela considera exacerbada e inadequada, dizendo que isso a faz ter muito trabalho.

Quando questionadas sobre se as atividades ministradas por elas em sala poderiam ser afetadas por questões de gênero e sexualidade, uma educadora comenta sobre a brincadeira cantada Dom Frederico, cuja letra segue abaixo.

*Dom Frederico perdeu a memória para se casar com a Costureira.
Costureira perdeu o dedão para se casar com o Capitão.
Capitão perdeu a espada para se casar com a Bela Fada.
Bela Fada perdeu a coroa para se casar com o Dom Frederico.
Dom Frederico diz que não, Bela Fada caiu no chão.
Dom Frederico diz que sim, Bela Fada faz assim (beijos no rosto).*

Ela comentou que as duplas para a apresentação foram escolhidas pelas próprias crianças e algumas eram formadas por meninos. Esses meninos reclamaram de ter de mandar beijinho um para o outro e ela explicou para eles que eles poderiam se cumprimentar da maneira que se sentissem confortáveis, mas que não deu muita bola e não ficou incentivando o assunto. Contudo, em nenhum momento a educadora debateu ou se questionou sobre a letra da brincadeira, que reforça uniões heteronormativas, traz o casamento como uma troca em que alguma das partes tem de perder algo (perde a memória, perde o dedão, perde a coroa, perde a espada) e atribui a felicidade da personagem Bela Fada ao sim do Dom Frederico, protagonista da cantiga.

Ainda sobre o papel da escola, uma educadora afirmou que essa temática é transversal, não é um assunto que começa em uma aula determinada, mas é algo que vai transparecendo nas situações do dia-a-dia e a escola deve abrir espaço para discussão e não discriminar. Esse espaço de discussão foi questionado por outras participantes, que confessaram se sentir intimidadas pelo que as famílias poderiam pensar sobre o que foi debatido, transparecendo insegurança em tocar na temática com medo de retaliação. Também foi abordada a dificuldade em separar as próprias crenças e os próprios valores dos valores da escola.

Por fim, em diversas vezes foi mencionado a facilidade maior que os homens têm na esfera social, em relação às mulheres: menos cobrança, menos expectativa, mais liberdade. Assim, a temática do segundo encontro foi desenhada.

2.7.2 Resumo do Segundo Encontro

O segundo encontro teve como objetivo trabalhar os conceitos de masculinidade e homem. Ele foi composto por uma dinâmica de aquecimento e um texto desencadeador, os quais serão detalhados abaixo.

A atividade de aquecimento se desenrolou da seguinte maneira: primeiro pedimos que as participantes andassem pela sala; em seguida que andassem como mulheres e depois que andassem como homens; então, que cumprimentassem as pessoas da roda, posteriormente que cumprimentassem umas as outras como mulheres e, por fim, como homens.

A expressão corporal das participantes mudou drasticamente conforme mudavam as instruções. Quando a orientação foi para andar como mulher as participantes fingiram estar usando sapato de salto alto, estufaram o peito, encolheram a barriga e soltaram mais o quadril no andar. Apenas uma professora não alterou sua maneira de andar e, inclusive, verbalizou que andar era “tudo igual”. Após a terceira instrução, para andar como homem, as participantes soltaram bastante o corpo, andando de modo relaxado, solto, com ombros baixos e pernas mais abertas. Novamente, apenas uma professora verbalizou que não existia diferença no andar.

Quando a instrução foi para cumprimentar as outras pessoas como mulher, sons de beijos ecoaram pela sala e a cena foi repleta de movimentos delicados e suaves. Já quando foi para cumprimentar como homens, a postura corporal mudou novamente, relaxando o corpo e cumprimentando as colegas com a mão ou com a frase “E aí mano?”.

Ao conversarmos sobre a dinâmica inicial, uma participante disse que quando anda normalmente, ela tem um jogo no quadril que não sabe se aprendeu, mas que não anda livremente. Já quando andou “como homem” ela andou de qualquer jeito, porque disse não importava, já que ninguém repara no caminhar de um homem, se rebola ou não. Outra educadora pontuou que só olham se o homem rebola ou rebola de mais, mas como uma forma de crítica, já que se rebolar muito é porque deve ser homossexual.

Após o aquecimento seguimos para a leitura do texto desencadeador do encontro, que segue abaixo:

Porque a virilidade tradicional é uma máquina tão mutiladora quanto a atribuição da feminilidade. Ser um homem de verdade – o que é que isso exige? Repressão das emoções. Calar sua sensibilidade. Ter vergonha de sua delicadeza, de sua vulnerabilidade. Abandonar a infância de modo brutal e definitivo: os homens-criança não possuem boa reputação. Ficar angustiado pelo tamanho de seu pinto. Saber fazer as mulheres gozarem sem que elas mesmas saibam ou queiram lhes indicar como. Não dar sinais de fraqueza. Amordaçar a sensualidade. Vestir-se com cores discretas, usar sempre os mesmos sapatos grosseiros, nunca brincar com os cabelos, não usar muitas joias, nenhuma maquiagem. Sempre dar o primeiro passo. Não possuir nenhuma cultura sexual para melhorar seu orgasmo. Não saber pedir ajuda. Ter que ser valente, mesmo sem ter nenhuma vontade. Valorizar a força, seja qual for seu caráter. Mostrar agressividade. Possuir um acesso restrito à paternidade. Ter sucesso social para poder pagar as melhores mulheres. Morrer de medo de sua homossexualidade, porque um homem de verdade não deve nunca ser penetrado. Não brincar de boneca quando pequeno, contentar-se com carrinhos e armas de plástico muito feios. Não cuidar muito do seu próprio corpo. Submeter-se à brutalidade de outros homens sem reclamar. Saber se defender, mesmo sendo doce. Ser privado de sua feminilidade, como as mulheres se privam de sua virilidade, não em função das necessidades de uma situação ou de um caráter individual, mas em função daquilo que o corpo coletivo exige (Despentes, 2016, p. 23).

Como no primeiro encontro, as professoras trouxeram muitos exemplos pessoais e familiares, reforçando a ideia de que a educação recebida pela família é a que tem o maior peso na constituição e manutenção de posturas frente a diferentes situações. Um dos exemplos foi do filho de uma professora, que está acostumado a fazer xixi sentado quando está em casa. Contudo, se algum colega vai visitá-lo ele faz em pé, o que a mãe atribuiu à uma necessidade de se mostrar macho na frente de pessoas que possam duvidar de sua masculinidade.

Algumas educadoras afirmaram que a sociedade já mudou, pois hoje os homens já usam camiseta cor-de-rosa, lilás, algo que não se via anos atrás. Uma das participantes comentou que por ser mais velha, ela tem um panorama bom dessas mudanças, comentando que não tem mais tanto machismo e as funções “homem faz isso, mulher faz aquilo” não são

mais como quando ela era mais jovem. Ela entende que as mudanças aconteceram principalmente na relação homem e mulher e que transparece em atitudes, como o homem ajudar em casa, o modo como os homens se vestem e o fato dos homens procurarem ajuda (especialmente para fazer o exame de próstata).

Outra educadora afirmou que na parte sexual ela sentiu diferença, mas que essa diferença se deve a mudança da mulher. Ela comentou que atualmente a mulher se posiciona, busca o próprio prazer, fala o que gosta e o que não gosta e se não está bom procura outro homem, enquanto que antigamente a mulher era submissa no sexo, ela apenas recebia - se estava bom ótimo, se não a mulher continuava ali quietinha. Assim, devido a mudança das mulheres, os homens passaram a vê-las de outra forma.

Uma terceira educadora diz que não vê muitas mudanças e não sabe se isso tem relação com o fato dela viver em uma família bastante machista, na qual, por exemplo, homens não podem usar roupas rosa ou brincar com brinquedos que simulem atividades domésticas, como uma panelinha. Contudo, ela atribui as poucas mudanças às mulheres, especialmente pelo fato delas serem, em sua maioria, responsáveis financeiramente pelo lar hoje em dia.

Sobre a questão das tarefas domésticas, as educadoras comentaram sobre o fato do homem “ajudar em casa”. Elas sentem que o homem ajuda mais atualmente, mas que ele não tem o compromisso com o trabalho doméstico. A mulher já sente esse compromisso, sente que lavar a roupa, lavar a louça faz parte de sua função. As educadoras atribuíram essa sensação de obrigação a algo que foi instituído por gerações, uma colonização.

A temática da maternidade também apareceu neste encontro, as educadoras dizendo que se preocupam com a maneira que seus filhos serão vistos perante a sociedade. Uma delas afirma que não reproduz frases como “isso é de menina, isso é de menino”, mas ela sabe que a sociedade traz essas questões, especialmente o que cada um pode ou não fazer. A educadora também mencionou que choro é algo que a incomoda, mas não pelo fato do filho ser homem, e que ela se sente feliz por ter tido um menino, pois não tem paciência para frescura e maquiagem.

Trazendo a temática do choro à tona, uma professora contou a história de um aluno que chorou quando ouviu uma música em sala de aula e as/os colegas riram. As crianças seguiram para a sala da coordenação e a coordenadora conversou com o grupo sobre o

acolhimento que deveriam ter quando alguém chora, que não é motivo de piada. A educadora complementou que essas situações são complicadas, porque quando uma menina chora na escola rapidamente ela é acolhida pelas outras crianças, perguntam se ela está bem e como podem ajudar.

Quando questionadas se existe uma postura para ser homem, as educadoras falaram prontamente que era ser forte, inclusive com discursos alegando que biologicamente os homens são mais musculosos que as mulheres e que socialmente essa força é imposta em cima dos outros seres (mulheres e crianças). Uma educadora, contudo, pontuou que o cenário está mudando devagar, pois atualmente as mulheres frequentam a academia e trabalham os músculos. O grupo também entende que faz parte da postura do homem ser o herói e saber de tudo.

Nesse ponto da discussão, o grupo comentou sobre uma personagem da novela. A novela conta a transformação de um homem trans. Uma educadora disse que sua filha ficou inconformada com o fato da mulher ter quisto virar homem, mas ainda ter desejo sexual por homens, pontuando que seria muito mais fácil continuar do jeito que estava. Em sua fala, ela comentou que nós somos assim mesmo, nunca estamos satisfeitos conosco e queremos sempre mudar e relacionou o desejo de mudança corporal aos sentimentos, algo que vem de dentro para fora.

Um aspecto que se repetiu tanto no primeiro encontro como no segundo encontro foi a educação moral familiar. Uma das educadoras afirmou que temos que fazer valer a educação familiar que recebemos e aonde estivermos iremos passar a mesma educação, já que foi dessa maneira que ela aprendeu que deveria ser.

Quando questionadas sobre a masculinidade, as educadoras a associaram à ser grande, ter pegada e não ser baixinho. Ser másculo é ter uma postura forte, que permita com que as pessoas olhem e pensem que ele deve ter pegada. Uma educadora pontuou que a mulher também tem que ter pegada, outras disseram que ninguém fala isso de mulher, o que falam é que a mulher é galinha, complementando que a mulher é para ser pegada e não para pegar, e se ela tenta tomar a iniciativa em um relacionamento, o homem foge assustado.

Masculinidade, para o grupo, também significa proteção, especialmente quando alguma delas tem de andar numa rua escura; se ela estiver acompanhada de um homem ela

se sentiria mais tranquila do que sozinha ou com outra mulher. Essa fala sobre proteção abriu uma discussão sobre uma aluna do quarto ano que pratica Muay Thai. A justificativa que a aluna deu para praticar a luta é que ela é muito delicada e precisa aprender a se defender dos estupros.

A fala da aluna de 9 anos gerou grande repercussão no grupo. Enquanto uma educadora disse achar ótimo que a menina aprenda a se defender, outras acharam a atitude da mãe equivocada, especialmente porque acreditam que ela pode estar criando na filha aversão e medo em relação aos homens. Uma participante apontou a influência da mídia nessa questão, especialmente porque recentemente haviam aparecido dois casos de homens que ejacularam em mulheres no transporte público.

Esse medo e aversão sobre os quais as educadoras falaram, foi relacionado por uma delas à homossexualidade. A participante afirmou que muitas mulheres lésbicas que conhece se tornaram homossexuais porque foram estupradas e o mesmo aconteceu com amigos homens gays que foram abusados na infância e por esse motivo são gays. Ela pontuou que se questiona se ser homossexual é uma escolha ou é uma forma que essas pessoas se encontraram para se defender, para que a situação de abuso/violência não aconteça novamente.

Ainda sobre a homossexualidade, o grupo comentou que para as mães aceitarem que o filho é gay é muito mais fácil do que para os pais, pois o homem não aceita, e, logo, a sociedade continua machista. Elas comentam sobre um medo social e que as mães aceitariam, mas teriam medo do que o filho gay poderia sofrer fora de casa.

As participantes também comentaram sobre o fato de existirem muitas informações hoje, muita abertura, o que torna difícil a compreensão de assuntos ligados a gênero e sexualidade, já que é complicado saber o que é o certo e o que é o errado na sociedade. Apareceram muitas dúvidas sobre como explicar essa variedade tão grande de termos e conceitos que estão sendo mencionados, especialmente porque elas sentem que estamos em uma fase de transição, com muitas mudanças acontecendo. Apareceu também o questionamento sobre o fator biológico, se haveria um instinto de ser homem/mulher ou não.

Uma educadora discordou dessa suposta abertura para conversar a temática, pois, apesar de estar em evidência na televisão e na internet, as famílias não conversam abertamente sobre essas questões. A educadora participou de uma reunião em um posto de

saúde e encontrou com três crianças de 12 anos grávidas, sendo as três estudantes da mesma escola estadual e uma delas grávida do irmão. Ao ouvirem esse relato, as outras professoras comentaram que esse é um cenário comum na comunidade da Morro Grande, pois as famílias dormem muito juntas e a maioria das meninas tem suas primeiras experiências sexuais com primos e irmãos.

O grupo dividiu histórias em que meninas que foram abusadas enquanto crianças se apaixonaram pelo abusador e acabaram tendo um relacionamento com ele quando cresceram. Elas entendem que o amor nasce do prazer que a criança sentiu, quando não entendia muito bem o que estava acontecendo. Ao ouvir esses relatos, uma educadora contou duas histórias de meninas que foram abusadas por homens da família e, anos mais tarde, quando decidiram contar o que havia acontecido, ninguém acreditou nos relatos. Foram taxadas de mentirosas pela família, enquanto os homens acusados de abuso continuavam frequentando as reuniões familiares normalmente.

Questionamos se o conceito de masculinidade tinha algo a ver com esses tipos de situações de abuso e estupro. Uma educadora apontou que a mulher quando é estuprada não é vista como a vítima, mas como a vagabunda que se vestiu de maneira provocante. Já o homem se acha tão macho, que ele pode pegar e fazer o que quiser. Outra participante pontuou que esse tipo de situação é complicado, já que as mulheres podem também inventar uma situação de abuso para se favorecer, ilustrando com uma história sobre uma mulher que chantageou um policial dessa maneira. Ela acredita que o estupro não tem relação com masculinidade, mas sim com doença.

Retomando a discussão do encontro anterior, perguntamos qual seria a diferença da atuação do lápis se fosse a estória de João e não de Maria. As educadoras pontuaram que ele iria poder fazer tudo e não precisaria se preocupar: poderia jogar bola, sentar de perna aberta, não lavar a louça.

A discussão seguiu para os valores conservadores que permeiam as relações sociais e que esse cenário de movimentos conservadores sendo questionado por ideias mais progressistas permite que movimentos, como o Escola Sem Partido, e políticos, como o Jair Bolsonaro, cresçam em popularidade. As educadoras demonstraram grande preocupação com a crescente aceitação do Bolsonaro e do Escola Sem partido. Mencionaram situações de censura dentro de escolas que foram promovidas por apoiadores do Bolsonaro.

Uma educadora comentou que algumas escolas do governo do estado têm práticas que reprimem as crianças e não dão abertura às discussões de gênero e sexualidade. Ela mencionou que na escola do estado em que trabalha as crianças estão sendo separadas nos momentos livres, em grupos de meninas e grupos de meninos, por determinação da diretora da escola. As crianças, por sua vez, numa tentativa de burlar a regra, passaram a se encontrar escondidas atrás da escola. Questionamos o papel da escola nesse momento, se era vigiar ou tematizar. Um educadora afirmou que a escola vigia, mas que tematizar não cabe ao professor ou a professora, mas deve ser uma filosofia de aula da escola como um todo. O grupo entrou no ponto da censura, entendendo que a diretoria das escolas do estado age de maneira ditatorial, inclusive mencionando que se a escola propõe algo que vai contra o estado, o estado “esquece” de mandar papel higiênico, material de sala.

O grupo comentou como as crianças estão mais articuladas atualmente e como elas têm o poder de reivindicar direitos. Uma das educadoras afirmou que entende o seu papel como o de alguém que deve auxiliar os alunos e as alunas a serem críticos e críticas, a conseguirem refletir, para que possam se defender e articular suas ideias, definindo a educação como a formação de um sujeito crítico e reflexivo. Outra participante disse que achava complicado quando esse processo de reflexão era interferido por valores religiosos e que sente que cada vez mais a igreja está sendo levada para dentro da escola.

As professoras comentaram sobre o currículo escolar e a parte de orientação sexual, que é ensinada no 5º ano na disciplina de Ciências Humanas e da Natureza. Elas comentaram que muitas escolas têm o costume de enviar um bilhete para casa informando que começarão a falar desse assunto e pedindo autorização das famílias para que as crianças participem da aula. As crianças que não trazem autorização precisam ficar fora da sala de aula.

Questionamos se o grupo acreditava que existe uma idade própria para falar sobre gênero e sexualidade. A maioria das educadoras respondeu que devemos trabalhar a temática quando os alunos e as alunas trazem o assunto e que não podemos ignorar quando isso acontece. Elas falaram sobre as filas separadas por gênero e que as crianças chegam na EMEF já com isso internalizado. Isso posto, perguntamos o que elas faziam com essas atitudes já construídas. O grupo disse que infelizmente reforçam, por atitudes e algumas falas, como por exemplo “isso não é um caderno de menina”, quando o caderno está mal organizado ou esteticamente feio.

As educadoras também discutiram sobre a questão do desamparo masculino. Elas afirmaram que se precisassem conversar com alguém teriam a quem recorrer, mas não acreditam que os filhos, maridos, primos, gozariam da mesma condição. Uma educadora contou que o marido, muito machista, se reaproximou de um antigo amigo em um churrasco e os dois, inebriados, começaram a se abraçar, se beijar e chorar. O filho dessa educadora ficou muito impressionado com a situação e começou a contar para todas as pessoas que encontrava que o pai e o amigo estavam parecendo namoradinhos.

Por fim, falamos sobre a questão do esporte e como a separação entre homens e mulheres nas competições trouxe uma discussão para dentro da escola, pois elas tiveram um caso de um aluno que não queria competir com os meninos, pois sempre praticava com as meninas e não se sentiria à vontade. Após essa fala, uma educadora trouxe uma experiência dela na educação infantil. Ela afirmou que comumente se separa por gênero em brincadeiras de corrida (agora só as meninas correm, agora só os meninos) e um aluno dela sempre queria correr com as meninas. O mesmo garoto gostava de se vestir de princesa. Ela disse que sentia que precisava trabalhar com ele o fato dele ser um menino, ter nascido com o gênero masculino, então ele deveria correr com os meninos. Ele poderia continuar usando as fantasias que gostava, mas ele precisava saber que era um menino.

Essa fala trouxe o debate sobre as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo. As professoras disseram que sabem pouco sobre o assunto e gostariam de um espaço em que pudessem aprender mais e tirar as dúvidas que pululavam suas cabeças. Dessa maneira, marcamos um terceiro encontro para debater esse assunto.

2.7.3 Resumo do Terceiro Encontro

O terceiro encontro começou com um aquecimento e, posteriormente, foi separado em dois momentos. O aquecimento consistia em realizar alguns movimentos de alongamento corporal durante poucos minutos. Após a realização desses movimentos, perguntamos ao grupo se os movimentos haviam sido de fácil ou difícil execução. Algumas educadoras responderam que havia sido fácil, pois já estavam acostumadas a realizar esse tipo de movimento. As que relataram ter sentido dificuldade informaram que usualmente não se alongam. Relacionamos a elasticidade muscular corporal com a elasticidade do cérebro e o quanto as atividades de reflexão e debate podem ser importantes para que continuemos “alongando” nossas possibilidades de pensar.

O primeiro momento visava entender qual era a compreensão que aquele grupo de professoras e gestoras tinha acerca dos termos gênero, sexo e sexualidade. Para isso, colocamos três cartolinas em branco na lousa. Primeiro escrevemos a palavra sexo e perguntamos o que vinha à cabeça quando ouviam essa palavra. Fizemos o mesmo com as palavras gênero e sexualidade (ver quadro 2). No segundo momento discutimos acerca desses termos, de maneira que as profissionais ali presentes pudessem tirar suas dúvidas (momento esse pedido no segundo encontro pelas educadoras).

Quadro 2 - Termos que as palavras Sexo, Sexualidade e Gênero evocam nas educadoras

Sexo		Sexualidade	Gênero
– Gostoso	– Violência	– Desejo	– Masculino e feminino
– Coisa boa	– Abuso	– Atração	– Macho e fêmea
– Exercício físico	– Gravidez	– Prevenção	– Pluralidade (mais que masculino e feminino)
– Relaxamento	– Diálogo	– Orientação	– Identidade
– Desejo	– Fluidez	– Discriminação	– Aparência
– Cumplicidade	– Prevenção	– Opção	– Preconceito
– Atração	– Pênis	– Nudez	– Globalização
– Vontade	– Vagina	– Roupa	– Tribo
– Prazer	– Boca	– Família	– Julgamento
– Feminino e masculino	– Camisinha	– Intervenção familiar (mais/menos presente)	– Imposição
– Dor de cabeça	– Auto-estima	– Exposição	– Sociedade
– Toque	– Bolinha	– Proibição	– Papel social
– Carícia	– Lubrificante	– Tabu	– Estigma
– Carinho	– Acessórios	– Precoce	– Padrão
– Doença	– Lingerie	– Natural	– Transformação
	– Fantasia	– Curiosidade	– Estereótipos
	– Caralho	– Estímulo	– Aceitação
		– Influência	– Medo
		– Biológico	
		– Gênero	
		– Comportamento	
		– Pedofilia	

O grupo em diversos momentos pontuou que a pesquisadora fazia perguntas difíceis, especialmente quando perguntamos quais eram as diferenças entre sexo, sexualidade e gênero. A palavra que as educadoras tiveram mais facilidade para caracterizar foi “sexo”, sempre relacionando ao ato sexual. “Gênero” foi o termo que apresentaram mais dificuldade e quando apareceu mais discordância entre as falas. Repetidas vezes diferentes educadoras disseram que falar sobre gênero era muito difícil.

Durante este encontro, que durou aproximadamente duas horas e meia, escutamos uma música alta constante. A coordenadora da instituição explicou que havia aberto uma igreja em frente à escola e que todos os encontros de formação começaram a ser presenteados com as músicas do culto de fundo. As educadoras fizeram algumas piadas ao longo do encontro, ensaiando um convite para que as pessoas do culto participassem da nossa discussão, reclamando da afinação da cantora e até se inspirando nas palavras das músicas para compor as definições dos termos (sexo, sexualidade e gênero).

Em meio a discussão sobre os termos, uma das educadoras mencionou que era uma discussão difícil de ser feita, pois a escola passava por um momento delicado de diversos relatos de abuso sexual de crianças e adolescentes. As educadoras pontuaram o quanto sentem dificuldade em lidar com essas questões e como o trâmite legal não acolhe e nem ampara a criança em sofrimento. Como alternativa, elas estavam procurando alguma ONG ou entidade que fizesse um trabalho com as crianças e famílias daquela comunidade, de forma que pudessem prevenir situações similares no futuro, especialmente munindo as crianças com informações suficientes para que elas consigam reconhecer uma situação de abuso e saibam como prosseguir.

Ainda falando sobre o que a escola pode fazer em casos de abuso, uma das professoras mencionou que ela poderia fazer apenas a escuta, pois se sente impotente e incompetente. Outra participante mencionou a necessidade que sente de ter um trabalho com toda a comunidade, pois não são casos pontuais e as histórias se repetem nas famílias, afirmando ser angustiante não saber como agir nesses casos.

Sobre as diferenças entre sexo e sexualidade, uma professora afirmou que sexo pode ser o ato sexual e gênero. Sexualidade, para o grupo, tem relação com como a pessoa se sente, é o meio usado para chegar ao sexo e possui elementos que fazem com que nós construamos a relação do nosso corpo conosco e com os outros. Uma professora entende que sexualidade tem a ver com uma parte animal do ser humano, expressada através dos movimentos. Uma terceira professora disse que sensualidade é como a pessoa se sente, que nem sempre ela se sente do gênero que nasceu e concorda com a fala de que a sexualidade é o meio pelo qual a pessoa chega ao prazer, ao ato sexual e envolve a postura e o comportamento. Então, às vezes mulheres têm o comportamento masculino porque se sentem daquela forma e, dependendo da sua sexualidade, você tem uma sensualidade. Por fim, uma das participantes afirmou que dependendo da sensualidade de uma determinada mulher, as pessoas, de forma geral, podem

se interessar por ela e os homens irão pensar em sexo – e se eles pensam em sexo é porque a mulher estava sensualizando e querendo seduzir.

A discussão continuou, debatemos as diferenças entre sexo e gênero. Para elas, sexo é se a pessoa é homem ou mulher e com quem ela faz sexo (homens, mulheres, pessoas mais novas, em grupo). Algumas professoras disseram que sexo é gênero, masculino e feminino, pois quando se está no hospital é assim que perguntam no formulário. Quando uma professora disse que além de feminino e masculino, a pessoa pode ser transgênero, outra participante afirmou que alguém pode continuar sendo mulher, mas pode desistir também. Foi afirmado também que gênero pode ser homem ou mulher, logo se alguém nasce homem, o gênero é masculino. Contudo, se algum homem se sente mulher, infelizmente não pode colocar em fichas de cadastro que se sente mulher, pois é homem.

O grupo afirmou que pontuar as diferenças entre sexo e gênero é uma tarefa bastante difícil. Gênero, para algumas pessoas do grupo, é uma opção e sexo é como a pessoa nasce. Uma das participantes discordou desta definição, afirmando que gênero não é uma opção, sustentando que se fosse uma opção ninguém iria escolher, porque é um tabu, então seria mais uma orientação, algo que você vai descobrindo após o nascimento. Outra participante completou que a sexualidade sim é uma opção, não o gênero.

Nesse momento, uma das participantes disse que a família não pode orientar o filho dessa forma, afirmando que nasceu homem, mas se quiser pode mudar, se transformar. A discussão se alongou por alguns minutos, com algumas participantes falando que gênero é uma escolha e outras discordando. Uma das discordantes entende que gênero não é nem opção nem orientação, mas uma condição física que nasce com a pessoa. Ao longo da vida ela pode não se sentir com esse gênero, mas nasceu assim. Outra educadora questionou que essa pessoa não iria mudar o sexo, ao que a primeira disse que talvez mudasse. Começou, então, uma discussão sobre a cirurgia de redesignação de sexo, ilustrada por uma educadora como uma cirurgia que tira e arranca partes do corpo, mas a pessoa continua com o gênero que nasceu.

Na época do encontro, estava no ar uma novela cujo uma das personagens era um homem trans. Uma educadora disse que a filha dela não se conformava com a menina da novela ter tirado o peito para se sentir homem, porque se ainda gostava de homens ela podia ter continuado mulher, já que iria se relacionar com homens. Nesse momento voltou a discussão sobre o que era sexualidade e o que era gênero, novamente com participantes

afirmando que o gênero a pessoa pode mudar. Dessa vez, a maior parte das participantes concordou que ser homossexual não é uma opção, porque ninguém optaria por ser gay e uma criança de oito anos não sabe fazer essa opção, que vai trazer sofrimento. O grupo afirmou que a pessoa opta por assumir ou não sua identidade, expor sua identidade, mas não escolhe gostar do mesmo sexo. Todas, novamente, concordam que falar sobre gênero é a parte mais difícil.

Uma educadora exemplifica essa dificuldade comentando um encontro de sua enteada com um homem que estava vestido de mulher, logo, para ela, com a sexualidade feminina, mas com gênero masculino. Ela teve dificuldade para entender que alguém que gosta de ser chamado por um nome masculino, se vista com vestimentas entendidas como de mulher, femininas. Essa educadora comentou sobre outra pessoa, que trabalha em uma loja, que, para ela, dá para ver que o gênero é feminino, mas se veste como um homem. Quando ela se direcionou à vendedora como moço, a vendedora reclamou e disse que era mulher. A educadora disse que essa é a expressão da sexualidade dela, de se sentir como homem, mas que entende que a partir do momento que a pessoa se veste dessa maneira, ela sente que deve chamar a pessoa de moço, pois está vestida de moço. Algumas participantes do grupo concordaram que as pessoas devem chamar as outras pelo que elas veem, pela forma como se vestem.

Relacionando com a sala de aula, uma participante disse que não sente ter propriedade para dar uma aula com essa temática. Uma segunda professora afirmou que elas não precisam dar aula sobre isso, mas que precisam respeitar o ser humano. Elas disseram que é difícil entender muito bem essa temática por ser um assunto novo, que ainda está se fazendo, e, por ainda estar se construindo, fica difícil a compreensão.

Após essa discussão, demos início à segunda parte do encontro, em que a pesquisadora se propôs a trabalhar as definições de sexo, gênero e sexualidade³⁰, conforme havia sido

³⁰ As definições de sexo, gênero e sexualidade foram retiradas de Colling e Tedeschi (2015): Sexo é “a categoria biológica utilizada para diferenciar homens e mulheres, baseada na ordem compulsória do binarismo macho/femêa advinda do reino animal e da natureza. É determinado exclusivamente pela anatomia e fisiologia do corpo humano - pelos caracteres sexuais primários e secundários” (p. 601); Gênero é um conceito que busca “dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social” (p. 305); Sexualidade pode ser pensada como “um conceito empírico, analítico e político que passa por constantes alterações, sendo a sua construção parte de um processo complexo (...) De modo geral três principais aspectos da sexualidade humana devem ser identificados: o biológico, que se refere ao prazer físico e a reprodução; o social, que trata das relações, regras,

pedido pelo grupo. Nesse momento, uma educadora comentou o fato de existirem famílias que aceitam todas as decisões da criança, então se ela nasce com vagina, mas quer ser homem, a família veste como homem. Ela acredita que as crianças ainda não têm essa decisão tomada e inclusive menciona um movimento que estava acontecendo na Inglaterra para criar uma lei que proíba as famílias de intervirem dessa forma na vida das crianças.

Nesse momento, perguntamos se colocar um vestido em uma menina de dois anos seria uma imposição. Parte do grupo respondeu que não, parte respondeu que sim. Fizemos a mesma pergunta em relação à um menino da mesma idade. Nesse momento, algumas educadoras afirmaram que para o menino seria uma imposição, quando que para a menina é normal usar vestido. Quando questionadas por que é normal para a menina, uma educadora respondeu que é porque é bonito, porque é possível fazer uma analogia com uma boneca e boneca geralmente usa vestido, boneco não. Inclusive, o grupo comentou sobre a dificuldade em se encontrar um bebê de brinquedo que seja menino, normalmente são meninas.

Em seguida, o grupo começou a debater sobre diversidade sexual, termo que uma das educadoras entende como diversas opções de gênero. Uma das dúvidas mais pungentes do grupo era acerca da definição de pessoa transgênero e aonde encaixar essas pessoas, se era uma questão de expressão da sexualidade, de diversas opções de gênero ou de comportamento. As professoras demonstraram bastante interesse em compreender melhor o que era uma pessoa transgênero e em como lidar com pessoas que não correspondem ao padrão heteronormativo, como exemplificado anteriormente (pessoas com aparência física feminina, mas que se vestem com roupas ditas masculinas e vice-versa). O grupo concordou que pensar sobre essas questões demanda bastante energia e muito esforço, sendo difícil fazê-lo.

As participantes, então, começaram a debater sobre como os alunos e alunas percebem a questão da própria sexualidade, dúvidas como “Mas, professora, eu gosto de quem?” aparecem em sala de aula. A partir dessa fala, muitas concordaram que é necessário um espaço no qual as crianças possam conversar sobre essas questões em todos os âmbitos – familiar, escolar, social.

Foi retomada a temática do sexo, muitas educadoras afirmando que quando questionamos o que era sexo, elas logo pensaram no aspecto biológico e no ato de transar.

normas sexuais e as formas em que o sexo biológico é expresso e; o subjetivo, da consciência individual e coletiva da sexualidade e desejos” (p. 604, 605).

Uma professora comentou que se sentia muito confusa em como trabalhar a questão de gênero na educação infantil, pois ela entende que o gênero é a criança como nasceu. Depois da discussão, ela disse que começou a retomar atividades e expectativas de aprendizagem e entendeu que elas têm muito a ver com o aspecto social do ser humano, o que ela enxerga, inclusive, nas diferenças entre as meninas usarem calcinha e os meninos cueca. Sobre a questão social, uma educadora aponta que quando vemos um homem ou menino que se porta de maneira feminina, ele é entendido como educado.

O grupo também relatou situações que haviam ocorrido na última semana, de crianças do Fundamental I tocando o corpo do/da colega, mostrando o corpo publicamente e trocando beijos no banheiro. As educadoras, ao comentar as intervenções feitas, falaram sobre a importância de serem alguém com quem as crianças possam conversar e explicar abertamente porque algumas coisas podemos fazer na escola e outras não, independente de ser menino com menina, menina com menina ou menino com menino. O grupo também debateu sobre a dificuldade de conversar com as famílias, que, muitas vezes, têm um discurso contrário ou conflitante com o da escola, especialmente no que diz respeito à diversidade sexual.

Por fim, tematizaram algumas situações conflituosas com as quais se deparam, tais como quando duas meninas ou dois meninos se tocam. Explicitaram uma preocupação em relação a proteção que a criança deve ter, entendendo que esse é o papel das educadoras, mas nem sempre há um preparo, em termos de políticas públicas, para proteger as crianças. As educadoras mencionaram o projeto do Escola Sem Partido como um aspecto que dificulta a conversa aberta sobre gênero e sexualidade, inclusive afirmando ter receio de serem mal interpretadas pelas famílias.

3. Desvelando os encontros

Nesse tópico apresentaremos a análise dos encontros feitos junto à instituição parceira. Nossa análise foi feita da seguinte forma: a partir dos relatos dos três encontros com as professoras e a equipe gestora, bem como as transcrições, destacamos temas que chamaram a atenção nas falas das educadoras por estarem relacionados ao problema de pesquisa e por aparecerem com frequência nas falas. Tais temas receberam aqui a denominação de “unidades de sentido”. Essas unidades foram combinadas de tal maneira que se desdobraram em duas grandes temáticas, que aqui denominaremos de “Constelações” (SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H; FACHIM, 2018, no prelo).

Constelações são possibilidades de agrupamentos que, analogamente às estrelas, tecem um sentido e uma forma a partir das possibilidades e da perspectiva de quem as vê:

Na elaboração de constelações de significados, denominação preferível à de categorias, há tão somente uma organização da compreensão do pesquisador, que pode assumir as mais diferentes formas, variando de analista para analista. À semelhança de um céu estrelado, várias constelações podem ser delineadas (SZYMANSKI, 2004, p. 3).

Assim, fica claro o caráter circunstancial da compreensão dos fenômenos (SZYMANSKI, 2004).

Reconhecer que o agrupamento das partes do texto em constelações é resultado do lugar onde nos encontramos é importante para lembrar que toda compreensão é situada. A aglutinação das falas em conjuntos segue um critério subjetivo, como as constelações do firmamento olhadas pelas diferentes culturas, e é desejável esclarecer o que orientou a escolha das falas naquele conjunto (SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H; FACHIM, 2018, no prelo).

Como dito anteriormente, utilizamos as transcrições dos encontros e o relato dos mesmos para fazer a análise. As falas que formaram as unidades de sentido e, posteriormente, as constelações, podem ser encontradas nos apêndices (IV, V e VI). Preferimos essa maneira de análise por preservar o caráter individual das participantes, bem como evidenciar os debates acerca da temática gênero e sexualidade na educação. O quadro abaixo exemplifica o caminho que percorremos na criação das unidades de sentido e das constelações:

Quadro 3 - Exemplos do caminho percorrido na análise

Excertos dos encontros	Unidades de sentido	Constelações
Segundo encontro: Ísis – É... a mulher é para ser pegada, não é para pegar.	Papel social da mulher	Ser mulher e ser homem na sociedade
Primeiro encontro: Deméter – Né... O pai, o homem, depois vem o outro homem, depois vem a mãe e depois todo o resto, que era nós. Então existe, existe até hoje isso dentro dos lares né. Ah vamos dividir o serviço, tá bom né, mas eu estou te ajudando.		
Primeiro encontro: Atena – E a gente que enxerga algumas coisas, mas às vezes eu me pego como mãe assim, algumas coisas eu falo, nossa... que cagada né. Tipo, desde questão de autonomia, às vezes separar uma roupa para por, é... tem umas coisas que a gente faz que a gente poda a autonomia.	Maternidade	
Primeiro encontro: Ártemis – E a responsabilidade pelo filho né. Assim, o sexo aconteceu entre os dois, nenhum dos dois se cuidou, mas ela que ficou a grávida, ela que ficou a mãe. Ele continuou a vida né. Muitas pessoas vivenciaram isso né, eu vivenciei isso. Fiquei grávida jovem e me casei e me separei, grávida ainda, e aí a filha era minha né. Então é complicado né, na hora de fazer são os dois, mas na hora de assumir é só a mulher. Até hoje. A minha filha tem 27 anos, né, então isso foi há muito tempo. E ainda é assim, ai parece que as mentalidades não se abrem.		
Segundo encontro: Bastet – Mas como mãe de menino me preocupa assim umas coisas, de dar esse peso pro meu filho, sabe? Essas frases bobas. Graças a Deus eu ainda não falei, não vou falar nunca porque a gente faz um monte de coisa errada. Homem não chora, você não é menina para fazer isso. Eu nunca falei assim... falar chorando é uma coisa que me irrita. Então você quer conversar, vamos conversar. Começou a chorar eu saio de perto. Mas eu nunca usei esses termos. Mas me preocupa assim porque a sociedade traz muito isso de menino tem que ser assim, menino pode, menina não pode. Não sei se é mais fácil ou não pelo meu jeito de ser, eu acho... eu ainda falei agora há pouco a gente falando da filha da P., eu falei graças a Deus Deus me deu menino, porque eu não tenho essa paciência pra frescura, para maquiagem, para não sei o que, para não sei o que lá... Menino tem outras frescuras, que também são irritantes, mas eu acho pesado também você criar um filho nesse... com essas concepções.	Papel social do homem	
Primeiro encontro: Nix – Quando vem com essas histórias eu falo, na próxima encarnação eu quero ser homem (risos do grupo). Só para ter essas regalias.		
Primeiro encontro: Afrodite – Eu não sei como eu vou ser com o meu filho, mas é assim, quanto a outras coisas... que nem quando ele ganhou um negócio lá da NET, fazia 10 anos que tinha NET, podia ganhar um controle para criança, para só mexer em canal infantil. Eu perguntei para ele, qual que você quer, porque só tinha rosa e azul, eu perguntei qual você quer. Nossa, meu marido ficou muito bravo, porque eu tento lidar com as coisas de outra forma, mas para ele... “Não, você tá induzindo o menino a ser viado” (risos do grupo) Não, tem dois para escolher. “Claro que é o de menino, não tem nem o que perguntar” Ai eu falei, não é assim que funciona, mas assim... para mim é muito difícil porque a criação que eu tive com a dele é muito diferente, aí vem o L. que é menino, porque com menina é mais fácil, ele tem uma menina de 21 anos, com menina é mais fácil, mas com menino fica muito estereotipado. Muito...	Paternidade	
Segundo encontro: Sótis – Normalmente a criança quando tem o pai tradicional, o pai é o herói, o pai não sente dor, o pai não chora, o pai sabe tudo, o pai protege. Então aquela figura de ser forte.		

<p>Segundo encontro: Anúquis – Eu conheço mais de uma mulher que é homossexual porque foi estuprada e ela não conseguia mais ter relação com homem. Então até na minha cabeça fica a dúvida, será que é realmente uma opção ou é uma maneira de se defender para que aquela situação não se repita?</p>	<p>Sexualidades e Gêneros</p>	<p>Ser mulher e ser homem na sociedade</p>
<p>Terceiro encontro: Nanã - Eu acho que as crianças hoje em dia, ela estão meio que... A sexualidade dela está mais aflorada né? Antes com seis anos não se falava em sexo! Sete anos. Hoje já estão, são estimulados né? Pela mídia e por todos os outros meios de comunicação a sexualidade deles.</p>		
<p>Terceiro encontro: Iemanjá - Aí... aí a mãe falou: (imita a mãe falando) “IMAGINA NÃO SEI O QUE, ONDE JÁ SE VIU BEIJAR MENINAAA? EU JÁ FALEI ISSO!”. Então assim, não era essa a discussão: por que ela é uma criança ainda, não é fase da vida dela ficar beijando na boca! A discussão era que era uma menina. Aí eu falei pra mãe, “olha, mas a gente fez alguns combinados”, repeti meus combinados com a mãe, “não é mãe olha, não pode brincar no banheiro, não pode beijar na escola, não sei o que...”. Aí, ela é bem esperta a menina, pra mim ela tá anos luz na frente.</p>	<p>A família e a manutenção dos estereótipos</p>	
<p>Primeiro encontro: Têmis – A educação que você recebe mesmo na família. Na família e na sociedade, porque você não educa ninguém sozinho né, você precisa da sociedade, você precisa da família, você precisa de todo seu contexto para você educar, mas principalmente na família, eu acho que é mais forte, o fato do pai e da mãe falar “Ah, você não pode sentar com a perninha aberta, ah você tem que lavar a louça, o menino pode jogar futebol, a menina não pode jogar futebol”, essas coisas, elas vêm mais de casa do que da escola, por exemplo. Na escola não tem isso aí, mas na família tem. Menina pode isso, menino pode aquilo. Agora tá mudando como eu falei, como estão mudando as formas de educar, hoje tá mudando. Mas há um tempo atrás é dentro da família que se impõe esses preconceitos.</p>		
<p>Segundo encontro: Ísis – Hoje eu ouvi de uma aluna do quarto ano, na saída, ela falou assim: eu tô fazendo Muay Thai. Ai, que legal, por que você escolheu fazer Muay Thai? Ah, porque eu sou muito delicadinha e eu preciso aprender a me defender dos estupros. Aí eu falei, ah é? É, porque tem um golpe, se eu der esse golpe aqui pof, ela imitou, eu estouro o nariz dele, eu deixo ele sangrando, aí nenhum homem vai tocar em mim.</p>	<p>Gênero e violência</p>	
<p>Segundo encontro: Anúquis – Eu conheço mais de uma mulher que é homossexual porque foi estuprada e ela não conseguia mais ter relação com homem. Então até na minha cabeça fica a dúvida, será que é realmente uma opção ou é uma maneira de se defender para que aquela situação não se repita?</p>		
<p>Segundo encontro: Kebechet – E principalmente quando se tem, assim, não to falando no caso, é quando você coloca religiosidade dentro do ambiente de trabalho né, porque você, o que você pensa tem que estar aqui dentro né e quando você foge da sociedade e tenta colocar a sua religião dentro do espaço, você quebra tudo quanto é regra né. Tá quebrando tudo né. E eu sinto isso, entendeu? Tá trazendo a igreja, a igreja está sendo levada para dentro da escola. Então, assim...</p>	<p>Religião e igreja</p>	
<p>Primeiro encontro: Ártemis – Mas aí é uma coisa mais religiosa né, eu acho que lutar contra a religião uma coisa muito difícil. Agora, lidar contra o preconceito de gênero aí é mais fácil né. Porque aí é uma dificuldade da família entender, né. Aqui por exemplo a gente tem funcionários que não trabalham de sábado, por conta da religião. Então não adianta você bater de frente, é uma coisa religiosa. Agora a questão do gênero eu acho que é...</p>		
<p>Primeiro encontro: Atena – Eu já acho que é muito difícil de lidar. Acho que a educação não lida bem com essa questão do gênero. Eu</p>		

<p>acho que às vezes a gente ouve coisas e faz que não ouve porque a gente não sabe discutir de fato com os alunos, tipo ah chama o outro de viado, virou banalidade isso. Então não é sempre que a gente para para discutir. E eu acho que é algo que a escola ainda tem que olhar para discutir, uma atividade. Sábado a gente falou sobre isso numa atividade, show de talentos. Então na gincana as crianças poderiam escolher uma apresentação. Como o aluno fez uma apresentação de ballet, cada grupo escolheu. As meninas escolheram muito funk, vieram com shortinho aqui, elas dançavam com a bunda lá pra cima e os meninos atrás boquiabertos, morrendo, babando. Tinha menino assim com a perna cruzada (Atena simulou o menino escondendo o pênis). Então assim, ainda acho que, por mais que teve critérios de apresentação, eles tinham liberdade para escolher o tipo de apresentação. Então tinha que ser apresentação, pontuar que fosse diferente. Mas está tão enraizado isso e assim, aconteceu dentro da escola. Então acho que são práticas que a gente não dá conta de lidar, porque às vezes sufoca. E aí vem tanto que a gente meio que se esquivava, eu acho que a gente não encara de fato pra discutir essa questão. E eu não acho que é simples. Talvez com os menores seja mais simples, mas não simplório, porque às vezes também eles já trazem uma carga muito pesada nesse sentido assim da família, mas não sei. Aqui por mais que a gente já discutiu, tanta gente já veio conversar com a gente, tudo, eu ainda... eu particularmente sinto dificuldade de lidar com algumas questões da escola. Às vezes a gente dialoga tanto, mas você vai ver uma atividade, você fala putz, escapou isso.</p>	<p>Reflexões sobre ser educadora</p> <p>Reflexões sobre ser educadora</p>	<p>Gênero, sexualidade e educação</p>
<p>Terceiro encontro: Nanã - É delicado a gente conversar sobre isso com a criança, porque não fica só entre a criança e a professora, geralmente uma conversa nesse nível sai dos muros da escola e chega em casa. E como chega em casa, talvez o pai e mãe não tenham o entendimento que a gente teve dentro da sala de aula. Então, para mim, ainda é complicado conversar sobre sexualidade na sala de aula. Porque eu não sei como esse assunto vai chegar do outro lado, como vai ser recebido do outro lado. Então eu tenho um pouco de receio de conversar sobre isso sim.</p>		
<p>Primeiro encontro: Artemis – Nós somos podados na infância e aí isso se reflete depois, na adolescência né. Muitas pessoas que não querem ser o que são, nascem com outra tendência tal. E é lá na infância que eu começo a perceber isso ou a demonstrar, talvez eu não perceba, mas quando eu sou adolescente eu já sei que aquilo não é legal, eu já ouvi falar, a minha mãe... Eu tinha um aluno na EMEI que ele era, assim, muito infeliz como menino, ele queria ser menina. Então quando ele entrava na escola ele colocava tiara das meninas, ele passava o dia todo com a tiara. E aí na hora de ir embora ele sabia que tinha que devolver, porque pelo amor de Deus se a mãe dele pegasse. Eu fazia o dia da beleza, então a gente pintava a unha das meninas e ele toda vez queria pintar. Então eu passava aquele incolor né, porque eu falava a mãe vai me matar. Aí um belo dia eu tive uma ideia brilhante, eu falei vou pedir autorização (risos do grupo). Peguei e mandei um bilhete para a mãe. Mamãe, na hora da beleza ele quer pintar a unha e eu tenho alguns esmaltes aqui e eu gostaria da sua autorização. Ela baixou lá e não deixou. Ele chorava, assim, compulsivamente enquanto eu pintava a unha das meninas, eu morria de dó. Então assim, é uma coisa muito séria. Ele com certeza não é um menino, não gosta de ser menino, e vai viver esse sofrimento por muito tempo porque a mãe não aceita.</p>	<p>Família e a Escola</p>	<p>Gênero, sexualidade e educação</p>
<p>Terceiro encontro: Iemanjá - E assim, eu acho que se o pai chegar na escola e reclamar, isso é bom! É bom porque a gente cria um caminho. Então assim, se o pai vier pra reclamar de um tema desse que bom que ele veio, porque eu acho que a gente estabelece um caminho e aí</p>		

<p>a gente vai fazer um atendimento com o pai e conseguir chegar porque às vezes a gente olha pra crianças e fala “Nossa, gente ela é muito melhor do que o pai e a mãe”.</p>		
<p>Primeiro encontro: Hemera – É, não, mas assim, eu acho um pouco estranho ver a criança já, o menino dizendo... muito afeminado. Eu particularmente acho estranho. Eu tento não fazer distinção, daquele menino P. E ele é todo afeminado. Então, eu vejo que aquilo ainda é assim, pra mim é um pouco distante. E assim, mas enquanto professora, eu fui módulo e ficava com ele algumas vezes, eu não fazia distinção, mas para mim é um pouco estranho. Então, não sei como seria né... Na minha família, assim, foi sempre muito de boa, nunca teve essa separação tal de brincar, eu acho que até brincar com carrinho, brincar com boneca, isso aí não me choca. Agora ver uma criança já tão pequena e tão né, demonstrando que ela está no corpo errado, isso ainda me choca enquanto pessoa. Aí talvez no subjetivo isso cause impactos, com certeza deve causar. Me choca assim...</p>	<p>Valores pessoais e a prática docente</p>	
<p>Segundo encontro: Oyá - Você pode aceitar, mas também não pode aceitar. Tem uma... né? Não é uma coisa, como dizer, determinada, né? Ainda está se fazendo. Não tá determinado. Acho que é por isso que a gente não entende, não é uma coisa... é uma coisa que está sendo construída.</p>		
<p>Segundo encontro: Kebechet – Os hormônios né. Quando você fala do cheirinho do sovaco, dos pelinhos, ali eles ficam tudo assim... eles não se conhecem né? Eles fazem assim para ver se tá fedendo. Eles começam a se conhecer.</p>		<p>Gênero, sexualidade e educação</p>
<p>Terceiro encontro: Iemanjá - Teve outra, de dois meninos que a Neusinha chegou “Ai Iemanjá! Eles estavam no banheiro passando um a mão no outro” aí o menino “Ai, eu tava fazendo xixi e ele foi e pegou. - Tá! Mas como que ele pegou?” Aí ele “Eu peguei ele ASSIM! - Tá mas ele tava com roupa ou sem roupa? Ele pediu? - Não, não pediu, eu peguei.”, tá e o outro estava fazendo xixi e ele falou, “mas bem que ele gostou! Porque eu vi a cara dele assim ó!” (risos do grupo) aí eu falei, “Bom isso é uma outra história, ele tá aqui por uma reclamação também. Então, ele pediu para você? Não, você não pode tocar no corpo dele. Ele não pediu. - Ah, mas ele tava lá rindo! - Não, eu não tava rindo, é que o outro menino tava fazendo uma graça do outro lado e aí eu fiz assim três vezes” (Risos gerais). Não, eu pergunto tudo, porque se a não se a gente entende, eu pergunto mesmo! Mas ele pôs a mão? Pôs a mão como? Você tá brincando e bater a mão é uma coisa, agora o menino que já sabe descascar (Risos gerais), não é? São situações diferentes!</p>	<p>Corpo e descoberta da sexualidade</p>	
<p>Segundo encontro: Ísis – Tem uma outra questão aqui, que a gente teve... eu tava dando aula de educação física e a Rede organiza alguns campeonatos e o único que a gente leva aqui é o de atletismo, porque a gente pode levar quem quiser ir, não tem que fazer aquela, sabe? Então dá pra levar 50 alunos, ao passo que se você for inscrever no futebol você não leva 50 alunos. Então a gente opta por levar só em atletismo porque aí dá para levar bastante gente, geralmente quem quer vai. E aí a gente faz uma seletiva, ah você vai fazer o que? Salto em altura, salto em distância, corrida, então a gente faz uma seletiva. E aí tinha uma turma, tem um aluno gay, e na hora é masculino e feminino, esporte é assim. E daí ele veio questionar, eu organizando a seletiva, ah, você tem interesse em participar do que? Isso, isso, isso. Então para ir maior número de pessoas, um aluno só pode participar de uma prova coletiva e duas individuais. Então a gente distribui para ter mais possibilidade. E ele veio questionar: pro, se na aula não tem essa divisão, quando a gente aprende as coisas, porque agora na seletiva tem que ter? Então daí veio uma relação com o esporte né, então a gente discutiui o esporte, falou um pouquinho sobre o esporte. Era 6º ano, no começo, então a gente não começa o ano entrando no</p>	<p>Esportes e gênero</p>	

<p>esporte, discutindo essa frente. E aí teve que discutir, porque no esporte é masculino e feminino. Mas isso não significa que você tá... atletismo, aí sua prova qual que é, salto em altura masculino pré-mirim. Não significa que você deixa... tem muito no esporte, tem muitos casos de homossexuais no esporte, mas tem essa questão de masculino e feminino. Então na cabeça dele ele questionou, porque não entendia. Não, eu não quero me enquadrar no masculino. Não, mas não dá, no esporte não dá. Então também essa relação é... quando ele se vê numa situação que ele tem possibilidade de...</p>	<p>Esportes e gênero</p>	<p>Gênero, sexualidade e educação</p>
<p>Segundo encontro: Bastet – Eu não sei se é errado, mas, que nem, meu aluno ano passado com 3 anos, o J., que ele falava eu sou uma menina, ele queria ser uma menina, uma coisa que eu conversei com a direção, mas é uma coisa que... não tem uma receita, ninguém dá uma receita para trabalhar. Porque tem muito isso, agora só os meninos correm, depois só as meninas, não sei o que. Ele só ia quando chamava as meninas. Então assim, no currículo da educação infantil tem gênero. Então eu falava, eu preciso trabalhar que ele é um menino. Ele pode usar roupa da Elsa, ele pode não sei o que, ele pode não sei o que lá, mas o gênero dele é masculino, igual esse menino. Você pode gostar do que você quiser, mas nasceu com gênero masculino, não tem jeito. Tem jeito, mais pra frente (risos). Mas to dizendo, você vai se inscrever no masculino, isso não vai mexer com quem você é, com o que você gosta. E foi uma coisa que a gente ficou muito cheio de dedos, até porque era uma criança de 3 anos e aí, assim, todo mundo ou me olhava muito feio porque eu falava isso, não J., você é menino, você vai correr quando correm os meninos. Tinha gente que me olhava muito feio quando era dia da fantasia e ele tava de princesa, porque ele queria usar a de princesa.</p>		

Os encontros resultaram em duas grandes constelações: *Ser mulher e ser homem na sociedade e Gênero, sexualidade e educação*, que serão detalhadas a seguir.

3.1 Ser mulher e ser homem na sociedade

Os três encontros foram permeados de frases e posicionamentos acerca da mulher e do homem na sociedade. Dessas discussões, tiramos oito unidades de sentido, a saber: *Papel social da mulher, Maternidade, Papel social do homem, Paternidade, Sexualidades e Gêneros, A família e a manutenção dos estereótipos, Gênero e violência e Religião e Igreja*.

Pudemos observar que, para as educadoras, a educação dada pelas famílias, inclusive as próprias, tem grande influência na constituição da personalidade e de como as pessoas enxergam o mundo e aceitam, ou não, o diferente. Em diversos momentos dos encontros as participantes mencionaram a experiência pessoal com as questões de gênero no âmbito familiar e como elas enxergam essas questões nas famílias, de forma geral.

Têmis – Esse lápis para mim ele representa a educação. A educação que era dada nas famílias de antigamente e com a mudança da educação hoje tem essa aceitação que nem a Téia tá comentando. As crianças elas realmente não diferenciam nada, para elas tudo bem menino pintar com canetinha cor de rosa, pedir uma folha cor de rosa, para eles tudo bem. Porque a educação tá mudando. Esse lápis no começo a menininha não podia sentar de perna aberta, tinha que ficar com a perninha fechada, todas as imposições que a educação, a família impõe, o lápis ia lá e apagava o que a menininha queria e colocava o que a educação achava que era certa (apêndice IV).

Sótis – Normalmente a criança quando tem o pai tradicional, o pai é o herói, o pai não sente dor, o pai não chora, o pai sabe tudo, o pai protege. Então aquela figura de ser forte (apêndice V).

Kebechet – Mas a sociedade só muda quando você muda dentro da sua casa. Porque do meu pai passou pro meu filho, meu filho passou pros filhos dele e assim a sociedade vai se transformando. Ela se transforma... (apêndice V).

Ártemis – E a responsabilidade pelo filho né. Assim, o sexo aconteceu entre os dois, nenhum dos dois se cuidou, mas ela que ficou a grávida, ela que ficou a mãe. Ele continuou a vida né (apêndice V).

Podemos entender, então, que, para esse grupo, o aspecto social do ser humano é de suma importância na formação e manutenção de estereótipos de gênero. Esse entendimento vai de encontro com as ideias de GARCIA (2017), CONNEL e PEARSE (2015) e LOURO (2001), quando afirmam o caráter social e circunstancial das expressões de gênero e sexualidade.

O embate por si só merece uma especial atenção de estudiosos/as culturais e educadores/as. Mas o que o torna ainda mais complexo é a sua contínua transformação e instabilidade. O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2001, p. 542).

Ao comentarem sobre o que é ser mulher e o que é ser homem, as participantes focaram nas vantagens que sentem que os homens têm perante as mulheres.

Deméter – Né... O pai, o homem, depois vem o outro homem, depois vem a mãe e depois todo o resto, que era nós. Então existe, existe até hoje isso dentro dos lares né. Ah, vamos dividir o serviço, tá bom né, mas eu estou te ajudando (apêndice IV).

Nix – Quando vem com essas histórias eu falo, na próxima encarnação eu quero ser homem (risos do grupo). Só para ter essas regalias (apêndice IV).

Deméter – Mas é uma arma né... basta ter pinto para ser forte, não é assim? Não é essa a concepção que eles têm? O que você tem no meio da perna. Mas vai ser devagar, para daqui alguns anos, mas vai ser muito devagarzinho... E a gente com esse negócio de trabalhar a gente se lascou né. Até eles entenderem o papel deles, a gente já se acabou né, de trabalhar (apêndice IV).

Kebechet –Então... talvez porque eu tenha sido reprimida também. Talvez essa mudança minha seja por isso, porque na minha casa nós eramos 6, meu pai e meu irmão só, o resto tudo mulher dentro de casa. Então se chegava material de

construção, quem que carregava? Nós, as mulheres. Tinha que pintar a casa, vamos pintar a casa? Quem pintava a casa? Nós, as mulheres. Então nós crescemos... Meu pai trabalhava fora. Meu irmão era aquele negócio, foi criado... ah é menino, não precisa lavar, não precisa passar, ah não precisa. A gente podia fazer tudo, podia fazer serviço dito de homem, que é pintar a casa, carregar areia, carregar bloco, reformar, fazer as coisas e meu irmão foi criado só como homem, ele é só homem. E nós fomos criadas dos dois lados, homem e mulher. Ele não, era só homem. Então ele podia fazer as coisas de homem (apêndice V).

Os relatos refletem a percepção das educadoras sobre a sociedade androcêntrica e patriarcal em que vivemos (GARCIA, 2015), destacando os privilégios masculinos. As participantes sentem mudanças na sociedade, mas relacionam essas mudanças às mudanças no comportamento das mulheres e refletem sobre o papel delas como mães em mudar (ou manter) as expectativas sociais.

Bastet – Mas como mãe de menino me preocupa assim umas coisas, de dar esse peso pro meu filho, sabe? Essas frases bobas. Graças a Deus eu ainda não falei, não vou falar nunca porque a gente faz um monte de coisa errada. Homem não chora, você não é menina para fazer isso. Eu nunca falei assim... falar chorando é uma coisa que me irrita. Então você quer conversar, vamos conversar. Começou a chorar eu saio de perto. Mas eu nunca usei esses termos. Mas me preocupa assim porque a sociedade traz muito isso de menino tem que ser assim, menino pode, menina não pode. Não sei se é mais fácil ou não pelo meu jeito de ser, eu acho... eu ainda falei agora há pouco a gente falando da filha da P., eu falei graças a Deus Deus me deu menino, porque eu não tenho essa paciência pra frescura, para maquiagem, para não sei o que, para não sei o que lá... Menino tem outras frescuras, que também são irritantes, mas eu acho pesado também você criar um filho nesse... com essas concepções (apêndice V).

Ao pensarem em masculinidade, as participantes discorreram também sobre situações de violência.

Sechat – Eu acho que, volto naquela situação anterior que o homem ele é homem, então assim... Quando a gente fala em criança é estupro, mas quando você fala numa mulher, a mulher era vagabunda. Você viu o vestido que ela tava, assim, você não tem nem o direito de ser ou de usar o que você quer porque você assanha o outro, vamos dizer assim, e ele é homem né, então eu acho que ainda tá nesse conceito, estupro e a masculinidade sim. Sou tão macho que eu pego, que eu faço (apêndice V).

Algumas participantes não relacionaram diretamente as expectativas que o homem tem socialmente em ser másculo, forte, grande (adjetivos atribuídos aos homens pelas educadoras) com casos de violência, como estupro. Contudo, o grupo em diversos momentos pontuou como sente que os homens têm mais espaço socialmente, que eles têm mais liberdade.

Ao mesmo tempo em que o grupo reconhece a série de vantagens que os homens têm e pontua isso, também reconhece as limitações dessa dita masculinidade.

Afrodite – (...)Fazia 10 anos que tinha NET, podia ganhar um controle para criança, para só mexer em canal infantil. Eu perguntei para ele, qual que você quer, porque só tinha rosa e azul, eu perguntei qual você quer. Nossa, meu marido ficou muito bravo, porque eu tento lidar com as coisas de outra forma, mas para ele... “Não, você tá induzindo o menino a ser viado” (risos do grupo) Não, tem dois para escolher. “Claro que é o de menino, não tem nem o que perguntar” Ai eu falei, não é assim que funciona, mas assim... para mim é muito difícil porque a criação que eu tive com a dele é muito diferente, aí vem o L. que é menino, porque com menina é mais fácil, ele tem uma menina de 21 anos, com menina é mais fácil, mas com menino fica muito estereotipado. Muito... (apêndice IV).

Ao mesmo tempo em que as educadoras entendem como o aspecto social molda as crianças, depositam um peso muito maior nas influências familiares do que na escola. Quando pensam em mudanças que já ocorreram, que se afastam dos moldes tradicionais, admitem que são pequenas e lentas. Elas vislumbram mais mudanças a frente, mas frisando que o cenário só mudará se a educação familiar se transformar.

Sobre maternidade e paternidade, as educadoras sentem que o peso maior é da mãe: a mãe é a responsável pela criança. Além disso, elas entendem que as mães usualmente têm um comportamento mais afetivo e compreensivo com os filhos, ao passo que os pais têm uma cobrança grande de uma postura máscula e viril dos mesmos. O grupo refletiu sobre como pode acabar reproduzindo estereótipos de gênero em seu convívio familiar e com os filhos e filhas, muitas educadoras relatando dificuldades com discursos ou posicionamentos dos maridos/companheiros.

3.2 Gênero, Sexualidade e Educação

Esta constelação diz respeito às falas sobre as dificuldades de se educar e lidar com este tema no cotidiano da escola e na prática docente. Dos encontros, tiramos cinco unidades de sentido: *Reflexões sobre ser educadora, Família e a escola, Valores pessoais e a prática docente, Corpo e descoberta da sexualidade e Esportes e gênero.*

Nos três encontros permeou as falas das educadoras as dificuldades que sentem em lidar com questões que envolvem gênero e sexualidade. As docentes afirmaram entender a temática como uma questão complexa, pois envolve os valores pessoais, profissionais e confronta com os valores familiares. Em muitas falas apareceu o medo que elas têm em atravessar o posicionamento das famílias dos alunos e alunas, especialmente com movimentos conversadores ficando mais fortes, como o Escola Sem Partido.

Ártemis – Nós somos podados na infância e aí isso se reflete depois, na adolescência né. Muitas pessoas que não querem ser o que são, nascem com outra tendência tal.

E é lá na infância que eu começo a perceber isso ou a demonstrar, talvez eu não perceba, mas quando eu sou adolescente eu já sei que aquilo não é legal, eu já ouvi falar, a minha mãe... Eu tinha um aluno na EMEI que ele era, assim, muito infeliz como menino, ele queria ser menina. Então quando ele entrava na escola ele colocava tiara das meninas, ele passava o dia todo com a tiara. E aí na hora de ir embora ele sabia que tinha que devolver, porque pelo amor de Deus se a mãe dele pegasse. Eu fazia o dia da beleza, então a gente pintava a unha das meninas e ele toda vez queria pintar. Então eu passava aquele incolor né, porque eu falava a mãe vai me matar. Aí um belo dia eu tive uma ideia brilhante, eu falei vou pedir autorização (risos do grupo). Peguei e mandei um bilhete para a mãe. Mamãe, na hora da beleza ele quer pintar a unha e eu tenho alguns esmaltes aqui e eu gostaria da sua autorização. Ela baixou lá e não deixou. Ele chorava, assim, compulsivamente enquanto eu pintava a unha das meninas, eu morria de dó. Então assim, é uma coisa muito séria. Ele com certeza não é um menino, não gosta de ser menino, e vai viver esse sofrimento por muito tempo porque a mãe não aceita (apêndice IV).

A fala de Ártemis exemplifica bem duas questões: a preocupação com a reação da família em relação à intervenção e o próprio conceito da educadora sobre o que é ser homem/mulher e manifestação da sexualidade. Existe uma confusão entre o fato da criança da história desejar fazer atividades/brincadeiras que comumente são associadas ao gênero feminino e ela ser homossexual ou transgênero.

Afrodite – É porque a gente foi criada assim, não adianta a gente, por mais que a gente tenha a mente mais aberta, a gente conversa, a gente saiba que não, que não tem... que não pode ter estereótipo e as pessoas tem que ser felizes e tal, tem uma coisa embutida na gente, uma hora ou outra a gente faz alguma coisa que fala: que cagada. (risos do grupo) É difícil! Eu me vejo fazendo mais no papel social do que como mãe, né? Assim, de manhã eu tenho 7 alunas, então, assim, posicionamento, forma de sentar. Não falar menina não senta assim, mas eu cobro delas sabe, quando senta “Aí professora, você...” Postura, senta direito, não sei o que. E as minhas meninas são terríveis, são só 7, mas valem por 50. Então eu cobro algumas coisas delas que eu vejo que eu não cobro dos meninos a tarde, por exemplo (apêndice IV).

Hemera – É, não, mas assim, eu acho um pouco estranho ver a criança já, o menino dizendo... muito afeminado. Eu particularmente acho estranho. Eu tento não fazer distinção, daquele menino P. E ele é todo afeminado. Então, eu vejo que aquilo ainda é assim, pra mim é um pouco distante. E assim, mas enquanto professora, eu fui módulo e ficava com ele algumas vezes, eu não fazia distinção, mas para mim é um pouco estranho. Então, não sei como seria né... Na minha família, assim, foi sempre muito de boa, nunca teve essa separação tal de brincar, eu acho que até brincar com carrinho, brincar com boneca, isso aí não me choca. Agora ver uma criança já tão pequena e tão né, demonstrando que ela está no corpo errado, isso ainda me choca enquanto pessoa. Aí talvez no subjetivo isso cause impactos, com certeza deve causar. Me choca assim... (apêndice IV).

As falas de Afrodite e Hemera mostram o quão difícil é para elas se desvencilhar daquilo que foram criadas a acreditar ser o correto, o padrão. GARCIA (2015) aponta que

O fato de que a formação e as práticas pedagógicas estão estruturadas fortemente em um ‘dever ser’ construído a partir das posições hegemônicas que consideram os seres humanos como abstratos e ‘descorporizados’, é uma das razões pelas quais Universidades, escolas de ensino fundamental e médio e organizações sociais carecem de materiais educativos que lhes permita abordar estas temáticas de uma perspectiva crítica às situações de discriminação e opressão sexual (p. 18).

Logo, para que seja possível “quebrar” esse ciclo de reprodução de estereótipos, é preciso pensar nos cursos de formação docente e na formação continuada de quem já ocupa os espaços educacionais.

Atena – Acho que às vezes o lápis ele nem é uma ação, mas é o nosso pensar. Às vezes a gente tem que policiar o pensamento, algo que choca. Porque a gente... choca porque não é natural pra gente né, você não vê aquilo com uma naturalidade, então te choca. Porque a gente espera um padrão. Então acho que o lápis às vezes é o nosso próprio pensamento, como a gente vê as coisas, a gente desenha né. Ou ele vem desenhado assim, ou o desenho tá pronto e a gente vai contornar esse desenho. Então acho que isso é, a gente tem que policiar, por isso que eu olhei assim, a gente tem que ficar monitorando. Então não é só atitude, mesmo o pensamento. Eu acho, eu pelo menos assim, uma situação que eu vivencio assim. Eu monitoro até o meu pensamento (apêndice IV).

Para Atena o nosso próprio pensar é algo que deve ser constantemente revisto, pois em diversos momentos nos chocamos com situações que fogem do padrão esperado e, então, não sabemos como agir. Podemos questionar o quanto de espaço existe na formação docente para revisitar práticas e pensamentos entendidos como naturais, como o padrão.

O verdadeiro sentido da pedagogia transgressora ou *queer*, radica em aplica-la nas estruturas gerais dos sistemas educativos (formais, não formais e informais) para repensar as classificações e estruturações que fazemos dos sujeitos. Desse modo ela serve para repensarmos as atitudes racistas, as discriminações contra as mulheres, os portadores de necessidades especiais, o esquecimento ou superproteção das crianças superdotadas. Unicamente aplicando uma pedagogia geral que sirva para repensar os corpos dos sujeitos pedagógicos, poderemos escapar da estrutura binária que nós mesmos criticamos (GARCIA, 2017, p. 15).

Assim, podemos entender que uma maneira de fazer essa pedagogia transgressora acontecer é proporcionar momentos de debate e formação crítica das educadoras e dos educadores, como o que foi proposto neste trabalho, em afinção com o pedido da equipe gestora.

Perséfone – Agora tem o outro lado também né. A questão da criança brincar, da menina brincar com brinquedo de menino, o menino com brinquedo de menina quando criança não quer dizer que ela vai ser né. Na verdade, eles começam, as crianças começam a sofrer esse podar bem pequenos ainda. Eu trabalhei em CEI bastante tempo e no horário de saída, às vezes o pai da criança chega e o menino tá com uma boneca na mão, ele se espanta com aquilo. Fulano você tá brincando de boneca. E num espaço desse a gente não faz diferença, você põe o brinquedo lá e a criança faz a escolha dela e brinca com aquilo que ela prefere né (apêndice IV).

O grupo levantou a questão das crianças chegarem com estereótipos de gênero com uma idade muito nova, nos primeiros anos da vida escolar. Ao mesmo tempo, as educadoras mostraram ter dificuldade em definir quando seria o momento certo para debater essa temática, em um primeiro momento acreditando que seria só a partir do fundamental II, quando

sexualidade humana é trabalhada no currículo de ciências. Em outros momentos elas disseram que tem de trabalhar conforme a demanda, ou seja, se o assunto aparecer no contexto escolar elas conversam sobre, se não, elas não propõem a discussão. Contudo, muitas participantes confessaram que fingem que não ouvem alguma situação ou troca entre os alunos e alunas por medo de não saber como intermediar ou conduzir a discussão.

Outro aspecto levantado pelo grupo foi a dificuldade em conduzir uma situação que foi imposta pela equipe gestora da escola, como por exemplo a ordem da diretora de uma escola do estado, na qual uma participante trabalha no período contrário, de separar as crianças por gênero.

Kebechet – Não, mas eles são vigiados. Isso me causou problema, porque isso aí é uma denúncia gravíssima se fizerem, não é? Se for pensar é uma denúncia grave. Mas aí diante da escola sem partido, você pensa mais o que? Pra eles estão certos, não é? Estão fazendo aquela escola tradicional, tinha sala de meninos, sala de meninas, um lado meninos, um lado meninas, então... é, não sei... não sei o que vai virar isso. Porque se já está acontecendo, já está sem medo de que haja uma denúncia. E eu ainda perguntei, mas por que isso está acontecendo? Ah, porque eles estavam indo e se encontrando ali atrás da escola. (apêndice V).

Anúquis – ... maior né, não cabe a um professor né? Tem que ser uma filosofia da escola, de aula (apêndice V).

Ísis – Mas precisa de uma pessoa questionar (apêndice V).

Anúquis – Mas, que nem, se realmente parte da direção é meio difícil para o professor bater de frente (apêndice V).

Muitas educadoras criticaram a forma como as escolas do estado são estruturadas, especialmente no que tange a hierarquia dentro da escola e as instruções de como as educadoras devem lidar com cada tipo de situação. Percebemos nos relatos acima que não existiu um diálogo com os alunos e alunas: a “solução” que deram para minimizar os casos de estudantes se beijando próximos à escola foi punir, aumentar a vigilância, separar os alunos e alunas.

A análise das constelações aqui explicitadas não pretendeu esgotar o assunto, mas pontuar alguns aspectos envolvendo a temática gênero e sexualidade na educação, que vão de encontro ao nosso problema de pesquisa e justificam intervenções dessa natureza em escolas. Em tempos de Escola Sem Partido, entendemos que um espaço profícuo foi aberto no encontro com essas educadoras.

Considerações finais

*Quem cê tá pensando que é? Pra falar que eu sou louca
Que a minha paciência anda pouca pra você
Para de vir me encher
Quem cê tá pensando que é?
Pra falar da minha roupa
Do jeito que eu corto o meu cabelo
Se olha no espelho,
Você não anda valendo o esfolado do meu joelho esquerdo!
Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua
Quero ganhar a luta que eu travei
Eu quero andar pelo mundo afora
Vestida de brilho e flor
Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra dizer
Quem cê tá pensando que é?
Pra falar pra eu não usar batom vermelho
Quem cê tá pensando que é?
Pra maldizer até os amigos que eu tenho
Vai procurar tua turma e o que fazer
Que de gente como você o mundo anda cheio
Quem cê tá pensando que é?(...)
Que se usa decote, é puta!
E se a saia tá curta, é puta!
E se dá no primeiro encontro, é puta!
Se raspa o cabelo, é sapa!
E se deixa crescer os pelos, é zoada!
Se tem pau entre as pernas, é trava!
Mas se bota salto alto, é santa!
E se usa 44, é gorda!
Mas se usa 38, é muito magra!
Se sai depois das onze, vai voltar arrombada!
Porque ela pediu, né? Tava na cara!
Olha a roupa que ela saiu de casa!
E todo discurso machista continua:
"Menina, você devia usar uma roupa menos curta!"
Ekena*

O percurso deste trabalho foi doloroso. Estudar as questões de gênero e sexualidade, enquanto mulher e brasileira foi uma árdua tarefa. Da mesma forma que os encontros mostraram que as educadoras da instituição parceira têm dificuldade em separar os valores pessoais de sua prática docente, vivenciamos esse processo ao longo desses dois anos. Ler sobre feminismo, entender o quanto nossa sociedade é machista, sexista e heteronormativa, rever práticas profissionais e pensamentos pessoais foi exaustivo. Exaustivo não só porque qualquer processo de reflexão exige bastante, mas também por ser uma temática tão relacionada a quem somos como mulher.

A reprodução dos estereótipos, não só de gênero, mas de raça, etnia, religião, entre tantos outros, são reforçados diariamente pela sociedade: por meio de práticas educativas, piadas, programas de televisão, discursos de pessoas influentes.

Entendemos essas considerações finais como uma abertura - uma abertura para o diálogo. As queixas que apareceram ao longo dos encontros com as educadoras foram majoritariamente pautadas em um desamparo latente - como lidar? O que fazer? O que significa isso ou aquilo? Mas e as famílias? Podemos pensar que o ponto inicial para que esse desamparo cesse é o diálogo. O diálogo entre as educadoras, educadores e equipe gestora e o diálogo entre a escola e as famílias. O medo que aparece nas falas pode ser minimizado conforme formos criando mais espaços de debate, de discussão, de formação.

Por fim, consideramos essa pesquisa uma parte. Conforme explicitado ao longo do texto, a presente pesquisa nasceu de uma demanda apontada por pesquisas anteriores e, agora, abre espaço para novos momentos de encontro e, quem sabe, mais pesquisas de cunho participativo e interventivo. Vivemos um momento em que a extrema direita conservadora está se fortalecendo em nosso país; esta forma de pensar (e agir) atravessa o cotidiano escolar e afeta toda a população, mas especialmente profissionais que estudam e trabalham com gênero, raça, classe social, etc. Atravessadas pelo discurso higienista e reducionista de uma suposta possível escola sem partido pretendemos seguir contribuindo, mesmo que de forma pontual, para a construção de espaços dialógicos e de resistência dentro das escolas e universidades.

Referências

- ALIANÇA H. **Era uma vez outra Maria**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY&t=77s>>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Projeto de lei nº 2974/2014**. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/e4bb858a5b3d42e383256cee006ab66a/45741a7e2ccdc50a83257c980062a2c2>>. Acesso em: 29 jun. 2018
- BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2016.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, J. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 2011.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. Sexualidade e gênero: Ensaio educacionais contemporâneos. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação/Universidade Federal de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Colégio de Aplicação João XXIII. v. 1, n. 1, p. 67 - 73, mai. 1999. ISSN 1516-6368 1. Disponível em: <<https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/936>>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONFEA. **Estatísticas do SIC**. Disponível em: <<http://ws.confes.org.br:8080/EstatisticaSic/ModEstatistica/Pesquisa.jsp?vw=ProfTitulo>>. Acesso em: 29 jun. 2017.
- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DESLANDES, K. **Formação de professores e Direitos Humanos: construindo escolas promotoras da igualdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- EKENA. **Todxs Putx**. São Carlos: Rancho Rockefeller, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QuVXN3ZOcjI>>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- ESCOLA SEM PARTIDO. **Objetivos**. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/objetivos>>. Acesso em: 29 jun. 2018
- FACHIM, F. L. **Quem vai falar da e com a juventude LGBTTT na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

FISCHER, A. B.; AMARAL, M.M.; *et al.* **O adolescente e a escola: uma leitura fenomenológica**. Iniciação Científica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2014.

FONSECA, T. M. G. Psicologia e relações de gênero: o gênero da ciência psicológica. In: ZANELLA, A. **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 297-302.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

_____. **O rosa, o azul e as mil cores do arco-íris: gêneros, corpos e sexualidades na formação docente**. São Paulo: Annablume, 2017.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, 1995.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: Ipea, 2011.

_____. **Indicadores do uso do tempo**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_uso_tempo.html>. Acesso em: 29 jun. 2017

LINHARES, J. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

LINS, B. A. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURIDO, A. M. **Desvelar o corpo: compreensões sobre corporeidade no contexto escolar**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. TEORIA QUEER - POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOPES, Moisés; OLIVEIRA, Josiane M. F. S. A invisibilidade da temática da sexualidade na formação de pedagog@s e licenciad@s: algumas considerações. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 3., 2014, Londrina. **Anais...** (online). Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7_Mois%C3%A9s%20Lopes-%20Josiane.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2018.

MARTINS, Walkíria de Jesus França. **Gênero e sexualidade na formação docente: uma análise no curso de pedagogia da UFMA-São Luís**. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Maranhão. 2012.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

MOKWA, Valéria M. N.; PETRENAS, Rita de Cássia; GONINI, Fatima A. C. A educação sexual no curso de pedagogia: um processo em construção permeado por desafios e contradições. In: FARIAS, I; [et al]. **Didática e a prática de ensino na relação com a formação de professores**. Fortaleza, CE: EdUECE, 2015.

MORATO, H. T.; CABRAL, B. E. A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. In: BARRETO, C. L. B. T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2013.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, Dezembro 2006. 647-654.

NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.18, n. 3, Dezembro 2005. 408-412.

PEREIRA, Lucila Conceição. Movimento Escola Sem Partido. **InfoEscola**, 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/escola-sem-partido/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

ROSA, E. Z. **Por uma Reforma Psiquiátrica Antimanicomial: o papel estratégico da Atenção Básica para um projeto de transformação social**. 2016. 380 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2016.

SAFFIOTI, H. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, S. E. D. B. “Olha!. Arru(A)ção!.” **A Ação Clínica No Viver Cotidiano: Conversação Com A Fenomenologia Existencial**. 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial, Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco. 2016.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 20, n. 2, JUL/DEZ 1995. 71-99.

SILVA, Gabriela Jesus da; CRUZ, Tânia Mara. Escola e heteronormatividade: para além do binarismo sexo/gênero. In: WELTER, Tania; GROSSI, Miriam Pillar; GRAUPE, Mareli Eliane (Org). **Antropologia, gênero e educação em Santa Catarina**. Tubarão: Copiart. Mulheres, 2017.

SZYMANSKI, H. **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

_____. **A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda**. Disponível em <<http://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/gt1/06.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

SZYMANSKI, H; SZYMANSKI, L. O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: uma perspectiva fenomenológica. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v.19, n.1, jan/jun 2014. 9-22.

SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H; FACHIM, F. **Interpretação como Des-ocultamento: Contribuições do Pensamento Hermenêutico e Fenomenológico-Existencial para Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa**. Campinas: Pro-posições, 2018, no prelo.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TOLEDO, R. F. D.; GIATTI, L. L.; JACOBI, P. R. A pesquisa-ação em estudos interdisciplinares: análise de critérios que só a prática pode revelar. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, 18, n. 51, Dezembro 2014. 633-646.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.22, n.63, Fevereiro 2007. 153-155.



Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participantes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Curso de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o(a) Senhor(a) _____, portador do RG nº _____, para participar da pesquisa de mestrado intitulada “*Gêneros na escola: práticas e percepções de educadoras de uma EMEF em São Paulo*” (título provisório), desenvolvida pela aluna Ana Luiza Telles Pereira. A presente pesquisa de mestrado é orientada pela Profª Drª Luciana Szymanski, a quem poderá contatar, se julgar necessário, pelo telefone 3670-8527 – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sua participação é voluntária, com o único objetivo de colaborar com o trabalho de pesquisa. O objetivo deste trabalho é estritamente acadêmico e diz respeito à necessidade de maior compreensão de questões relativas à gênero e sexualidade no contexto escolar sob a ótica das(os) professoras(es), coordenadoras(es) e direção. Se depois de consentir em sua participação o(a) senhor(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) senhor(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. O uso das informações oferecidas pelo(a) senhor(a) está subordinado às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. A colaboração é anônima, sendo autorizada a gravação e transcrição de entrevistas organizadas com o fim especial do estudo em apreço. A instituição e o(a) senhor(a) terão acesso às transcrições e gravações das entrevistas, bem como a todo o material de coleta de dados.

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias, que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do orientador: _____

Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Instituição

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à Instituição parceira

A **EMEF CAIRÁ ALAYDE ALVARENGA MEDEA – MORRO GRANDE**, situada à **Rua Xavier da Silva Ferrão, 317, CEP 02808-000, Brasilândia**, por meio deste termo, concorda em participar da pesquisa de campo referente à pesquisa de mestrado intitulada (provisório) “GÊNEROS NA ESCOLA: PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DE EDUCADORAS DE UMA EMEF EM SÃO PAULO”, desenvolvido pela aluna Ana Luiza Telles Pereira. Sua coordenação está ciente de que a pesquisa de mestrado é orientada pela Profa Dra. Luciana Szymanski, a quem poderá contatar, se julgar necessário, pelo telefone 3670-8527 – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A instituição afirma que aceita participar sem receber qualquer incentivo financeiro e com o único objetivo de colaborar com o trabalho de pesquisa. O objetivo é estritamente acadêmico e diz respeito à necessidade de maior compreensão de questões relativas à gênero e sexualidade no contexto escolar sob a ótica das(os) professoras(es), coordenadoras(es) e direção. A instituição pode interromper sua participação a qualquer momento, caso julgue necessário. A comunicação pode se referir às dúvidas concernentes à realização da pesquisa, ou ao agendamento de outros encontros, com o propósito de discutir e aprofundar questões relativas ao trabalho em andamento. O uso das informações oferecidas pela instituição está subordinado às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. A colaboração é anônima, sendo autorizada a gravação e transcrição de entrevistas organizadas com o fim especial do estudo em apreço. A instituição terá acesso às transcrições e gravações das entrevistas bem como de todo o material de coleta de dados. A pesquisadora do estudo oferece à instituição cópia assinada deste Termo de Consentimento, conforme recomendações da CONEP.

São Paulo, ____ de _____ de 2017

Visto da instituição: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura da orientadora: _____

Apêndice III – Excerto de Diário de Bordo

11/05 – 1º ano A – 13h30

- Aula 2 -> fala sobre a 2ª aula, que vai ser vídeo, e traz 2 opções: A princesa e o sapo/Up, complementa dizendo que já sabe o que as meninas vão querer e o que os meninos vão querer -> após essa fala meninas gritam princesa e o sapo em coro;
- “Você tem filhos pro?” “Não” “Ah, você não tem nada!”.

25/05 – 2º ano B – 16h50

- Aula de português;
- Lição com música da galinha pintadinha ->
- A. me mostra uma brincadeira de música/palmas – as personagens falam sobre casar (Dom Federico); A. pergunta o que eu estou anotando e falo que estou anotando sobre a música – “Ah, você me explica então o que eles estão falando? Não entendo essa música”.

11/05 – 1º ano B – 14h20

- Professora “Fulano você risca a mesa da sua mãe? Vou chamar sua mãe para vir limpar, você acha que ela vai ficar feliz?”;
- Professora dá bronca em aluno falando que conversou com a mãe dele ontem (mesmo aluno que estava riscando a mesa) “Sua mãe não falou com você? Dá aqui sua agenda!”.

11/05 – 1º ano C – 15h00

- Crianças separadas em duplas – professora procurou colocar meninos com meninas, perguntei o motivo, “Porque eles não gostam, eles querem ficar menino com menino e menina com menina, ai assim eles aprendem a conviver com as diferenças”.

18/05 – 4º ano B – 13h30

- Alunos comentam sobre um grupo, um diz que o celular quebrou e outro diz “fala para sua mãe levar na assistência técnica.”;
- ♀ entregando material, ♂ agradece mandando um beijo.

18/05 – 4º ano C – 2ª aula– 14h15

- Crianças correm dentro da sala – professora dá bronca “meninas fazendo isso, meninos fazendo aquilo”; “Depois vem reclamar que o colega passou a mão não sei aonde” – menciona as brincadeiras de mão/tapas entre os/as alunos/as da sala;
- Questionei posteriormente sobre as brincadeiras de mão, professora disse que sente que as brincadeiras não são sexualizadas, as caracteriza mais como agressivas, de dar tapa ou provocar.

25/05 – 3º ano A – 15h45

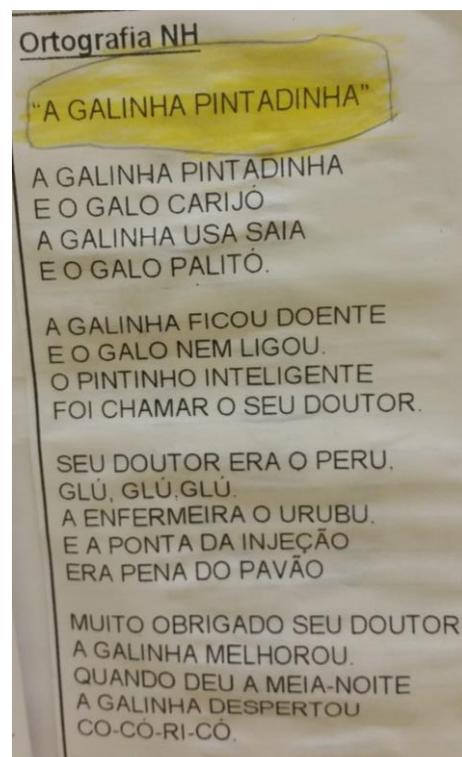
- “Nossa parece uma menina” um menino fala para outro, que falou com a voz mais fina – usou o termo menina como pejorativo;
- 3 meninas compartilham desenhos de princesas: loiras, brancas, com roupas e detalhes rosa (tipo um dedochê); os meninos compartilham do Dragon Ball.

25/05 – 3º ano B – 15h45

- Uma menina fala para outra, que estava se olhando no espelho “Tá se achando!”, outra menina entra na conversa “Tá se achando nada, não pode vir bonita para escola?”;
- Aluna cadeirante – cadeira de rodas rosa.

25/05 – Intervalo – Sala das professoras

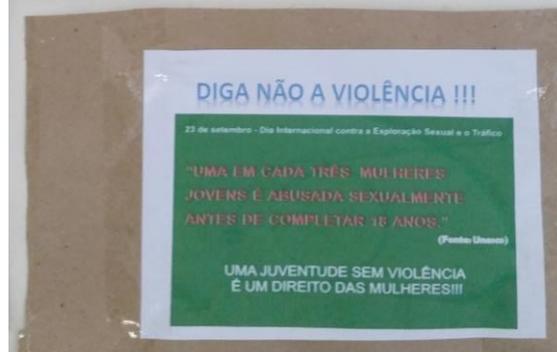
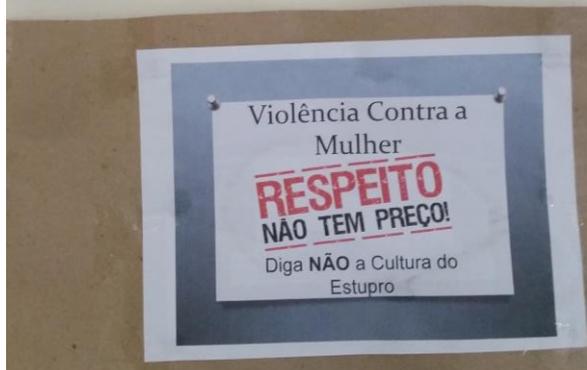
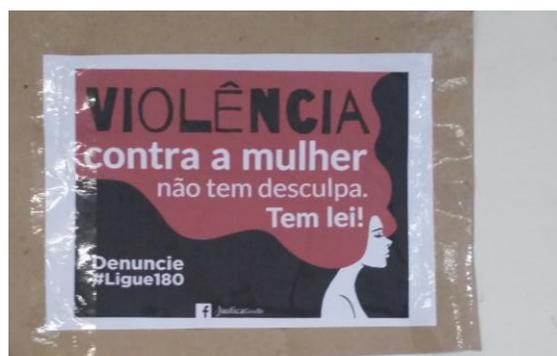
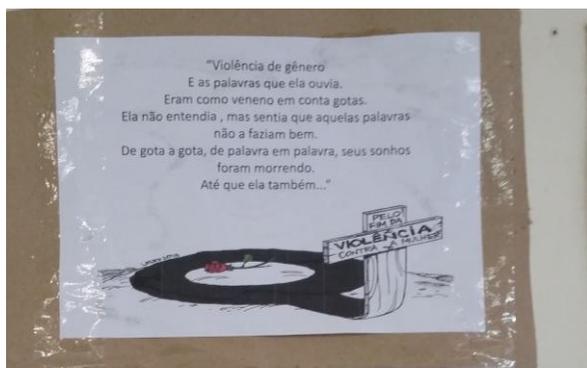
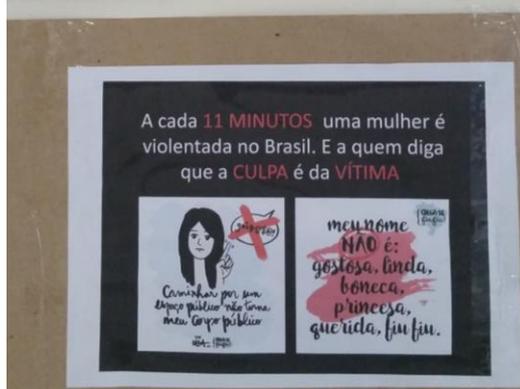
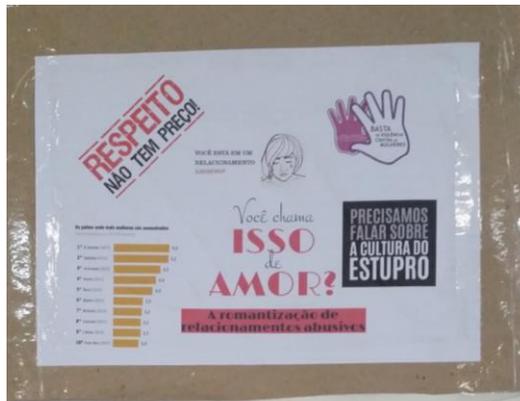
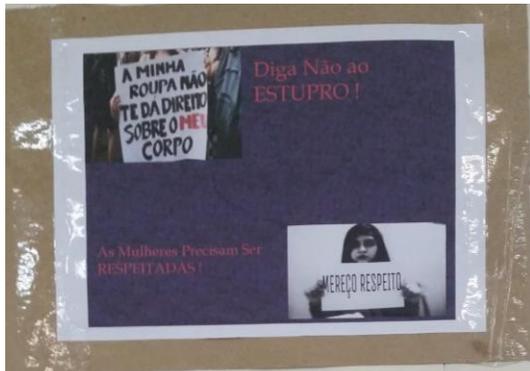
- 3 professoras falando sobre alisamento de cabelo, sobre sobrinhas e filhas que querem alisar o cabelo e estão insatisfeitas com a aparência;
- Enquanto uma professora reclama da sobrinha que nunca está satisfeita, outra fala “Ah manda ela lavar umas louças para se ocupar”;



- Outra professora entra na conversa e fala que o padrão de beleza é muito cruel e que um aluno foi xingar uma aluna e a chamou de reformada.

25/05 – Conversa com a coordenadora

- Conta de uma situação do dia anterior -> 2 alunos de 2º ano, um menino e uma menina – ela jogou o lápis nele porque ele disse que o tênis dela era de menino; os 2 estavam chorando bastante;
- Mural – fundamental II – 7º ano -> violência contra a mulher; professor de informática trabalhou com alguns alunos porque sentiu essa demanda.



12/06 – Devolutiva sobre as observações - JEIF

- Breve relato sobre as observações feitas, apontando principalmente a diferença nos materiais das/dos alunas/os, discussões entre alunos porque um disse para o outro que este tinha voz de menina, entre outras;
- Gênero e sexualidade – professoras – dificuldade em lidar com questões de gênero na sala com os/as aluno/as; lidar com os próprios preconceitos; dificuldade em separar o pessoal, religião, do profissional.

21/08 – Primeiro encontro - JEIF

- Aquecimento: fazer uma roda e jogar uma bolinha – quem pegar a bolinha deve dizer nome, ano que leciona e por que decidiu ser professora;
- “Desde criança gostava, brincava de escolinha.” “Fui obrigada a fazer magistério.” “Falta de opção (não queria competir com outros cursos por conta da idade.” “Era o que tinha.” “Não queria, mas hoje adoro.” “Foi a minha segunda profissão.” “Porque minha mãe disse para fazer.” “Não sei se era jeito, mas sempre gostei.” “Era muito tímida, não sabia o que fazer e escolhi pedagogia.” “Minha mãe tinha berçário, aos 12 anos eu comecei a trabalhar com ela.”
- Vídeo – Era uma vez outra Maria – cena de masturbação: quando era o irmão todas deram risada, quando apareceu Maria ficaram em silêncio, com feições de preocupação.

11/09 – Segundo encontro - JEIF

- Aquecimento: andar pela sala livremente, andar como mulher, andar como homem; cumprimentar quem cruza, cumprimentar como mulher, cumprimentar como homem;
- Durante o aquecimento a maioria das professoras mudou o comportamento: quando pedi para andar como mulher algumas estufaram o peito, outras fingiram estar andando de salto alto e vestido, fazendo movimentos suaves e delicados e/ou rebolando; quando pedi para andar como homens andaram mais soltas, relaxadas. Na parte do cumprimento também – cumprimentos delicados, beijos, quando pedi para cumprimentar como mulher, cumprimentos de “e aí mano” quando pedi para cumprimentar como homem;
- Algumas professoras apresentaram resistência em fazer a atividade.

30/11 – Terceiro encontro - JEIF

- Aquecimento: fizemos alguns alongamentos corporais, movimentando o corpo de diversas maneiras por alguns minutos. Ao final, perguntei se havia sido fácil ou difícil. Algumas responderam que fácil, porque já estão acostumadas a fazer esses movimentos; outras disseram que foi bastante difícil. Relacionei a elasticidade do corpo com a elasticidade do cérebro e como se torna mais fácil exercitar outras formas de pensar quando se tem o costume de fazer isso;
- Primeiro momento: o que é sexo? O que é sexualidade? O que é gênero? - respostas escritas em três cartolinas na lousa;
- Grupo sente dificuldade em responder essas questões, especialmente em diferenciar sexo, gênero e sexualidade e definir o que é gênero;
- Encontro é atravessado pelo culto, que acontece em frente à escola (música alta);
- Muitas educadoras não se pronunciam ao longo do encontro, ficam caladas ou mexendo no celular;
- Segundo momento: explicações pedidas pelo grupo - educadoras aproveitam o momento para tirar dúvidas, mas reforçam o quanto a temática é difícil - de entender, de trabalhar.

Apêndice IV – Excertos do primeiro encontro na JEIF

Gaia – A desgraça da sensação da mulher. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Gaia – A questão da sociedade, em cima, cobrando, toda essa... Você vê que ela começa querendo mil e uma coisas e toda hora vai sendo repreendida, sendo levada para o foco de ser mulher, você não pode, você não deve... *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Afrodite – Estereótipo né, do que pode para um, não pode para outro, o que ela tinha que fazer em casa, a vontade que ela tinha de jogar bola com o irmão e ela não podia. Essa diferença ficou muito clara. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Deméter – Ah, acho que sim. Provavelmente, mulher na cozinha, no trabalho e homem assiste o jogo. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Ártemis – E a responsabilidade pelo filho né. Assim, o sexo aconteceu entre os dois, nenhum dos dois se cuidou, mas ela que ficou a grávida, ela que ficou a mãe. Ele continuou a vida né. Muitas pessoas vivenciaram isso né, eu vivenciei isso. Fiquei grávida jovem e me casei e me separei, grávida ainda, e aí a filha era minha né. Então é complicado né, na hora de fazer são os dois, mas na hora de assumir é só a mulher. Até hoje. A minha filha tem 27 anos, né, então isso foi há muito tempo. E ainda é assim, ai parece que as mentalidades não se abrem. *(MATERNIDADE)*

Afrodite – (risos) Não sinto que até hoje continua da mesma forma, porque assim... Tudo bem que eu tive uma vida muito quadradinha, casei com o primeiro namorado, fui ser mãe depois de 7 anos de casada e tal... Mas assim, eu nunca fui reprimida isso é de menina, isso é de menino na minha casa. Na minha casa nunca teve. E até enquanto eu assistia o vídeo eu fiquei lembrando de uma fala que meu pai fazia machista, mas eu tive que pensar. Meu pai às vezes falava “Tem três mulheres na casa e eu tenho que lavar louça”. Então uma fala dele machista, porque as mulheres fazer, e hoje em dia ele faz muito mais por nós, ele quer fazer para agradar. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Atena – Eu senti vontade de quebrar o lápis. (risos geral) Gente, tão inconveniente, que chato! Ele acaba com a narrativa de alegria e tudo.. ele poda né? Infelizmente quando... é assim, né, as crianças elas não têm clareza, eles não entendem isso, isso vai construindo a própria imagem, não por opção delas, mas por uma questão social. Então fiquei bastante incomodada com esse lápis, assim. E... uma cena que, é, acho que é muito marcante e a gente fala sobre masturbação... nos meninos é algo comum entre eles... E ainda hoje com as meninas, elas entre elas, elas não comentam. As adolescentes não comentam. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Deméter – Eu acho que a gente vivencia muito isso mesmo no dia a dia da gente, assim, passando por isso a gente se recorda, porque ela falou... Na nossa casa nós éramos em 6 né... 5 mulheres e 1 homem. Quer dizer, tinha esse privilégio para ele, ele não precisava limpar a casa, ele não precisava fazer nada. E nós tínhamos que dividir o trabalho. Uma coisa assim impressionante que eles criam mesmo né. Nós mesmo fazemos essa concepção dos filhos, né. Você é uma menina, então você é um menino. Você não pode fazer isso porque você é menina, você não pode fazer aquilo porque você é menino. E nós fomos criadas assim. Engraçado que só nesse termo, mas na hora que era... 5 mulheres... Na hora de pintar a casa quem pintava? As 5 mulheres. Ah carregar areia, as 5 mulheres, com a minha mãe 6, né. E meu pai e meu irmão sempre, aquela posição austera né. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Deméter – Né... O pai, o homem, depois vem o outro homem, depois vem a mãe e depois todo o resto, que era nós. Então existe, existe até hoje isso dentro dos lares né. Ah vamos dividir o serviço, tá bom né, mas eu estou te ajudando. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Deméter – O homem ajuda a mulher. Ai fiz tudo isso para te ajudar. Não é para te ajudar? Não, você não fez para me ajudar, você faz porque é a tua obrigação. Somos nós, a obrigação é dos dois. Então acho que isso vai demorar para quebrar. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Deméter – Porque nós como mulheres também criamos filhos homens assim. *(MATERNIDADE)*

Hera – É, tentamos não... Eu tenho 2, um adolescente de 17 anos. Tento, tento fazer com que ele perceba que não é porque ele é homem que não pode lavar louça, por roupa no varal, etc e tal. Mas assim, teve um dia em casa que eu estava pensando assim acho que deve nascer com esse gene, não é possível. Acho que nasce com isso, esse negócio de machismo. Não é possível que você fala, tenta e é sempre na base da discussão lá em casa, quer dizer, brigando. Tem que pedir, tem que brigar, só falta bater para ir, né, fazer. E eu falo para ele, né. Eu sinto muito, hoje em dia se você quiser casar você não vai achar que você vai ter sua mãe, que eu faço tudo. Eu sou errada também, eu faço muita coisa, né. Por uma criação que tive, também. Família do meu esposo teve uma educação como essa do vídeo. Minha família também. Então, eu sei que também reflete isso nos filhos. Mas eu falo para

ele, se você casar achando que vai ter, assim, suas avós, suas tias, eu, esquece, porque hoje as mulheres não são mais assim não. Você sabe disso, você convive com adolescentes da sua idade. E ele mesmo comenta comigo, que as meninas que ele tem amizade não fazem mais as coisas em casa. “Ah eu só conheço minha prima”. É, então, tem que começar a mudar o negócio aí, porque você vai sofrer ou vai ficar sozinho. Então eu tento, a gente fala, eu tento fazer, mas é difícil. *(MATERNIDADE)*

Afrodite – Ah quando você dá de louca, quando já tá no ápice, de ir quebrando tudo na casa... “Que que você quer para eu te ajudar, pra melhorar essa cara, né?” (risos do grupo) Aí eu falo assim... Nossa... ai desculpa pelo que eu vou falar... “Nossa, se não for cair o pinto (risos do grupo) dá para por a roupa no varal? “Ah não, roupa no varal não”. É assim... Porque tirar roupa do varal é muito ruim, pra eu por a roupa eu tenho que tirar a roupa, isso não, não. Às vezes é só o que você precisa, então não faz nada. Mas é naquele stress, pra ele é muito difícil lidar com isso, para mim mais ainda. Mas com o tempo você vai levando de um lado né... Mas é difícil, é muito enraizado isso, é muito forte. Minha sogra fala “Ai coitado, casou com uma mulher tão chata”. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Nix – Quando vem com essas histórias eu falo, na próxima encarnação eu quero ser homem (risos do grupo). Só para ter essas regalias. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Afrodite – Eu não sei como eu vou ser com o meu filho, mas é assim, quanto a outras coisas... que nem quando ele ganhou um negócio lá da NET, fazia 10 anos que tinha NET, podia ganhar um controle para criança, para só mexer em canal infantil. Eu perguntei para ele, qual que você quer, porque só tinha rosa e azul, eu perguntei qual você quer. Nossa, meu marido ficou muito bravo, porque eu tento lidar com as coisas de outra forma, mas para ele... “Não, você tá induzindo o menino a ser viado” (risos do grupo) Não, tem dois para escolher. “Claro que é o de menino, não tem nem o que perguntar” Ai eu falei, não é assim que funciona, mas assim... para mim é muito difícil porque a criação que eu tive com a dele é muito diferente, aí vem o L. que é menino, porque com menina é mais fácil, ele tem uma menina de 21 anos, com menina é mais fácil, mas com menino fica muito estereotipado. Muito... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/PATERNIDADE)*

Afrodite – Com menina é mais fácil porque o homem tem essa aceitação, duas mulheres é fantasia para homem. Tenho certeza que se a L. chegasse e falasse pai sou lésbica, ele não ia se abalar como se o L. um dia chegar e falar pai sou gay. Acho que é muito diferente. Tanto é que a L. tem várias amigas que tá no poliamor né, catando todo mundo, não sei o que, e ele não acha nada de mais, ela tá com 21 anos. Mas eu acho que se fosse o contrário sim, porque é... para homem a visão é totalmente diferente, o filho tem que ser macho, tem que ser provedor, tem que ser não sei o que. A filha tem que ser feliz. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/PATERNIDADE)*

Nix – Isso vem desde bebê né, a menina pode usar azul, bebezinha, mas o menino usar rosa, onde já se viu? *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Atena – E a gente que enxerga algumas coisas, mas às vezes eu me pego como mãe assim, algumas coisas eu falo, nossa... que cagada né. Tipo, desde questão de autonomia, às vezes separar uma roupa para por, é... tem umas coisas que a gente faz que a gente poda a autonomia. *(MATERNIDADE)*

Atena – Semana passada eu li uma reportagem falando das partes do corpo, por que a gente não ensina desde cedo a menina que é vagina ou vulva. Foi um vídeo no Facebook que compartilharam. E o menino pênis. A gente fica criando nomenclaturas e que isso interfere na relação com a sexualidade da criança. Então tava falando um pouquinho disso. E é verdade, você fala não sei o que ah e a periquita (risos do grupo), você não fala vagina. Outro dia eu falei vagina e o P. “Mãe, como é mesmo que você chamou a periquita da L.?” (em tom indignado) (risos do grupo). Eu falei é o nome P., chama vagina, não fui eu que inventei. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Atena – Então assim, tem algumas coisas que a gente acaba sem querer reforçando também, a gente tem que se policiar porque a gente é fruto dessa sociedade, de famílias assim, né, então... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Deméter – Mas é engraçado esse negócio que menino desde pequeno né...O meu neto, vocês sabem né que eu tenho 3, trouxe aqui. Tem um mais gordinho, então o pintinho dele fica mais escondidinho (risos do grupo), e tem o mais magrinho e o pinto é maior, porque dá pra ver mais. Aí eles entram no banheiro e falam assim “Oh vó, tira ele daqui que ele fica falando do meu pintão eim” (risos do grupo). Então você vê assim que eles mesmos já né... fica ah meu pintão, ó vou ficar aqui olhando, tira ele daqui. Eles se impõem desde pequeno nessa questão do machismo, desde pequeno já é... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Deméter – Mas quem é o exemplo né? A gente fala vem bebezinho, vem... É o pai né... A gente fala meu bebê, meu bebezinho, vem bebê. Mas o pai né, o pai cria o filho como... *(PATERNIDADE)*

Deméter – Como que aí, você é homem ou não é homem? Por que que está fazendo esse negócio aí da perna, como se aquilo fosse uma arma... e é. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM*)

Deméter – Mas é uma arma né... basta ter pinto para ser forte, não é assim? Não é essa a concepção que eles têm. O que você tem no meio da perna. Mas vai ser devagar, para daqui alguns anos, mas vai ser muito devagarzinho... E a gente com esse negócio de trabalhar a gente se lascou né. Até eles entenderem o papel deles, a gente já se acabou né, de trabalhar. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER*)

Ártemis – Nós somos podados na infância e aí isso se reflete depois, na adolescência né. Muitas pessoas que não querem ser o que são, nascem com outra tendência tal. E é lá na infância que eu começo a perceber isso ou a demonstrar, talvez eu não perceba, mas quando eu sou adolescente eu já sei que aquilo não é legal, eu já ouvi falar, a minha mãe... Eu tinha um aluno na EMEI que ele era, assim, muito infeliz como menino, ele queria ser menina. Então quando ele entrava na escola ele colocava tiara das meninas, ele passava o dia todo com a tiara. E aí na hora de ir embora ele sabia que tinha que devolver, porque pelo amor de Deus se a mãe dele pegasse. Eu fazia o dia da beleza, então a gente pintava a unha das meninas e ele toda vez queria pintar. Então eu passava aquele incolor né, porque eu falava a mãe vai me matar. Aí um belo dia eu tive uma ideia brilhante, eu falei vou pedir autorização (risos do grupo). Peguei e mandei um bilhete para a mãe. Mamãe, na hora da beleza ele quer pintar a unha e eu tenho alguns esmaltes aqui e eu gostaria da sua autorização. Ela baixou lá e não deixou. Ele chorava, assim, compulsivamente enquanto eu pintava a unha das meninas, eu morria de dó. Então assim, é uma coisa muito séria. Ele com certeza não é um menino, não gosta de ser menino, e vai viver esse sofrimento por muito tempo porque a mãe não aceita. (*FAMÍLIA E A ESCOLA/REFLEXÕES COMO EDUCADORA*)

Deméter – Ah eu contei aqui daquele japonêsinho né, da minha sala, que a mãe vestia ele como homem, ele ia para a escola assim vestidinho como homem, mas no fundo no fundo ele é uma menina, uma menina. Então ele tinha ciúmes, inveja das meninas porque ele queria ter um cabelão como o delas, então isso tava tornando ele uma pessoa ruim, uma pessoa ruim. E eu conversei com ela e ela contou que a família não aceitava, que ela já tinha batido, que o vô já tinha batido, que a vó já tinha batido, que o pai, toda aquela história toda né. Mas e assim, dentro da sala de aula eu falei que iria tratar ele como ele gostaria de ser tratado né, eu falei, eu não vou ficar, aí ela falou assim “Eu estou tentando aceitar”, foi quando eu indiquei, eu falei assim, eu acho que vocês tinham que fazer uma terapia, ela falou assim “Vai ser difícil”, a família tudo japonesa... precisava ver quando tocava música, quando a gente ia ensaiar alguma coisa, algum evento para escola, alguma música... (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Deméter – Nossa, ele descia até o chão. Então é assim, é... é difícil para a gente, é difícil mesmo. Acredito que seja difícil para ela. Único filho dela, eu acredito... é difícil né, a sociedade é difícil ainda, mas em contrapartida você tem que aceitar a posição de cada um né. Se ele tá desde pequeno, imagina quando crescer, você vai perder ele no mundo, você não vai ter seu filho do seu lado, você vai perder ele pro mundo. Vai chegar um momento que você não vai aceitar, que que ele vai fazer, ele vai embora. (*MATERNIDADE*)

Afrodite – Eu tive ano passado o B., também que ele era do maternal, criança de 3 anos, e ele falava eu sou menina, eu quero por roupa da *Frozen* no dia da fantasia e a mãe super apoiava e o pai não. Eu morria de pena do pai, assim, às vezes porque você via que ele estava se enganando, sabe, porque acho que era difícil para ele. Então ele falava assim “Oh mostra para a professora, mostra para a professora o que a gente trouxe”. E aí o menino nem sabia o que ele tava falando. “A gente passou na padaria e comprou o *McQueen*, mostra” Aí ele fazia “Ah, tá lá na minha mochila. Olha a princesa Tiana”, sabe nem as meninas tinham a Tiana e ele tinha. Então das princesas ele sabia tudo. E o pai “Não, mostra, mostra que a gente foi no jogo”, aí ele “Eu chorei, tinha barulho”. E o pai tentando mostrar uma coisa né, mas de menino, mais masculina, na visão dele, e eu tinha pena. Eu tinha mais pena do pai do que do B., porque ele tinha apoio da mãe, das outras pessoas, desde os 3 anos já, agora o pai, falei, ele vai sofrer muito com isso porque não adianta né... Pode ser uma fase, a gente não tem como nessa idade já, mas não adianta ficar batendo e ele colocava um véu na frente, ele resistia. No dia da fantasia eu deixava ele usar, todas as crianças apontavam sabe. Eu tentava proteger um pouco dos mais velhos, porque com 5 anos já passa “Ai, olha aquela menina” “Nossa o menino tá de menina” e tal, mas era muito dele, ele não queria nada que fosse do universo masculino que todo mundo impunha né. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Afrodite – É porque a gente foi criada assim, não adianta a gente, por mais que a gente tenha a mente mais aberta, a gente conversa, a gente saiba que não, que não tem... que não pode ter estereótipo e as pessoas tem que ser felizes e tal, tem uma coisa embutida na gente, uma hora ou outra a gente faz alguma coisa que fala: que cagada. (risos do grupo) É difícil! Eu me vejo fazendo mais no papel social do que como mãe, né? Assim, de manhã eu tenho 7 alunas, então, assim, posicionamento, forma de sentar. Não falar menina não senta assim, mas eu cobro delas sabe, quando senta “Ai professora, você...” Postura, senta direito, não sei o que. E as minhas meninas são terríveis, são só 7, mas valem por 50. Então eu cobro algumas coisas delas que eu vejo que eu não cobro dos meninos a tarde, por exemplo. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Afrodite – Não, é que elas são demais mesmo, mas eu acho que me preocupo mais com a postura delas. Eu tenho uma que é muito vulgar, tudo pra ela... a sexualidade dela tá escorrendo, não é nem que está a flor da pele sabe. Então ela só sabe falar assim (imita gemidos da aluna). É tudo uma questão assim, aquilo me irrita. Sabe? Eu falo pelo amor de Deus fala direito! Ela me irrita loucamente com isso. É, traz guarda-chuva e põe no meio da perna e fica sentada. Eu falo, tá chovendo hoje? Então deixa o guarda-chuva lá fora. Então é muito, sabe. É o que eu falo, são 7 meninas, mas que me enlouquecem. Talvez a tarde, claro, talvez não tem nada que chame tanta a atenção, mas eu acho que fica uma preocupação maior por ser menina. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Afrodite – Elas têm 9 anos, 4º ano. E eu me vejo muito mais cobrando das meninas do que aqui, por exemplo. Não sei se é outro contexto, menos alunos, mas eu me vejo assim. Às vezes eu saio de lá meio, aí meu Deus do céu, que que eu fiz hoje, sabe? De cobrança delas, de falar com a boca aberta, de mascar chiclete. Porque por mais que, tirando sexualidade, tirando gênero, nada disso, eu acho feio sabe? Não por ser mulher ou não, mas eu fui criada assim, não pode falar de boca aberta, não pode morder o garfo, não pode não sei o que lá, e eu vejo que eu cobro delas igual a minha mãe me cobrava. Que era um porre, mas eu vejo que eu estou fazendo igual. É, tá muito embutido. O lápis lá, eu sou o lápis toda hora. Acho que tá muito embutido na gente, é muito difícil. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Hemera – É, não, mas assim, eu acho um pouco estranho ver a criança já, o menino dizendo... muito afeminado. Eu particularmente acho estranho. Eu tento não fazer distinção, daquele menino P. E ele é todo afeminado. Então, eu vejo que aquilo ainda é assim, pra mim é um pouco distante. E assim, mas enquanto professora, eu fui módulo e ficava com ele algumas vezes, eu não fazia distinção, mas para mim é um pouco estranho. Então, não sei como seria né... Na minha família, assim, foi sempre muito de boa, nunca teve essa separação tal de brincar, eu acho que até brincar com carrinho, brincar com boneca, isso aí não me choca. Agora ver uma criança já tão pequena e tão né, demonstrando que ela está no corpo errado, isso ainda me choca enquanto pessoa. Aí talvez no subjetivo isso cause impactos, com certeza deve causar. Me choca assim... *(VALORES PESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE)*

Hemera – Não, mas me choca assim. Mas daí na hora assim eu não tenho essa postura de aí porque é menina vai fazer isso, porque é menino vai fazer aquilo ou senta assim porque você é menina, eu não tenho isso. Até porque eu cresci com dois irmãos e eu sempre fui muito moleca. Até eu me questioneei se era isso mesmo que eu gostava, se era de menino. Aí depois você vai se identificando e era isso mesmo. Mas assim, essa parte feminina é uma coisa que eu até trabalho comigo porque eu entendo que a minha feminilidade ela é um pouco diferente até de outras mulheres. Então eu me vejo hoje feminina, mas é uma coisa um pouco diferente. E gosto de homem, mas assim... Ver um homem, ver um menino, ver uma menina tão assim, isso me causa um choque sim. Embora eu tenha amigos que são gays e amigas que são lésbicas, então isso é bem variado. Mas eu acho que é muito a criança assim, não sei. Eu espero que isso aconteça quando eles forem adolescentes talvez... não sei. Mas em sala de aula não, porque eu acho que eu sou... eu vejo que eu tenho um papel de formação também de caráter, essa outra parte. Mas eu também tento separar o que é o meu papel e o que não é o meu papel, então essa parte eu não sei se seria o meu papel, estar podendo ou não, pintando a unha, eu acho que não enviaria o bilhete. Mas também fico pensando, e se ele escolhe o controle rosa? O que a sociedade vai pensar, sabe? Então eu acho que às vezes os pais também eles agem como uma proteção. E fora que deve ser um luto, você tem uma menina e você descobre que não é uma menina, é um menino. Para o pai deve ser bem frustrante. Ou, ainda mais.. tem um menino e descobre que ele né, na verdade ele é uma menina no corpo errado. *(VALORES PESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE/SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Atena – Acho que às vezes o lápis ele nem é uma ação, mas é o nosso pensar. Às vezes a gente tem que policiar o pensamento, algo que choca. Porque a gente... choca porque não é natural pra gente né, você não vê aquilo com uma naturalidade, então te choca. Porque a gente espera um padrão. Então acho que o lápis às vezes é o nosso próprio pensamento, como a gente vê as coisas, a gente desenha né. Ou ele vem desenhado assim, ou o desenho tá pronto e a gente vai contornar esse desenho. Então acho que isso é, a gente tem que policiar, por isso que eu olhei assim, a gente tem que ficar monitorando. Então não é só atitude, mesmo o pensamento. Eu acho, eu pelo menos assim, uma situação que eu vivencio assim. Eu monitoro até o meu pensamento. *(VALORES PESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE)*

Gaia – Mas eu acho que a criançada está lidando melhor com isso, sabia? É que eu percebo na minha sala que eu tenho a tarde a J., que eu tive o privilégio de dar aula esses anos todos, e a postura dela às vezes me incomoda, mas vendo a postura da sala logo me acomoda. Ela está sempre com os meninos, ela tá sempre naquela mesa de pebolim. Na sexta-feira, na meia hora ela estava lá jogando bola com os meninos, batendo carta. E assim, me incomoda, mas eu não falo nada, só fico naquela posição de observar. E eu fico com vergonha de ficar incomodada e a sala normal, vamo que vamo, entendeu? Como que eles estão lidando hoje com essas novas situações? Eles estão bem bem bem mais desencanados que nós. De manhã eu estou dando corpo humano. Aí já antes de começar eu já comecei a rezar a missa do pai nosso, pra cima pra baixo. Ia falar, minha filha os nomes científicos, vagina,

pênis, que nós íamos muito falar nisso, que nós íamos falar de útero, e começa sempre pelo órgão genital feminino. Aí fui lá, fiz o desenho na lousa, fui explicar a questão da menstruação, coloquei os... as 8, 10 meninas que tem, porque são poucas meninas, “Aí” (suspira). Eu falei, que que foi? Gente é natural. Aí fui, peguei meu próprio seio né, aí brinquei com eles, por que a menina quando sai do banho, quando ela está na formação, a primeira coisa que ela tampa é os seios. A toalha cai, lá embaixo pode olhar, mas aqui em cima tem que segurar. Por que será eim? Eu vou fazendo questões como essas para colocar eles para pensar. Aí eu expliquei, porque nasce sem, né. Aí chamei um menino, mostrei que nasce assim igual ele, peitoral e vai desenvolvendo, então ela não está acostumada com isso. Aí até na aula os meninos participaram bem até, se comportaram bem. E no final da aula os meninos me procuraram. Professora, no início eu estava envergonhado com a sua aula, eu queria um buraco para me enfiar. Mas você sabe que depois fui me acostumando e super legal entender essas coisas. E na outra, no dia seguinte, na próxima aula eles começaram a fazer perguntas, inclusive os meninos sobre a questão das meninas. Um pergunta que eu jamais imaginaria que eles iriam estar fazendo. Então, por exemplo, questão de penetração, questão da gravidez, né. Então achei superinteressante, no sentido de que eles estão mais próximos dessa nova realidade, dessa nova, nova não nova, mas esse sair do armário, esse viver a vida de bem, entendeu. Pegar esse lápis e quebrar mesmo, e reconstruir um lápis novo, mais do que nós que já estamos agregados com essas questões sociais aí, bem antiga né. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Têmis – Esse lápis para mim ele representa a educação. A educação que era dada nas famílias de antigamente e com a mudança da educação hoje tem essa aceitação que nem a Têia tá comentando. As crianças elas realmente não diferenciam nada, para elas tudo bem menino pintar com canetinha cor de rosa, pedir uma folha cor de rosa, para eles tudo bem. Porque a educação tá mudando. Esse lápis no começo a menininha não podia sentar de perna aberta, tinha que ficar com a perninha fechada, todas as imposições que a educação, a família impõe, o lápis ia lá e apagava o que a menininha queria e colocava o que a educação achava que era certa. E eu penso que hoje a educação está mudando. E tá mudando mesmo. Ela tá, a gente já vê esse tipo de aceitação, por exemplo, que antigamente não se podia falar tanto de travesti, era pederasta né, não era viado, era pederasta que se falava. Não se falava travesti, viado, qualquer coisa assim. Hoje se fala abertamente, se aceita abertamente ou nem se fala. Às vezes a pessoa reconhece o outro e também tudo bem, tudo bem. Então eu penso que esse lápis aí seria a educação e a mudança que a educação tá tendo hoje na sociedade. E só vai mudar daqui muito tempo, a educação tem que mudar muito, muito mesmo para ficar uma coisa aceitável, de todas as partes, não só na parte sexual, mas em tudo né. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Têmis – A educação que você recebe mesmo na família. Na família e na sociedade, porque você não educa ninguém sozinho né, você precisa da sociedade, você precisa da família, você precisa de todo seu contexto para você educar, mas principalmente na família, eu acho que é mais forte, o fato do pai e da mãe falar “Ah, você não pode sentar com a perninha aberta, ah você tem que lavar a louça, o menino pode jogar futebol, a menina não pode jogar futebol”, essas coisas, elas vêm mais de casa do que da escola, por exemplo. Na escola não tem isso aí, mas na família tem. Menina pode isso, menino pode aquilo. Agora tá mudando como eu falei, como estão mudando as formas de educar, hoje tá mudando. Mas há um tempo atrás é dentro da família que se impõe esses preconceitos. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Atena – No começo do ano a gente falou um pouquinho sobre a Hannah Arendt, pra gente discutir espaço público e privado, vocês lembram disso? E no espaço público, é a casa, a família, a questão da hierarquia. E as manifestações elas acontecem, elas têm liberdade para acontecer no espaço público, não no privado. Não sei se eu troquei, mas enfim. Aí é louco é isso, porque não é dentro da casa que a criança começa, é quando ela sai, é no espaço público que ela tem liberdade para fazer escolhas. No espaço privado ela segue a hierarquia, ela segue as regras da família. A gente discutiu um pouco, bastante sobre a Hannah Arendt no começo do ano. E sábado aqui na escola a gente teve a final do Olípas (evento escolar) e era uma prova de talento. E aí, show de talentos era. E a gente tem um aluno aqui do oitavo ano que hoje é bailarino, fez uma apresentação de ballet, ganha premiações né, ele tá... E aí ele sofreu muito aqui, muito. Dos colegas, bullying dos colegas. Tem bastante isso. É que os maiores eles falam mais, os pequenos não falam tanto, mas os maiores falam, eles xingam. E foi uma discussão muito longa com a sala, porque de fato assim a mãe, a família do menino não aceitava e foi uma conversa aqui na escola que a gente chamou a mãe e falou olha, é isso isso e isso. E a mãe passou a aceitar, ele foi fazer ballet e hoje ele é um bailarino. Mas onde ele teve apoio, para que a família aceitasse a opção dele? Foi na esfera pública, que é o lugar de expressão né. Então é natural que às vezes a gente fala, aí que nem quando o pai vai chegar tirar e não sei o que, porque a esfera privada é regra familiar, né. Então essa discussão que a Hannah Arendt fez, que ela faz, ela cai nessa discussão também da história que a gente tem aqui, dos alunos, que eles se manifestam aqui na escola, né. Então, tem uma fala de um aluno da P. que ela chamava a escola e falava fala que nem homem. Então fala que nem homem. Então quando o menino do lado do pai ficava sufocado, porque ele tinha trejeitos, ele tinha o tom da voz dele não era que nem homem, né então acho que tem essa diferença. E sábado, hoje os alunos aceitam esse aluno, eles não tiram mais sarro, não fazem mais piadas com ele e muito pelo contrário, eles ficam admirados, falando como ele dança assim. Então ele faz uma apresentação, fez uma apresentação sábado a

tarde, acho que a Gaia, Têmis e a Hera estavam aqui, e ele faz uma apresentação belíssima, com sapatilha de ponta. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Persefone – Agora tem o outro lado também né. A questão da criança brincar, da menina brincar com brinquedo de menino, o menino com brinquedo de menina quando criança não quer dizer que ela vai ser né. Na verdade, eles começam, as crianças começam a sofrer esse podar bem pequenos ainda. Eu trabalhei em CEI bastante tempo e no horário de saída, às vezes o pai da criança chega e o menino tá com uma boneca na mão, ele se espanta com aquilo. Fulano você tá brincando de boneca. E num espaço desse a gente não faz diferença, você põe o brinquedo lá e a criança faz a escolha dela e brinca com aquilo que ela prefere né. Eu tenho um amigo do nosso meio, tem os filhos quase todos da mesma idade, só que eram 5 meninas e só o dele que era menino. E ele ia na nossa casa e o menino ficava sentado no sofá, o menino não podia brincar, porque na minha casa só tinha brinquedo de menina. Na casa da outra só tinha brinquedo de menina. E o menino não ia brincar porque se não ele ia virar gay. Então o fato dele brincar com o brinquedo das meninas naquela ocasião, naquele contexto onde ele tava, (inaudível) foi criado com dois irmãos, não quer dizer que vai ou não se tornar isso ou aquilo, mas essa imposição da sociedade, de achar que não, a menina tem que ser aquele estereótipo da casinha, da geladeira, do fogão, das bonequinhas. E o menino na questão dos carrinhos, do skate, dos brinquedos mais agressivos, mais violentos. Isso começa muito cedo, principalmente a criança que vai pra escola muito cedo e no espaço comum os brinquedos são comuns porque não dá para você ficar dividindo, já começa lá né. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Afrodite – Eu tava falando com a P. aqui que eu falo muito e não vou falar mais, mas é que tocou bem no assunto. Como eu falei, eu tenho 7 meninas lá. E tem uma das meninas que ela não é o pai, mas ela pede para a outra ser o pai, ela quer ser a mulher do pai. E tem uma que aceita ser o pai, mas ela tem uma postura que... quando eu fico muito séria ela fala que eu fico com cara de tartaruga, ela me tira muito sarro. E aí ela falou assim pra mim... você já veio com essa cara de tartaruga. E ela vem me abraçar, ela tenta me beijar na boca, ela quer me fazer carinho, sabe. Outro dia ela pôs a mão no meu peito... é muito grande né professora.. sabe, ela tem muito isso. E o dia que ela tentou me beijar na boca, ela falou uma coisa e veio me beijar. Eu falei você tá maluca? Ela falou por que, só porque eu ia beijar sua boca? Assim, e tava falando pelo que ela tinha dito... aí eu falei não, isso eu sei que você é meio maluquinha mesmo, mas olha o que você tá falando para mim, eu sou sua professora, não sei o que, tirei um sarro. Mas ela é muito né. Até conversei com a diretora e a diretora aí o que você acha que a gente faz? Ah, a gente não tem o que fazer, né. No meu modo de pensar a gente não tem o que fazer, acho que não é nossa função chamar o pai e falar, olha a postura dela tá sendo assim, assim, assim. A gente tem que observar, a gente tem que se calçar de observação para dar apoio caso necessite, e não se omitir se um dia alguém falar ah a gente nunca percebeu. Não, entre as 7 meninas ela se destaca nesse sentido, então ela sempre... é engraçado porque ela não se põe como o pai, mas ela pede para uma outra ser, porque a outra também aceita numa boa, e elas estão... é sempre o mesmo casal nas brincadeiras, ela e a outra. E já duas vezes ela tentou me beijar e assumidamente assim né, que nem o dia que eu falei para ela você tá maluca, ela falou para mim por que eu ia te beijar, né, que que tem. Aí eu falei, não, pelo que você falou, você é maluca de falar isso para a professora. Ela falou ah professora, não sei o que. E tem uma mania, vai pega. Eu falo da licença, esse é meu espaço, né. Para de me apalpar para falar comigo. E ela morre de rir, ela acha engraçadíssimo. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Deméter – O dever é uma coisa né... mas os pais não aceitam não esse trabalho em sala de aula. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Hemera – Eu acho que assim, na nossa parte, até que a gente atende, é meio que ir conforme a demanda né. Você não vai entrar e propor. Já no 5º ano já tem isso no currículo, a parte da sexualidade. Então você já começa uma abordagem igual a L. contou. De acordo com a demanda da turma você vai também. Mas eu acho que o bicho pega mesmo mais para a adolescência né, fundamental 2. Mas na nossa parte é essa, eu acho que é mais deixar brincar, se tá brincando com boneca, você deixa, você permite, você não discrimina. Se tem alguma coisa que eles estão discriminando aí você vai pontuando, você vai abrir uma roda de discussão, mas não tem uma coisa assim, olha hoje eu vou trabalhar né... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Hemera – Não lança temas, você vai meio que mediando ali a situação. A questão da corda, ah Pro falou que era de menina. Você vai lá na hora, pode brincar, menina pode jogar bola, menino pode pular corda, isso não existe. Você vai pontuando, mas... né pelo menos no meu ponto de vista. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ártemis – Mas aí é uma coisa mais religiosa né, eu acho que lutar contra a religião uma coisa muito difícil. Agora, lidar contra o preconceito de gênero aí é mais fácil né. Porque aí é uma dificuldade da família entender, né. Aqui por exemplo a gente tem funcionários que não trabalham de sábado, por conta da religião. Então não adianta você bater de frente, é uma coisa religiosa. Agora a questão do gênero eu acho que é... *(FAMÍLIA E A ESCOLA/RELIGIÃO E IGREJA)*

Atena – Eu já acho que é muito difícil de lidar. Acho que a educação não lida bem com essa questão do gênero. Eu acho que às vezes a gente ouve coisas e faz que não ouve porque a gente não sabe discutir de fato com os alunos, tipo ah chama o outro de viado, virou banalidade isso. Então não é sempre que a gente para para discutir.

E eu acho que é algo que a escola ainda tem que olhar para discutir, uma atividade. Sábado a gente falou sobre isso numa atividade, show de talentos. Então na gincana as crianças poderiam escolher uma apresentação. Como o aluno fez uma apresentação de ballet, cada grupo escolheu. As meninas escolheram muito funk, vieram com shortinho aqui, elas dançavam com a bunda lá pra cima e os meninos atrás boquiabertos, morrendo, babando. Tinha menino assim com a perna cruzada (Atena simulou o menino escondendo o pênis). Então assim, ainda acho que, por mais que teve critérios de apresentação, eles tinham liberdade para escolher o tipo de apresentação. Então tinha que ser apresentação, pontuar que fosse diferente. Mas está tão enraizado isso e assim, aconteceu dentro da escola. Então acho que são práticas que a gente não dá conta de lidar, porque às vezes sufoca. E aí vem tanto que a gente meio que se esquivava, eu acho que a gente não encara de fato pra discutir essa questão. E eu não acho que é simples. Talvez com os menores seja mais simples, mas não simplório, porque às vezes também eles já trazem uma carga muito pesada nesse sentido assim da família, mas não sei. Aqui por mais que a gente já discutiu, tanta gente já veio conversar com a gente, tudo, eu ainda... eu particularmente sinto dificuldade de lidar com algumas questões da escola. Às vezes a gente dialoga tanto, mas você vai ver uma atividade, você fala putz, escapou isso. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Deméter – Não é tanto tempo que a gente, por eles, pela gente, porque a gente até que lida bem com certas situações. Eu acho que a dificuldade mesmo é lidar com o que os pais vão fazer em relação ao que você fez. Se você tomou uma atitude dentro da sala ou qualquer uma que você achou correta ou que é correta, será que o pai vai achar correta, dentro do que ele espera da escola. Tem isso também. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Hemera – E é muito difícil você deixar de fora o que você acha que é o correto. Porque o que eu acho que é o correto não é o correto. Mas aí quando você está dentro de sala de aula é como se fosse o seu meio, então aqui são as minhas regras né, você acaba sendo assim. Então aí vai muito da tua cabeça ser aberta, mas você de qualquer forma é o lápis. *(VALORES PESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE)*

Ártemis – Agora essa coisa do menino. Outro dia a gente tava falando daquele menino da manhã, o J. . Ele é o gostosão. Ele já pegou todas. E assim, mesmo nós falamos, eu particularmente porque eu atendi ele outro dia, falamos dele como assim, ele é o gostosão. E ele já passou o rodo, como eles dizem, em muitas meninas. Então as meninas não são as boazudas, as meninas são safadas. Elas já deram para ele. Aliás, elas sabem mais que eu. Então assim, a gente tem, eu tenho isso forte em mim né. Embora também.. sou safada (risos do grupo). Mas é uma coisa forte na gente, não é? Você sempre analisa o homem, quanto mais experiências ele tem, quanto mais mulheres ele tem, ele é homem (suspira). E a mulher é vagabunda. A gente não consegue ainda, eu não consigo, fazer ou igualdade, os dois são uns safados, ou meu, sabe... Não, é valorizar o homem e desvalorizar a mulher, sempre. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Afrodite – Uma coisa que me chamou muito... me chama muita a atenção foi o dia que o J. veio de cabelo preso. Não tinha uma pessoa que vinha na minha sala e não fazia assim, sabe. Eu falava caramba. Ou cadê o J.? E o menino assim, só que ele tava de cabelo preso. As crianças comentando, todo mundo falando do cabelo dele. Eu falei gente o cabelo é dele, ele usa do jeito que ele quiser. Hoje ele quer preso. Ah, mas só menina que usa preso. Eu falei não, tem vários homens de cabelo comprido, tem mulheres de cabelo curto, cada um, cabelo é cabelo, cada um usa o seu. Mas assim, chama muito a atenção. Acho que ele veio uns três dias seguidos e foram três dias de (boquiaberta) na porta da sala. Todo mundo que ia entrar eu falava lá vem né. Agora faz muito tempo que ele não vem, acho que desistiu. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Atena – Por isso que eu acho que é muito difícil a escola. A gente tá dando exemplos do dia a dia que a gente não liga, que a gente coloca o estereótipo na frente. Então acho difícil assim. Se a gente for pensar só nos alunos, ah enquanto eles são pequenos. Mas a gente nessa relação também tem uma ideia fechada. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Hemera – Eu acho que eu tenho dificuldade sim. Eu acabo meio que fazendo talvez vista grossa, tipo ai esse não é meu papel, tipo que nem na situação todo mundo pode brincar e vai brincar e já meio que corto também a coisa e deixo... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Afrodite – Quando chama de viado eu falo você tem alguma coisa com a vida dele? E se ele for viado, o que você tem a ver com isso? O que que muda na sua vida? Você não quer brincar? Aí eles ficam me olhando assim. Sabe o que que é... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Perséfone – Ontem eu tava fazendo um trabalho de escola com o filho da minha prima, 6 anos, primeiro ano. A gente tinha que fazer, ele tinha que fazer um dedoche lá e ele quis a história do curupira. Aí começamos a ler a história do curupira e aí vem lá o curupira era... olhava os animais da floresta, os veados e a onça pintada. E na hora que ele leu os veados, ele, mas está escrito errado! O que está escrito errado, A.? Aqui tá escrito veados, veados não é isso. Aí eu perguntei o que é veados. E aí ele veio com o veados no pejorativo, do colega que é menina. Tá, então vamos lá. Sentamos na frente do computador, fomos no google. Pega a imagem do animal, isso aqui é um veado. Aquele nome que vocês dão lá é o nome pejorativo. O nome que não é esse, é uma outra

coisa que depois a sua mãe vai conversar com você (risos do grupo). Aí depois ainda brinquei com a minha prima, falei você tem uma aula para dar aí porque eu já dei uma aula a tarde inteira. Então assim, porque ele já escutou em algum lugar que o viado é aquele amigo que não é menino, é menina. Na hora que eu perguntei ele falou o viado é o homem que é mulher. Então, é isso, é o pejorativo do que eles utilizam também para falar do outro. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Afrodite – Eu falo o nome inteiro, eu falo para eles, mas tá... pergunto pro amigo... ai ele me chamou de... você é? Não... e mesmo se fosse gente. Nós vamos brincar, vamos fazer a atividade, não muda nada na nossa vida. Você não precisa aceitar, mas tem que respeitar seu amigo, ele sendo o que ele for. Porque o seu amigo usa óculos você não pode brincar com ele? Posso... eu jogo muito assim, mas é o que uma fecha... e eu já abro demais, acho que tem que ter um equilíbrio aí, mas é difícil, não é fácil não. É como cada um encara as coisas. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Atena – É, e nessa discussão, por exemplo, do viado, da vida... mas assim, o que é o viado, a gente vai falar é o homossexual. A gente às vezes não chega, a gente chega na discussão do respeito, que você não tem nada... que é sua vida, mas assim, o viado. A gente não usa a palavra gay, a gente não usa a palavra homossexual. Então acho que aquela questão dos termos a gente também, tipo, na hora como que você vai fazer a discussão? Você vai pro lado do respeito, mas você não esclarece não, veado é um animal, isso é um pejorativo para falar de uma pessoa gay, homossexual. A gente não... não é sempre que a gente dá conta de fazer essa reflexão. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Afrodite – É que o segundo ano, eles sabem bem o que eles estão falando. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Deméter – Esses dias um aluno meu, o J., ele é... ele adora, ele é modelista. Ele desenha, as meninas ficam em pé e ele desenha. Aí um menino do outro lado gritou pra ele assim, sai seu viado. Aí ele falou assim, eu vou falar para você duas coisas só: cuida da tua vida e outra, se eu sou viado é um problema meu. E olha cuidado para não passar do meu lado, porque se não... Falou desse jeito para ele. Então ele se mostrou, falou assim ó, pode parar que aqui... você tá mudando a esfera, porque eu sou viado eu deixei de ser homem? Não posso te bater? Não posso te... né. Aí sentou né, porque ele foi ouvindo dele, toda vez. E eu fingi que não ouvi. Eu fiz vista grossa porque achei bem feito o que ele falou mesmo. O que que ele tem que ficar gritando aos quatro ventos né, que ele é. Aí depois em outra aula nós falamos sobre isso né, o que cada um deseja, o que tá dentro de cada um, nós fizemos uma discussão. Aí ele foi pedir desculpas para ele, não você me desculpa. Então ele também entendeu o assunto, ele sabia o que ele tava fazendo. Mas eu acho importante essa discussão, mas eu ainda pego naquela história. Você até tem liberdade de falar com eles porque eles te veem como uma pessoa de respeito, eles têm essa relação de respeito... o que o professor fala é uma verdade, mas tem a relação dos pais, não é todos os pais que gostariam que o professor falasse né. Você vê aí o MBL³¹ nas escolas. Justamente por conta disso, ó fecha a boca e cada um vai criar os seus filhos. Os pais estão falando eu quero ter o direito que meu filho vá para a escola e tenha a minha educação, aquilo que eu desejo para ele, não o que o professor espera dele. Então a gente fica mesmo meio que paralisada em relação a gênero, a religião, a tudo. Então é um assunto assim que entra numa outra zona né, que nem a Atena falou, a esfera privada né e a pública. O que que você vai passar, você vai ter a influência que os pais têm sobre a criança, tem, às vezes tem professor que tem muito mais influência sobre a criança do que os pais. A gente sabe disso né. Eu acho perigoso, eu acho um caminho perigoso. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/RELIGIÃO E IGREJA*)

Nix – O equilíbrio é difícil né, esse equilíbrio não é fácil, é só no dia a dia mesmo a gente ir tentando, a gente ir buscando, porque nem em casa e nem na escola a gente consegue o equilíbrio 100%. Por exemplo, eu com os meus filhos adolescentes, na escola que eles são pequenos. Eu não acho que seja a idade para eles, do 1º ao 4º (ano) que a gente tem a tarde, de falar desse assunto. Acho que teria que ser do 5º em diante. Pra mim eles são tudo, assim, muito pequenos ainda. Tudo bem que na sala dela de 2º ano, mas ainda são crianças e eu vejo de outra forma. Eu vejo como criança, independente de gênero, eu vejo como criança, então eu não me sentiria a vontade de falar. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Afrodite – Mas os de 4º ano já passam lápis no bumbum, no pinto e põe na cadeira do outro pro outro sentar. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

³¹ MBL - Movimento Brasil Livre. O MBL é um movimento conservador de extrema direita que surgiu no ano de 2014 e encabeçou diversas manifestações populares, que fomentaram o golpe parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Rousseff.

Nix – Mas mesmo com tudo isso eu acho que são brincadeiras de criança, não vejo daquela outra forma sabe, de sexualidade neles. Porque às vezes eles repetem sem saber o que eles estão fazendo, eles apenas repetem. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Deméter – Olha só a P. hoje. A P. chegou... você sabe quem é a P. né? Ela fala que nem um bebezinho. Aí ela falou ó professora, o R. tava lá na quadra e ele passou a mão na minha bunda. Aí eu falei, mas foi sem querer não foi? Não foi não, ele passou na minha e eu passei na dele (risos do grupo). *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Deméter – Aí é tão assim que você vê que ela fala como um bebê, mas já tem a malícia. Ele passou a mão na bunda dela, sabe que não pode. A voz é de bebê, mas sabendo o que... Aí eu falei não pode deixar, vamos ter essa conversa depois. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Deméter – Mas eu já conversei até com eles, eu tenho um aluno que ele é bem aflorado, é bem aflorada a sexualidade dele. O E. senta mesmo perto das meninas, se insinua. Quer ver, quantos anos ele tem? Esses dias a J. falou, professora o E. tá passando a mão na minha perna. Aí eu chamei ele, a avó veio, conversei com a avó. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Deméter – Mas a gente tem essa consciência. Só que de qualquer maneira, se ela tá pedindo, se ela falou alguma coisa, é porque ela quer que alguma coisa seja feita né. Ou porque tá gostando ou porque não tá gostando. Aí você tem que tomar a atitude. Ele deu uma melhorada, de vez em quando ele tá lá, mas é dele, uma coisa dele. A gente dá uma separadinha quando eu vejo que tá muito, eu vou assim e separo, ponho ele num canto, ponho no outro. Lembra que ficar em cima do outro, igual eu falei. São situações assim que você vai fazer o que? Dá aquela rebolada, tira um, tira o outro né, deixa assim. Fala com os pais, mas você vai falar o que? Que a outra criança tá tentando, vou falar o pejorativo aqui, comer o outro? *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Nix – (risos) Eu estava contando uma história. É delicado porque a gente se assusta né. Eu tenho uma relação aberta com o meu filho, com os dois. E ele tem 17 anos e outro dia ele veio mostrar um negócio pra mim no pinto dele (risos do grupo). Mãe vem aqui vem, o que que é isso aqui mãe (risos do grupo). Eu falei, ah filho isso aí é uma bactéria que ele pegou na praia, a gente foi, ele pediu para eu dar uma olhada, aí eu tratei tudo. Falei passa essa pomada. Aí um dia eu chego ele em casa me vem pelado com o pinto de fora (risos do grupo) o que que é isso aqui? Eu tomei um susto, porque a gente não tem o costume de ficar pelado na frente do outro lá em casa. Só que ele se sentiu tão à vontade... foi engraçado, porque eu fiquei assim, mas eu não deixei mostrar tanto, mas foi engraçado. *(MATERNIDADE)*

Apêndice V – Excertos do segundo encontro na JEIF

Nun – Eu acho que hoje em dia já mudou né? Já mudou um pouco. Homem hoje, por exemplo, já usa camisa cor de rosa, lilás, coisa que há um tempo atrás... você não podia ver um homem... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Bastet – Eu acho que mudou um pouco... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Nun – Com roupa cor de rosa... Mas mudou. Já é alguma coisa. Eu vejo... eu tenho um pouco mais de idade que todos aqui e eu vejo uma grande diferença entre os homens de quanto eu era adolescente para os homens que eu vejo hoje em dia, eu vejo. E é uma mudança pra meu ver favorável. Não tanto machismo, ainda tem sim homem machista, mas já não é tanto como era... homem faz isso, mulher faz aquilo. Eu vejo mudança. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Nun – Pra mim é a relação entre homem e mulher. O homem ajudar em casa, a vestimenta do homem, o homem procurar ajuda... na parte sexual mesmo, que era... Imagina que homem fazia exame de próstata há 40 anos atrás gente, não fazia. Hoje não, hoje eles procuram se cuidar. Só os mais velhos mesmo que ainda tem a cabecinha meia, que ainda não procura ajuda. Mas os jovens que estão entrando agora, a geração que entra agora, 30, 40 anos, eles se cuidam, eles se cuidam. Eu tenho como exemplo na minha família né. Eu tenho homens mais velhos, tive tio que morreu com câncer de próstata porque ele falou que nunca que ele ia num médico para fazer o exame de toque. E ele morreu com câncer de próstata. Hoje eu já tenho primos, mais ou menos da minha idade, que se cuidam direitinho, mais novos também, que se cuidam direitinho. Nenhum mais morreu de câncer de próstata na família. Eu acho isso uma coisa positiva, uma mudança positiva. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Na parte sexual eu acho que mudou, mas não foi o homem que mudou, foi a mulher que mudou né. Hoje a mulher se coloca, a maioria, fala o que gosta, o que não gosta. E antigamente não, você era submissa no sexo né, você recebia aquilo e pronto. Se tava bom, ótimo, se não tava, quietinha. E hoje as mulheres se colocam mais, e buscam esse prazer, então de alguma forma a atitude do homem tem que mudar, porque senão você procura outro né. Mas eu acho que assim foi a mulher que mudou e não o homem. Aí consequentemente ele passou a te ver de outro jeito né. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Bastet – Eu vejo uma mudança também, mas eu ainda acho pequena. Não sei se eu que convivo com homens muito machistas ainda, mas eu acho pequena. Na minha casa, por exemplo, não pode ainda menino usar rosa, né, tem umas coisas que eu acho bem... e é um homem de 40 anos, poderia estar aí assim... Eu acho que alguns até tentam, meu pai tentou já ser mais moderno, mas fala que, é mais velho e fala que tá entendendo as coisas... Aí um dia eu até brinquei e falei assim, ah vou comprar... brinquei porque ele não queria, porque se meu filho quisesse eu daria... vou comprar panelinha para ele. Você tá maluca, comprar panela? Eu falei, ué o senhor não é o que me ajuda em casa, que ele morou comigo por um tempo, o senhor não usa panela, o senhor não cozinha? Quando eu chego não cozinhou? Por que o V. não pode brincar com panelinha? Não, isso é ridículo, é ridículo. Então eu acho, assim, eu vejo mudança no geral, mas eu acho que na essência ainda é bem difícil. E concordo também que muito vai da mulher, de se impor. Hoje as mulheres são a maioria, são as que tomam conta do lar financeiramente, que antigamente era o homem né. Então eu acho que tem uma mudança sim, mas eu acho que ainda está pequena. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Ah, lembrei de outra coisa. O homem tem ajudado em casa né... mas... Ajudado... é... né. Eu me peguei agora. É ajudado, eu te fiz um favor. O homem não tem o compromisso. O compromisso ainda é da mulher. E isso, claro, foi uma coisa instituída por toda uma geração, uma colonização, enfim, mas a mulher também se sente assim, lavar a louça é minha obrigação, lavar a roupa, né. A gente ainda não consegue também delegar... Escuta aqui, eu vou fazer segunda, terça e quarta e você vai fazer quinta, sexta... né? A gente, maioria, eu desconheço alguém que tenha essa divisão clara, né. Uma coisa subliminar assim. Você acha que primeiro ah então eu te ajudei, lavei a louça. Então ainda é uma coisa ruim. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Bastet – Eu conheço um casal, que é meu exemplo assim. Não que eu siga (risos). Mas assim, a minha cunhada ela não trabalha fora e tudo é muito dividido na casa dela. Então assim uma coisa que para ela é abominável é fazer a lição com os filhos porque ela não tem paciência. Então é o marido, o marido trabalha o dia todo, faz faculdade a noite, na hora do jantar, o tempinho que ele tem do jantar ele faz a lição com as crianças para ir para a faculdade. Leva um lanche ou come pelo... porque ela não faz, não gosto não faço. E na casa cada um tem a sua... o filho faz isso, a filha faz aquilo, o resto é do... não sei o que é do marido, não sei o que é dela, é tudo muito dividido, não tem sobrecarga assim, sabe, falar... E eu nunca ouvi assim... a gente... eles moram no interior então às vezes eu vou para lá e tal, passo dias e eu nunca ouvi assim, é mas você não trabalha e não sei o que, e vice-versa. Nada. Eu não sei como que é porque eu sei que é diferente quando as pessoas não estão perto, mas para mim é a família modelo sabe? Delícia? Tudo muito ajeitadinho. Não tem... você vai fazer... não, um levanta já faz

o que tem que fazer e acabou. Mas é o único casal que eu conheço que é assim. E desde que casaram, antes dos filhos, tudo. Conheço um casal. Alguém mais? *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Mafdet – Olha, eu particularmente não gosto do homem andar relaxado. Eu gosto da pessoa alinhada. Então não é muito isso de homem e de mulher não. O meu marido é militar, então. Eu gosto ué. Eles não têm aquela coisa chata de andar assim, tô fora. Isso independente se é homem ou mulher. Por exemplo, a gente brinca muito que depois que casa a pessoa relaxa. Quem que vai paquerar um homem que anda assim? Ninguém. Affe, deus me livre. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Assim, no caminhar... você tem um jogo no quadril, é uma coisa, assim, não sei se eu aprendi, mas eu tenho uma preocupação... Eu não ando de qualquer jeito. E quando eu andei de homem, como homem, eu andei de qualquer jeito. Assim, é tanto faz, ninguém olha... pro quadril de um homem, se rebola ou não, entendeu? Assim, essa coisa social. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Amonet – Se ele rebolar de mais a gente também olha. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Você vai falar, meu, não é possível. Então você olha o bumbum, tem que ser um bumbum legal. Agora se rebola, melhor não rebolar. Então eu quando representei, na minha cabeça veio isso. A princípio eu falei ah, mas eu ando normal. Mas não é normal. Enquanto mulher eu não ando normal, eu ando normal dentro de um padrão que eu estabeleci para mim né? Acostumei e... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Bastet – Mas como mãe de menino me preocupa assim umas coisas, de dar esse peso pro meu filho, sabe? Essas frases bobas. Graças a Deus eu ainda não falei, não vou falar nunca porque a gente faz um monte de coisa errada. Homem não chora, você não é menina para fazer isso. Eu nunca falei assim... falar chorando é uma coisa que me irrita. Então você quer conversar, vamos conversar. Começou a chorar eu saio de perto. Mas eu nunca usei esses termos. Mas me preocupa assim porque a sociedade traz muito isso de menino tem que ser assim, menino pode, menina não pode. Não sei se é mais fácil ou não pelo meu jeito de ser, eu acho... eu ainda falei agora há pouco a gente falando da filha da P., eu falei graças a Deus Deus me deu menino, porque eu não tenho essa paciência pra frescura, para maquiagem, para não sei o que, para não sei o que lá... Menino tem outras frescuras, que também são irritantes, mas eu acho pesado também você criar um filho nesse... com essas concepções. *(MATERNIDADE/PAPEL SOCIAL DA MULHER/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Fez uma playlist no celular, pôs numa caixinha porque ela é chique para caramba, não é Anput? E aí o menino se emocionou e chorou durante o processo. E aí desceu todo mundo para a minha sala né, porque uma menina riu, um menino também riu, disseram que não estavam rindo dele. Aí eu perguntei por que você acha que eles riram de você? Aí ele sentiu vergonha de chorar, porque naquele momento ele se emocionou e como ele ia chorar na frente de todo mundo, né? Aí a gente teve uma conversa e tal, mas como é forte isso né? Porque se uma menina chora, todo mundo vai em cima... O que aconteceu? Se um menino chora, ele se envergonha de chorar. Ele ficou muito envergonhado. Depois passou né? Mas é uma coisa que parece que tá dentro da gente já. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Amonet – Ser forte. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Bastet – Acho que é o esperado, é o que a gente falou de padrão, de social, as pessoas pensam nisso. Se um homem falar que tem medo de baratas, tem muito dessas pegadinhas... põe lá para ver como reage, se reagir não sei o que... Acho que tem muito isso, esperar do homem ser forte, ser grande... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sótis – Normalmente a criança quando tem o pai tradicional, o pai é o herói, o pai não sente dor, o pai não chora, o pai sabe tudo, o pai protege. Então aquela figura de ser forte. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/PATERNIDADE/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Kebechet – É que a gente tem que analisar de duas maneiras né? A biológica, que eles são realmente né mais fortes, e a social, o que eles tentam representar com aquela força né? São dois pesos e duas medidas né? Então eles já têm a tendência biológica de ser mais forte né? Os músculos e toda essa questão mesmo. E aí a sociedade também impôs essa força em cima dos outros seres, que é a mulher, a criança, e outros... Mas assim, até essa concepção já tá sendo quebrada, da força do homem. As mulheres já vão para a academia, já trabalham os músculos, já... Eu acho que muita coisa já foi quebrada assim... ainda há muito de se quebrar, mas muita já tá sendo quebrada. Que nem a questão lá da menina da novela das 8, não sei quem assiste. Eu não consigo assistir, mas quem assiste né. Da transformação dela né? E a postura dos meninos em relação a ela né. Repudiando o fato dela ser uma trans. E até eu fiz uma brincadeira que é típica da gente mesmo, que na internet tá rolando, aí eu também... nasci no corpo de algumas pessoas... já viu isso também? Nasci no corpo de pobre, essas questões aí, que eu acho muito coerente, é bem isso mesmo. A gente nunca tá feliz com o que a gente é, a gente sempre quer ter essa mudança né? Ela é corporal, mas a mente dela... no caso ela gosta de homem, não é isso a situação da menina? Ela se sente homem e gosta de homem. Até minha filha fez um questionamento, mas caramba, se ela

gosta de homem, precisa ser homem para gostar de homem? Não é só ficar ali e acabou a situação? Precisa se transformar? Mas é o sentimento né, é o que vem de dentro pra fora. Mas eu acho que já tá sendo quebrado. É assustador pra gente, né? Assustador né. Porque de repente você tem um filho pequeno e, que nem eu vejo lá os meus netos, eu falo assim, o que será né? Hoje a gente cria como menino, você é um menino. Só que em casa é assim, tem que fazer xixi sentado porque tem mulher, tá, em casa. Então se você faz xixi em pé... Meu filho não deixa ele fazer xixi em pé, ele faz sentado. E é um tabu isso. Mas desde o meu pai, meu pai nunca fez porque só tinha mulher, então ele sempre fez sentado. Então a gente foi passando. Então acho que isso é uma coisa que a sociedade mesmo vai dando essa... se dando essas transformações né? Por uma questão de higiene, né? Uma questão de higiene. Uma postura que ninguém imagina, né. É homem, tem que por o pinto pra fora, chacoalhar e sujar tudo, né? Jogar na parede... Entendeu? Marcar território, feito cachorro. (PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER/SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Kebechet – Em casa meu filho fica bravo se os filhos dele fazem em pé, fica muito bravo. Ele fala não, tem a sua vó, sua tia, e aí? Então isso aí já foi quebrado há muito tempo, em relação... (PAPEL SOCIAL DO HOMEM/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Sechat – Mas é só em casa né? Porque meu filho eu também ensinei a fazer sentado, mas em outros lugares não. Se ele for, por exemplo, na minha irmã, ele não faz sentado, ele faz em pé. (PAPEL SOCIAL DO HOMEM/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Bastet – O meu marido verbaliza, vai fazer em pé, que sentado o que! (PAPEL SOCIAL DO HOMEM/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DE ESTEREÓTIPOS)

Sechat – Só continuou, até agora. Agora meu filho tem 16 anos, um homem. Eu nem vejo mais. Ele tranca a porta, um dia ele ficou trancado e eu precisei socorrer. Ele morre de medo que eu entre e veja aquela coisa né? Parece que eu nunca vi. E ele continua fazendo sentado. Mas se tiver um amigo em casa, ele não faz sentado. Por que? Porque o menino quando vai ele levanta o assento, e ele não levanta porque ele senta. Então se tiver um amigo ele faz em pé, porque ele levanta o assento. E eu nunca falei, na frente dos outros não pode fazer, mas ele mesmo se polícia. (MATERNIDADE/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Sechat – É que comigo ele é menino né, eu não vou nunca duvidar... quer dizer, até então (risos). Mas até agora ele é... bem grosso inclusive. Mas o amigo não né, o amigo pode questionar. (MATERNIDADE/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Bastet – O cara acha que é viado. Ele não tem essa força para falar, sou homem, mas quero fazer sentado. (PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Sechat – É, sou homem o suficiente para sentar e fazer xixi. Ele não tem, ele ainda é adolescente. (PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Kebechet – Mas o pessoal acha muito engraçado mesmo isso. Você vê que a pessoa se assusta quando você fala que o menino faz xixi sentado. Qual é o problema do menino fazer o xixi sentado? (PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Kebechet – Mas não é só uma questão de postura masculina. Durante muito tempo me questionei isso, a postura do homem, o homem tem que fazer xixi em pé... Quando ele percebe que tudo aquilo que ele faz também é uma questão harmoniosa com a sociedade, tem que pensar no outro, tem que pensar na minha mãe que senta, tem que pensar no outro, no próximo. (PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Anúquis – Não sei até que ponto também, porque assim... é uma coisa do microcosmos... ali é o micro. Tipo, na sua casa. E fora, que nem o menino dela? Eu acho que assim, isso que... essa é a dificuldade. Eu não sou mãe ainda, mas as meninas que são mãe. Você tem que criar e você tem que criar pensando numa sociedade... (PAPEL SOCIAL DO HOMEM)

Kebechet – Mas a sociedade só muda quando você muda dentro da sua casa. Porque do meu pai passou pro meu filho, meu filho passou pros filhos dele e assim a sociedade vai se transformando. Ela se transforma... (A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Sechat – Então, mas tem vaso também. Mas diante do outro você não vai... (inaudível). E homem, por exemplo, não fecha a porta, quando tem um monte de homem. A mulher fecha... bom, eu fecho. Mas não é uma cultura masculina, os homens... Porque é legal ver né? Tem um pintão... (PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)

Kebechet – Pra você não sentar! Então uma outra situação. Agora dentro da sua casa... não sei se é porque eu aprendi assim, a gente tem que valer o que a gente recebeu né? Você recebe uma educação, onde você estiver

você vai passar essa educação. Pelo menos eu aprendi assim. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Sechat – Eu não sento em absolutamente lugar nenhum, só na minha casa mesmo. Em lugar nenhum. Por uma questão de cuidado e de saúde, né? Que a gente pega doença, HPV, você pega no banheiro também. Inicialmente era uma doença sexualmente transmissível, mas já não é mais. Então eu não sento mesmo. Aprendi isso, não consigo. Agora o homem ele não senta porque socialmente o homem não senta. Então na frente do meu parça, do meu amigo, eu não vou sentar. Então eu, assim, até pelo que eu tenho do meu filho, para nós sempre foi natural, qualquer outra situação ele faz de pé. E nunca foi uma coisa que eu disse né? Porque às vezes você fala, olha aqui com a mamãe você pode. Porque eu ensinei isso de pequeno e ele acostumou. Eu nunca falei isso, eu sempre, desde que eu comecei ensinar a fazer xixi, porque a gente começa no pinico, eles fazem sentados. E quando você passa para o vaso você, agora você pega o pinto, eu nunca fiz isso, sempre pus ele sentado também. E aí ele acostumou. Então nunca ele também me perguntou, mãe, eu posso sentar na casa da minha vó também? Nunca, simplesmente se tá na casa da vó ele não senta, ele fazia em pé. Foi uma coisa natural para ele e para mim também, eu nunca falei sabe, você também pode sentar aqui na vó, porque aí eu ia ter que falar, porque na casa do fulano não pode. Porque também tem um cuidado de saúde, de higiene com ele. Então assim, eu não sento em lugar absolutamente nenhum. Mas os homens não sentam. Normal é que um homem não sente. Mas meu filho é homem (risos). *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/PAPEL SOCIAL DO HOMEM/MATERNIDADE)*

Bastet – Estipulado pela sociedade que homem... não é que é normal. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Ser grande... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Ísis – Tem que ter pegada. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Um homem grande assim, pegada. Baixinho não rola, já basta eu. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Bastet – Eu acho que entra muito postura mesmo. A gente mal conhece uma pessoa, mas já dependendo da postura a gente fala ah, ele é másculo, ele é isso, ele é aquilo. Pela postura mesmo. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Kebechet – Másculo, forte, deve pegar ó (risos do grupo). *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Bastet – A gente aprendeu a ver assim, né? *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Ísis – Até o termo né, tem pegada. Tem pegada também, olha aí gente. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Kebechet – Mas mulher também tem pegada né? *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Ísis – É, mas é difícil ouvir falar isso de mulher. Você ouviu falar isso de homem, ah esse tem pegada. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Bastet – A mulher é galinha né. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Ísis – É... a mulher é para ser pegada, não é para pegar. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Bastet – Ah, mas se for uma mulher que tem iniciativa e não sei o que, normalmente ela não é bem vista. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Sechat – O homem foge, o homem foge. Assusta. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Mafdet – Tava falando assim que homem é másculo, que faz as coisas em casa. Aí eu falei nem sempre, minha irmã... o marido dela não sabe trocar uma lâmpada. Aí ela já falou outras coisas (risos). *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Aí não é marido, marido não lubrifica. No máximo passa um paninho. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Sechat – Eu acho que tem uma coisa da proteção também, né? Embora hoje as mulheres são mais resolvidas e independentes, em algumas situações você precisa ou pelo menos você acha que precisa de um homem. Uma rua escura, sozinha à noite, você tem receio... Se você tiver com um homem ele não vai fazer nada, mas você se sente mais tranquila. Eu pelo menos me sinto. Então eu acho que um homem... não é uma proteção de deixar acontecer nada, mas eu me sinto tranquila na presença de um homem em determinadas situações. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Ísis – Hoje eu ouvi de uma aluna do quarto ano, na saída, ela falou assim: eu tô fazendo Muay Thai. Ai, que legal, por que você escolheu fazer Muay Thai? Ah, porque eu sou muito delicadinha e eu preciso aprender a me defender dos estupros. Aí eu falei, ah é? É, porque tem um golpe, se eu der esse golpe aqui pof, ela imitou, eu estouro o nariz dele, eu deixo ele sangrando, aí nenhum homem vai tocar em mim. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Ísis – Então, eu já sei alguns golpes, então agora acho que vou aprender a me defender. Então eu tô fazendo por isso, porque eu sou delicada e porque eu preciso aprender a me defender dos estupro. (*PAPEL SOCIAL DA MULHER/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Kebechet – Mas é que já é orientado. Alguma coisa já passou, entendeu, alguma coisa já passou. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Ísis – E ela fala muito disso, dessa questão de estupro, que tem que aprender a se defender, que tem que bater no homem, então assim, é algo que pra ela o homem também virou sinônimo de estupro, de coisa ruim. Então assim, até que ponto também as histórias que a mãe conta pra ela tá construindo ela... (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Ísis – Isso. Então assim... mas assim, ah quero fazer Muay Thai porque eu acho legal, me divirto, a mãe pode... quarto ano gente, a mãe pode dar mil justificativas, se ela tem interesse, é legal, eu gosto, não sei o que. Agora falar que ela tem que fazer pra se defender de estupro é muito forte para uma menina de 10 anos. Ela falou, porque eu já tenho corpo. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Bastet – É a fala da mãe né. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Nun – A mãe não sabe conversar sobre isso. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Amonet – É que não existe uma conversa de reflexão dentro da casa né? (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Ísis – Não é uma conversa sobre a questão da mulher, o respeito com a mulher. É que a mulher tem que se defender do homem. Então ela veio com esse discurso, que ela tem que se defender do homem. Então, assim, gente... (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Sechat – Mas é o discurso da mãe né. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Bastet – Que nem eu falo para o meu filho, ninguém pode mexer no corpo dele se ele não quiser, ninguém. Aí às vezes até cai contra a gente né, vai tomar banho e aí ele fala às vezes pra mim... você não pode por a mão no meu pipi. Mas então abre, lava direito, não sei o que. Então você tem que fazer, você tem que trabalhar, porque não é... Essa frase a gente tem que usar de vez em quando, eu não estou te fazendo mal, eu não vou te machucar, mas tem que lavar. Você quer ficar sujo? Tem que falar às vezes... eu vou ter que fazer isso né, você gostando ou não, mas você tem que prestar atenção, não pode ser qualquer pessoa, não sei o que. É difícil... (*MATERNIDADE*)

Kebechet – Essa é uma fala nossa mesmo, eu também falo. Eu falo não deixa ninguém te tocar, o único que pode te tocar é eu, eu e eu, mais ninguém. Eu já falo logo. Se falar, não, não vai pegar nada aqui não, aqui ninguém pega em nada, eu já falo logo. Então... porque a gente... eu falo dessa forma, a gente só pode ser tocada quando a gente quer ser tocada e isso vai demorar muito tempo para você querer. (*MATERNIDADE*)

Amonet – Que nem ela tava falando, que a mãe disse para menina, um corpão, um corpão, então vou ensinar minha filha a fazer... vai fazer aula de tiro, porque corpão já faz tempo, entendeu? Na verdade, você tem que conversar trazendo uma reflexão de situações e não... (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Sechat – Agora até que ponto essa autodefesa que a mãe está gerando nela também não vai gerar... (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Anúquis – Aversão. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Sechat – Um horror pelo sexo, porque quando o outro, independente de ser homem ou mulher, me tocar, que sentimento que essa menina vai ter? (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Bastet – E se ela gostar ela vai ficar pior ainda. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Bastet – A pessoa me tocou, foi legal e eu sou péssima por isso. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Anúquis – Eu conheço mais de uma mulher que é homossexual porque foi estuprada e ela não conseguia mais ter relação com homem. Então até na minha cabeça fica a dúvida, será que é realmente uma opção ou é uma maneira de se defender para que aquela situação não se repita? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Bastet – Ou é uma aversão... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Anúquis – Quer dizer, eu experimento e eu falo que gosto de mulher... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Anúquis – Agora que você comentou isso que me veio na cabeça, não foi só uma não que eu conversei que... Eu tive... Hoje em dia eu tenho menos, mas eu já tive amizade com homossexuais, tanto homem quanto mulher... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Kebechet – A grande maioria já foi estuprada, já passou por isso sim. Eu tenho amigos gays que desde pequenos eles foram... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Bastet – Abuso sexual. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Kebechet – Sofreram abuso. Entendeu? Às vezes pelo tio, pelo... *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Bastet – Normalmente é dentro de casa, a estatística é essa. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Kebechet – Dentro de casa, entendeu. Então eu creio que... é que hoje em dia está tudo tão aberto, tão difícil de você explicar né? As coisas, né. O que é certo e o que é errado na sociedade, que a gente ainda tá naquela fase de transição. Se realmente a pessoa nasce com o instinto de ser homem, ser mulher, ou se isso acontece, se é biológico ou se não é. Não tem uma prova assim concreta né. Não existem provas concretas. Mas muitos se transformam por conta disso. Pega aversão né. *(PAPEL SOCIAL DA MULHER/PAPEL SOCIAL DO HOMEM/SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Sechat – Isso tá tão aberto, mas assim na internet, na TV, mas nas famílias ainda não. Semana passada eu tive reunião na UBS, tem uma escola aqui perto, do estado, com 3 crianças de 12 anos grávidas. Três da mesma escola. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Anúquis – Eu tinha uma aluna ano passado que ela tinha bebê, no quinto ano. *(MATERNIDADE)*

Sechat – Então assim, a família né... Não houve orientação nenhuma em relação a isso. E o posto dá, no terminal de ônibus tem camisinha. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Ana Luiza – Mas elas foram vítimas de abuso?

Sechat – Não, não foram. Uma, inclusive, está grávida do irmão. *(MATERNIDADE)*

Ísis – É, acontece. Aqui as famílias grandes, os primos, eles perdem a virgindade com primos. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Anúquis – É um abuso... *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Ísis – Eu não sei até que ponto não é (abuso). Porque a menina fica vulnerável, que nem ela tinha primos que tipo. Para ela não tem uma defesa, é tão normal ela ceder... *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Kebechet – E ela se apaixonou. Conheço um caso bem íntimo, assim, da seguinte maneira. A pessoa foi casada, separou e tinha dois filhos pequenos, um menino e uma menina. Aí casou com esse rapaz, ele praticamente criou os meninos, teve outro filho com ela e do nada assim o menino mais novo dele descobriu porque ele toca tanto na fulana. Aí ela falou tum. Ela ia pra faculdade, deixava a filha com ele, cresceu, viu pequenininha, cresceu, ele mexeu com ela desde pequena. É o que aconteceu, ela se apaixonou por ele. A menina se apaixonou por ele. Porque ele toca ela desde pequena, olha que situação, olha que situação. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA/ A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Kebechet – Mas quando a gente se apaixonou não é amor, é o prazer né. Você se apaixonou porque sente prazer, você está ali... é sim. Aí o que aconteceu... o menino, filho dele, do nada, pequenininho, porque ele toca tanto a fulana. Aí você imagina a cabeça né. Pelos dois lados, agora o filho precisa de tratamento porque viu, agora veio porque ela denunciou, fez o que era certo... *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Kebechet – A mãe denunciou, claro. Fez o que é certo. Quer dizer, você tá dormindo com o inimigo há quantos anos né? E agora ele tá pedindo pelo amor de Deus para não ser preso né, porque ele vai ser preso. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Bastet – Mas a minha enteada tem duas amigas que tem caso na família, que contaram. Uma desde que ela conheceu já contou e uma que ela é amiga desde a infância, desde os 3 anos, contou ano passado pra ela, que elas tiveram uma questão lá e aí a amiga tava mentindo muito e aí ela contou porque fazia essas coisas. Uma foi abusada pelo avô e contou pra mãe e a família não acredita nela, então ela tem um problema sério de família, não consegue conviver. O avô abusava desde pequena e quando ela resolveu contar, não acreditavam nela. E essa outra foi um tio que a vida inteira fazia e ela, depois que ela começou agora, deve ter a idade da minha enteada, 21 anos. Ela falou que no começo ela não achava errado, ela falou que ela não lembra muita coisa, mas quando ela começou a perceber que ela não gostava, ela se sentia culpada pelo que tava acontecendo e tinha medo de contar para a família, tanto é que nunca contou, ainda encontra em festas de família. Na época quando ela contou para a minha enteada a gente ficou até meio revoltada, queria ir falar com a mãe dela, já queria fazer... aí ela pediu

por favor para não falar, porque é uma coisa muito difícil, ela demorou muito... elas são amigas desde os 3 anos e ela falou que demorou muito para me contar, porque ela confiou em mim, mas ela não quer falar mãe, não quer falar pra ninguém. E a que falou também perdeu a família de alguma forma né, é tida como mentirosa. É muito complicado isso. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Sechat – Eu acho que, volto naquela situação anterior que o homem ele é homem, então assim... Quando a gente fala em criança é estupro, mas quando você fala numa mulher, a mulher era vagabunda. Você viu o vestido que ela tava, assim, você não tem nem o direito de ser ou de usar o que você quer porque você assanha o outro, vamos dizer assim, e ele é homem né, então eu acho que ainda tá nesse conceito, estupro e a masculinidade sim. Sou tão macho que eu pego, que eu faço. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA/PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER*)

Ísis – Não tem um ditado, segura suas cabras porque o meu bode tá solto, não é? (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM*)

Bastet – Eu vi em algum lugar, agora não vou lembrar aonde, não sei se foi série ou se foi de verdade, eu não lembro, eu só lembro que alguém... era alguma situação que a mulher deu em cima do cara, era um policial, e aí ela queria algum favor dele, aí ela falou para ele que se ele não fizesse o que ela queria ela ia falar que ele tinha assediado ela. E fica muito mais evidente para a nossa sociedade que o homem tenha feito isso, mas a mulher pode fazer também né. É complicado. Mas eu não acho que isso tem a ver com masculinidade não, pra mim isso é doença. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA/PAPEL SOCIAL DA MULHER/PAPEL SOCIAL DO HOMEM*)

Anúquis – Mas que o homem tem que ser o pegador, ele tem. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM*)

Bastet – Tem, mas não precisa pegar as criancinhas né. Acho que isso não deixa ele másculo, acho que é doente mesmo. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Sechat – Mas quando a gente falou em estupro a gente não falou em idade, é estupro. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Sechat – Então, mas olha a fala né. Criancinha... não importa se é criancinha ou se é um mulherão. Pra mim estupro é estupro né. Claro que uma criança é indefesa, mas em algumas situações a mulher também é. Quantas mulheres não denunciam seu parceiro, porque são indefesas, tem medo. Então o estupro não é legal em situação nenhuma. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Bastet – Mas eu não acho que tem a ver com masculinidade. A gente não fala olha como ele é másculo, estuprou 3 ontem. A gente não fala isso. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Kebechet – Masculinidade é diferente de machismo né. Eu acho diferente, muito diferente. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM*)

Bastet – Tanto é que dizem que em presídio isso é o que mais mexe com os presos, é o estupro. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Kebechet – Ah, ia poder fazer tudo né. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM*)

Kebechet – Ia poder jogar bola, ficar sentado... porque já tinha o João lá né. Era o irmão que ficava sentado, não precisava lavar louça né. Na verdade, já tinha lá na casa essa imagem, a divisão, o que o homem pode fazer e o que a mulher não pode. A gente foi, nasceu e foi criada para o que? Pra ter filhos, para amamentar, para cuidar do marido, pra servir os filhos. Nós fomos criadas para servir né. E a sociedade agora tá batendo de frente, porque a mulher agora não quer mais servir, ela quer também ser servida. Em todos os aspectos, quero sentir prazer, se eu não sentir prazer eu não faço. Não sei se todo mundo é assim, porque eu sou assim. Se não tiver bom para mim acabou. Acabou a relação ali. Eu sou muito assim nessa parte, eu não to nem aí pro que pense, ah não quer, quer é assim, assim. Então eu sou bem assim mesmo, não tem esse negócio do que os outros tão pensando ao meu respeito. Pense o que quiser, o importante é o que eu quero para mim. Então... talvez porque eu tenha sido reprimida também. Talvez essa mudança minha seja por isso, porque na minha casa nós eramos 6, meu pai e meu irmão só, o resto tudo mulher dentro de casa. Então se chegava material de construção, quem que carregava? Nós, as mulheres. Tinha que pintar a casa, vamos pintar a casa? Quem pintava a casa? Nós, as mulheres. Então nós crescemos... Meu pai trabalhava fora. Meu irmão era aquele negócio, foi criado... ah é menino, não precisa lavar, não precisa passar, ah não precisa. A gente podia fazer tudo, podia fazer serviço dito de homem, que é pintar a casa, carregar areia, carregar bloco, reformar, fazer as coisas e meu irmão foi criado só como homem, ele é só homem. E nós fomos criadas dos dois lados, homem e mulher. Ele não, era só homem. Então ele podia fazer as coisas de homem. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/PAPEL SOCIAL DA MULHER*)

Sechat – Aí está entrando na obrigação né. Não é aí o papel do homem e da... quer dizer, é mas... (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Sechat – Mas a casa tem que estar em ordem, quem vai botar em ordem? A mulher. Então se é para pintar, se é para... (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Kebechet – Então vamos dividir os papéis corretamente né. Então nós deveríamos ficar sentadas e meu pai e ele fazer toda essa parte que cabia aos homens. E em casa não era assim não, era nós mesmo. Minha mãe criou muito a gente assim, vocês têm que fazer o que vocês querem, respeitando o limite de cada um porque vocês são muitos. Meu pai não, meu pai era bronco né. Então minha mãe protegia pra gente fazer as coisas. Vocês vão sair? Seu pai chega tal hora, então saiba que vocês têm que estar aqui tal hora. Minha mãe era desse tipo. Onde vocês vão? Ah, ó, pode ir, sem problemas, você está feliz? Tá, então se você tá feliz eu tô feliz, mas chega tal hora, porque o negócio... *(PAPEL SOCIAL DA MULHER/PAPEL SOCIAL DO HOMEM/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Kebechet – O poder né. Então... meu pai talvez por proteção, a gente não podia fazer nada. Se a gente fosse pra praia a gente ficava dois dias com diarreia, aquela história toda de medo da gente morrer, muita mulher né. Então tipo assim, to aqui né. Mas eu não fui criada dessa maneira que homem não podia fazer, mulher podia fazer... Pela minha mãe né. Nós somos iguais, você pode fazer o que você quiser. Desde que você tenha respeito, respeite os limites de cada um, pode fazer o que você quiser. Então o que tá faltando é isso né. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Mafdet – Mas a sociedade continua machista. Você tava falando agora, o seu pai chega a tal hora. Tudo isso é coisa do machismo, porque o homem manda. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Kebechet – Não, mas não é do homem, é evitando... minha mãe eu entendo. Porque minha mãe enfrentava meu pai. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Mafdet – Mas o que você está dizendo é da própria sociedade... e continua assim. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER)*

Kebechet – Mas na verdade a minha mãe enfrentava meu pai, minha mãe tinha mais força que meu pai nessa relação de, dentro de casa. Só que assim, não era... era o conflito que aquilo ia gerar, porque enfrentar ela ia enfrentar, fui eu que deixei, acabou. Só que ia gerar um conflito né. Então às vezes para você evitar o conflito você ó, todo lugar tem regra, independente se é homem ou mulher. A regra é essa, você pode ir, mas você sabe que você tem horário. Tal hora. Então regra tem que existir em qualquer lugar, dentro da escola, na sua casa, na rua, se não, não vamos viver em sociedade. Só que assim o negócio era o conflito. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Mafdet – Por exemplo, se o seu filho chega para você e fala que ele é gay. Você aceita, seu marido aceitaria? O homem não aceita, a sociedade continua machista. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS/SEXUALIDADES E GÊNEROS/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Mafdet – É, então, mas eu estou falando no geral, na sociedade mesmo. Geralmente as mães aceitam, as mães sempre estão ali de braços abertos. Agora o homem nunca, magina. *(PATERNIDADE)*

Bastet – Mas às vezes é um medo social, não é nem que não aceita. É o medo de falar para um amigo... *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Amonet – É cultura, é o padrão social. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Kebechet – Eu contei para vocês do meu aluno? Porque eu tenho um aluno do quinto ano que ele é... já cheguei a comentar na semana que você veio. O pai dele foi na reunião, mas você viu que o pai dele chegou meio assim né. Porque ele é mesmo, ele se mostra, não tem esse negócio. Ele é daquele até ‘Ai psora’, de virar mesmo. E quando o pai chegou talvez ele estivesse esperando de mim o que... Ó, seu filho não sei o que. E não, eu falei você está de parabéns, o seu filho é inteligentíssimo, cumpre todas as obrigações dele, independente da opção dele sexual. Na escola ele cumpre o papel... *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Kebechet – Falei... não, não falei pro pai, to falando aqui né. Mas assim eu falei que ele cumpre todas as obrigações dele, então, o senhor tá de parabéns. E ele já mudou, porque não sei o que ele esperava, ele nunca tinha ido na reunião. Foi o mês passado né? Primeira vez que ele foi. E ele recebeu essa notícia, então você viu que ele chegou assim né e aí depois já, quer dizer, já teve um orgulho do filho, independente do que o filho era. Mas é o preconceito né. Machismo, isso é o machismo. Machismo puro. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Ísis – Você falou da pessoa né. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Falei da pessoa... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ísis – Do ser, de como ele é... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Não da opção sexual dele. E aí ele já mudou, porque é isso que a gente tem que avaliar né, é isso. Agora se meu filho chegasse falando sou gay, é, você é gay, tá. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ísis – É, mas é difícil. Porque a gente pensa assim, não é essa questão. Mas o quanto de preconceito, o quanto ele vai ter que lutar para viver... (*MATERNIDADE*)

Ísis – Para viver o dia a dia, o quanto ele vai sofrer para viver o dia a dia, porque infelizmente a gente não tem uma sociedade dialógica nesse sentido. Então eu acho que o sofrimento vem assim ‘Nossa, como que ele vai sofrer, o que ele vai enfrentar, vai ter que matar um leão por dia, dois, três, para conseguir... Ele vai ter força para isso?’. Acho que passa na cabeça da mãe isso, acho que quando você falou... a mãe acho que se preocupa com essa questão dele, da pessoa dela, o que ele vai sofrer, o que ele... né. E tenta fortalecer isso né. (*MATERNIDADE*)

Kebechet – E tudo isso que nós estamos discutindo aqui tá querendo ser quebrado né. Eles estão querendo quebrar isso, eles querem continuar com esse teor do machismo, da escola sem partido né. Tudo assim... tudo assim, controlar a sociedade a partir do medo né. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Ísis – Gente, não é à toa que o Bolsonaro cresceu na sociedade, não é à toa. Não é à toa... então assim, tem uma... assim, e ele se ligou que tem uma parcela grande que infelizmente apoia essas ideias. E assim, eu fico muito preocupada, e se... (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Kebechet – Nossa eu tô muito preocupada também. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Ísis – ... ele vem como presidente porque diante de tanta situação que a gente tá vivendo, vem alguém com uma proposta muito de... tradicional e as pessoas acabam abraçando porque acham que isso de uma forma ou de outra vai resolver. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER*)

Ísis – E aí eu acho que o Bolsonaro ele chegou num momento que criou muita força, eu acho que tem muita gente que apoia. E as pessoas hoje elas não têm tanta vergonha de se posicionar porque encontraram forças em pessoas como ele, então acho que isso ficou mais explícito assim, falar sobre isso. Quem tinha vergonha de falar, a gente tem aí Trump, Bolsonaro, a gente tem uma onda dentro da política que traz um pensar social que antes tava lá amoitado, a partir do momento que tem uma faísca pega fogo. Eu, assim... (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM/PAPEL SOCIAL DA MULHER*)

Ísis – E é assim gente, educação é a primeira coisa que o Bolsonaro... Que aconteceu várias situações na escola, no A. L., que teve uma situação dessa, deles fazerem uma roda de conversa e aí o pessoal invadiu lá e falou não, não pode falar disso aqui. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Kebechet – Então, mas aí é que tá, onde entra a base legal em tudo isso? Porque se a constituição determina uma coisa e eles tão querendo pregar outra dentro do ambiente escolar... (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Ísis –Então, mas a base legal é feita por homens e poder... (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Kebechet – Eu fico vendo que ponto, porque... é que eu já falei para vocês que eu travei ainda hoje em dia eu to tentando fazer o que a sociedade faz, fazer vista grossa que é para num... porque estava me causando alguns problemas. Dentro da escola eles estavam sendo separados por gêneros né? Inclusive o G. veio me falar... Professora, eu não posso ficar com as minhas amigas! Eu falei, como assim? Ele falou assim... Professora, passa e olha quando a gente tá dentro do refeitório. Aí eu falei assim né, se ele reclamou eu vou lá ver né. E realmente eles estavam. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Ísis – Eles quem? (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Kebechet – Os alunos, separados por gênero. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Ana Luiza – Aqui na escola?

Kebechet – Não, lá na outra escola, do estado. Masculino... Os homens, masculino... (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Bastet – Mas quem que separou? (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Kebechet – A diretora determinou, porque tudo acontece com... a partir de uma ação de quem? Da direção, não é? (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Kebechet – Não, mas eles são vigiados. Isso me causou problema, porque isso aí é uma denúncia gravíssima se fizerem, não é? Se for pensar é uma denúncia grave. Mas aí diante da escola sem partido, você pensa mais o que? Pra eles estão certos, não é? Estão fazendo aquela escola tradicional, tinha sala de meninos, sala de meninas, um lado meninos, um lado meninas, então... é, não sei... não sei o que vai virar isso. Porque se já está acontecendo, já está sem medo de que haja uma denúncia. E eu ainda perguntei, mas por que isso está acontecendo? Ah, porque eles estavam indo e se encontrando ali atrás da escola. Mas por que vocês não estavam lá para vigiar? Que nem eu falei, aqui as crianças ficam lá fora, não ficam as meninas olhando? Por que vocês não fazem, em vez de ficar

3, 4 aí dentro? Olhando eles sentados, separados por gênero? Então isso me machuca mesmo, ver essas coisas, eu sou muito crítica nessa parte. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Nun – Mas isso não pode acontecer dentro de uma escola, na minha opinião. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Isso é grave gente, gravíssimo isso... É gravíssimo. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ana Luiza – Mas nesse sentido, o papel da escola é vigiar...

Kebechet – É vigiar né? No meu ver é vigiar. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ana Luiza - ... ou tematizar isso?

Kebechet – É, então, foi o que eu sugeri... eu sugestionei isso, um trabalho. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – ... maior né, não cabe a um professor né? Tem que ser uma filosofia da escola, de aula. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Mas precisa de uma pessoa questionar. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – Mas, que nem, se realmente parte da direção é meio difícil para o professor bater de frente. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – É difícil mesmo. E você sabe como é o estado né? (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Ai gente, eu não vivo nisso, eu não tenho essa noção de hierarquia, de... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – O estado ele, a parte da diretoria, eles são muito ditadores. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Nun – Manda quem pode, obedece quem tem juízo. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – É assim, a escola não tá fazendo o que eu quero, então pronto, a escola não recebe papel higiênico, vocês não recebem folha, vocês não recebem... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Ainda bem que eu nunca trabalhei no estado. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Só que é assim, os alunos hoje já não são o de antigamente né. E eles já estão se articulando. Você vê que já tem uma articulação entre eles... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – É, mas eu também estou orientando. Tá tendo uma articulação entre eles em relação a isso, eles estão fazendo, estão programando uma carta e eles não vão entregar na mão, porque na direção eles já foram falar. Eu falei para eles irem, sentarem, conversarem, né, tudo. Mas eles estão esperando o supervisor chegar. Aí chegou no supervisor o negócio muda. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – Se o supervisor for bom, se for um supervisor (inaudível) assina embaixo. A V... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – É, então... só que muda de figura, porque já sabem que está tendo uma articulação. Não sobrevive não, você fica doído. Então assim, é muito triste você ver isso acontecendo na sociedade. É o que eu falei, tá tudo indo contra aquilo que você tá pregando aqui né. Então você idealiza uma sociedade sem preconceitos, que as pessoas tenham tolerância, que as pessoas têm que ter tolerância um com outro e de repente você vê uma coisa dessas você percebe que é tudo balela né? (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Nun – Por isso que a gente tem que educar, tem que ensinar eles a serem críticos e reflexivos, que é para eles poderem fazer a parte deles, se defender, saber articular e saber... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Saber articular, eles têm que ter uma articulação porque... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Nun – A educação é isso, é você formar um sujeito crítico e reflexivo. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Uma parte eles já conseguiram, porque antes eles ficavam o tempo todo, eles já conseguiram, depois de tanta briga, eles falam da senhora dar a cara a tapa né professora. É, eu dou mesmo. Aí eles já estão conseguindo ficar num outro espaço. Então lá no outro espaço eles podem... mas quando eles entram de novo para, porque eles têm 10 minutos para comer e 10 minutos para brincar, são os 20 minutos. Esses 10 minutos eles se acabam né. Quando eles entram pro refeitório aí você já vê que... aí ele quer morrer né, quer morrer né. Então... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Então, ó lá... Escola sem partido gente, é um monte de gente mascarada esperando tipo um slogan pra levantar a bandeira e sacudir, infelizmente é isso. Acho que a gente vive hoje uma situação bastante complicada. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Complicadíssima. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Porque surge essa defesa aí e algumas pessoas sentem-se representadas né. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – E aí que tá o perigo, eu tô preocupada com isso... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Bastet – Mas isso... é o que a Ísis tava falando, eu também não consigo me ver num espaço desse. Se todo mundo se rebelar acabou, não dá nada. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – É o que eu tava falando para elas, lá no estado é assim... É todo mundo designado, contratado designado, a maioria. Então quem tem mais autonomia e bate de frente e tal é titular. E na minha escola tinha uma diretora titular e ela meio que fazia as regras dela. Agora, ela saiu e veio uma designada. Ela está seguindo o que mandam. Porque assim, a minha coordenadora ia paralisar um dia com a gente. A diretora virou para ela e falou olha, se você paralisar eu cesso seu contrato. É assim. E se ela não fizer isso, ela é cessada também. E isso vai chegar aqui. Se continuar caminhando, que não vai ter concurso e vai contratar e tá tá tá, vai chegar aqui. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Sechat – Chamando concursado com contrato né. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – É o caminho é esse. Então assim, é reverter tudo aquilo que houve uma luta durante todo tempo você tá vendo, assim, uma volta, devagarzinho... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Um retrocesso. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet - ...devagarzinho, mas tá vendo esse retrocesso. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Gente, mas professor tem poder na mão né, a gente tem poder na mão né. Do professor. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Qual? (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Kebechet, você não orientou os seus alunos a irem lá questionar? (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Orientei. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Então isso é um poder, assim, a partir do momento que você consegue fazer com que eles reflitam sobre essa situação, se posicionem e enxerguem que eles podem, assim, tá na mão deles, não tá na mão do outro, né. Eu acho que isso é legal. Não é simples de construir isso com a turma, mas é importante. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Nun – É, nós professores nós somos formadores de opinião né. Então se a gente souber orientar. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – E principalmente quando se tem, assim, não to falando no caso, é quando você coloca religiosidade dentro do ambiente de trabalho né, porque você, o que você pensa tem que estar aqui dentro né e quando você foge da sociedade e tenta colocar a sua religião dentro do espaço, você quebra tudo quanto é regra né. Tá quebrando tudo né. E eu sinto isso, entendeu? Tá trazendo a igreja, a igreja está sendo levada para dentro da escola. Então, assim... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/RELIGIÃO E IGREJA)

Ana Luiza – Qual igreja?

Kebechet – A igreja que eles acreditam. Então assim, isso é o correto, então para mim é o correto, então para a escola também será. Para minha vida isso é o correto, então para a escola também será. Então assim... e muitas são assim, a grande maioria assim. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/RELIGIÃO E IGREJA)

Kebechet – É, então, difícil de acreditar hoje em dia. Como se você tivesse... ó, vocês estavam tentando namorar naquele cantinho, vocês vão ser punidos. Não é a escola? Vocês vão ser punidos, como se isso não fosse uma coisa natural. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Kebechet – É, exatamente. Não, orientação mesmo, orientação... O que seria uma orientação sexual até, porque se já estão aflorados, você dá um direcionamento né? Porque é daí que saem as meninas de 12 anos grávidas. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Anúquis – Conversa, é isso que falta. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – É entendeu, porque é desse espaço. Aqui eu não... aqui eu tenho que ser diferente, então lá fora eu posso ser o que quiser. Não assim com aquela concepção, eu tô aprendendo na escola o que eu não posso fazer lá fora, na sociedade né. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Bastet – No ano passado quando a aluna da V., que eu tava na sala dela, trouxe uma camisinha pra mostrar para outra e eu abri na sala para mostrar para eles e eles quase caíram para trás, uma menina perguntou para mim: você não acha que a gente é muito nova para você estar mostrando isso? *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Bastet – Terceiro ano. Aí eu falei para ela: você não acha que você é muito nova para ter trazido isso? A partir do momento que você trouxe eu vou te mostrar, né? Melhor você aprender como as coisas funcionam, eu te mostrar o que é, do que ficar um passando pro outro e rindo. Eu falei o que que é? Não nada, nada. Aí eu abri e falei é isso aqui ó. Aí que nojo, não sei o que, elas começaram, né. É isso aqui, é para você se prevenir, falando, aí ela falou para mim, você não acha que a gente é muito nova para você estar falando isso? Eu acho, mas eu acho que vocês são muito novos para estar trazendo, se estão trazendo tem que saber o que é. Mas disso já começou um monte de gente fazer um monte de pergunta, já foi por vários outros caminhos... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Kebechet – E aí é difícil para gente explicar tudo isso né. Mas você não pode se negar a dizer o que é né. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Bastet – Mas você não pode fingir que não tá acontecendo, guarda isso menina e vai perguntar para a sua mãe, ela não vai perguntar para a mãe dela. Se ela trouxe para a escola é porque ela não vai ter na casa dela, né? Difícilmente alguém na casa dela vai falar sobre isso. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Sechat – E nenhuma mãe reclamou? *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Bastet – Não. Nenhuma mãe reclamou. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Kebechet – Eu acho que elas nem falaram, e o medo de falar. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Bastet – A criança que trouxe a gente chamou a mãe e falou: você sabia que ela trouxe? Ah, ela pegou, a mãe ficou desesperada. Mas não reclamou. E essa menina, que falou para mim se eu não achava que elas eram muito novas, ela começou a tirar um monte de dúvidas. *(FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Anúquis – Na minha escola, no 5º ano a gente tem a parte de orientação sexual né... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Anúquis – Tá no currículo. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ísis – Mas é dentro de uma disciplina. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Dentro de ciências humanas e da natureza. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Anúquis – Era um hábito, que se mandava uma autorização pro pai dizer se pode ou não participar. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Ísis – Da aula? *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Anúquis – É, daí eu, né, também, que sou briguenta nesse ponto, não vou mandar, porque está dentro do currículo e se alguém achar ruim vai discutir com quem fez o currículo, com quem aprovou o currículo. Mas até então se tinha esse hábito... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ísis – Mas o aluno que não... *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Anúquis – Ele ficava de fora, ia para outra sala. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ana Luiza – Para depois ouvir tudo o que os amigos iam falar.

Bastet – É, deturpadamente às vezes. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Ísis – Mas sabia de qualquer jeito. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – É, você não pode falar assim né, isso aqui é chamado de pênis, pênis. É que tá no livro, tá no livro gente. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Bastet – Mas você vai usar o nome certo, eu acho que a orientação é essa. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Não, mas está no livro. Mas qual é, o que que tem falar que é a vagina, é o pênis, pega lá o bonequinho que tem lá, é por aqui que... explicar. Mas tem pais que não querem, não querem que explique isso. Por que eu não sei, porque até agora eu não entendo. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA)*

Nun – Vai ver que eles acham que isso incentiva. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Porque é o corpo humano. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Amonet – É, eu acho que é uma relação entre saber e querer fazer. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Nun – É, então, nesse sentido. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Porque é o corpo né, tá falando do seu corpo. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Anúquis – Mas aí qual é o papel da escola? Isso já tá no currículo, você vai ministrar uma aula para os seus alunos e você tem que tirar aquele? Então não tem sentido, não tem que brigar com a escola, tem que brigar com a sociedade que criou isso. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – E tem professor que não dá, pra evitar esses danos, o que que faz? Chega nessa parte do livro e faz o que? Vai lá pra... pula. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Amonet – E eles esperam tanto. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Não é? *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Anúquis – No quinto ano é quando você ganha a turma, quando você entra nesse assunto. Você bate de frente com eles até a hora que você começa a falar dessas coisas e pronto, você ganhou a sala. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Kebechet – Os hormônios né. Quando você fala do cheirinho do sovaco, dos pelinhos, ali eles ficam tudo assim... eles não se conhecem né? Eles fazem assim para ver se tá fedendo. Eles começam a se conhecer. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Bastet – As minhas do 4º ano vieram me perguntar quando que eu tinha menstruado né. Aí uma virou assim pra mim: mas você já menstruou aqui? (risos do grupo) *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Bastet – Aí eu falei para ela não, quando eu to menstruada eu falo assim, agora chega que eu vou dar aula. Não existe isso (risos). Mas elas têm umas questões assim, mas você já menstruou aqui com a gente? *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Nun – Mas não é legal um tipo de conversa assim até com a família, com a mãe, com a irmã, com a tia, sei lá. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Ísis – Com o pai... *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Nun – Com o pai, com o irmão. Não ia perguntar para a professora, porque já era normal, já seria normal para a menina. E isso não acontece, esse tipo de conversa não acontece. Nem com menino nem com menina, não acontece. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Bastet – Eu peguei o absorvente, elas nunca tinham visto, porque de manhã eu tenho 7 alunas só. Aí eu peguei o absorvente, abri, deixei... nossa, a felicidade delas mexendo no absorvente, gente, muito engraçado. Elas não têm isso em casa e estão no 4º ano já já vai acontecer. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)*

Nun – Demorou né, para essas mães conversarem sobre isso. Ou os pais, porque eu tive orientação do meu pai. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Bastet – Eu também. Aliás, vocês estavam falando da mãe falar a hora que vai chegar, meu pai sempre abriu o portão para mim as seis e meia, sete horas da manhã quando eu chegava da balada, sempre. Perguntava se tava tudo bem, me via guardar o carro, que ele me deu, direto. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Kebechet – Então, é que meu pai era mais medo né. Meu pai tinha uma cabeça... era mais por medo de fazerem mal. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Nun – Meu pai era mais medo da rua... eu sei onde ela tá, com quem ela tá, meu medo era a rua. Meu medo é ela sair lá da onde ela tá, lá em Santana. *(A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Nun – Mas chegar em casa, eu moro na frente de uma viela, um lugar perigoso, aí ficava lá na janela esperando, ele ficava lá na janela esperando, com todas as luzes da casa acesa. Mas medo da rua, mas não que ela fosse fazer alguma coisa errada ou andasse com alguém errado. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Bastet – Meu pai colocava compressa quando eu menstruava, porque eu sempre tive muita dor. Ele fazia chá, ficava segurando minha mão, eu reclamando. Acho que to precisando do meu pai (risos). (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Ísis – A Mafdet falou uma coisa agora e me chamou a atenção, porque a gente também não pensa, por exemplo, bom, vai entrar nesse assunto, no conteúdo, mas tipo, na reunião de pais daquele bimestre a gente falar, olha... (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Ísis – A gente também não pensa assim nisso, de estar antecipando e falando sobre isso com os pais. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Sechat – Preparando os pais né. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Amonet – Porque você imagina... você recebe um bilhete desses. Dependendo da escrita do bilhete, da interpretação de cada um, o que que ele vai pensar? Ah, vai ensinar como faz sexo. E a orientação sexual não tem nada a ver com isso. É a puberdade, pelos, os seus órgãos genitais, não tem nada a ver com isso. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Amonet - E a gente lida com uma clientela bem, assim, mal esclarecida em relação à muitas coisas. Aí você imagina uma diretora louca dessa, manda um bilhete sem nem explicar. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Kebechet – Seria ótimo eles saberem de tudo. E por que não saber, assim ó, quando começar... tem a parte do hormônio. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Nun – Então, como faz parte do currículo, na primeira reunião já explicar que vai ter isso aí, explicar o que é também. (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Sótis – Eu falei de repente eles vão chegar em casa achando que a gente está num assunto meio tortuoso, mas nesse bimestre a gente vai entrar na reprodução humana. E na reprodução humana vai falar de sexo, vai falar de vagina... (*FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Ana Luiza – E antes desse passo grande que é entrar no livro e eles ficam super empolgados, porque apareceu em várias falas tanto hoje quanto da última vez, a questão da idade, ah, acho que esse assunto não é para tratar com crianças dessa idade, eu acho que quando eles forem mais velhos a gente conversa. O que seria uma idade própria para falar de gênero, de sexualidade, para problematizar, existe essa idade?

Bastet – Eu acho que a partir de quando eles trazem. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Sechat – Quando surge. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Bastet – Você não vai antecipar, mas você não pode fechar o olho também... Um dia você vai aprender isso, eu acho um absurdo isso. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Kebechet – E hoje em dia eles tem acesso né? Eles vão e pesquisam e acabou. Vê até o sexo através da internet lá, coisa que a gente.... (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Bastet – Eles sabem mais que a gente! (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Kebechet – Sabem, sabem tudo. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Bastet – Aqui, então, que tem o dia do funk, o trenzinho, não sei o que, elas sabem tudo. As meninas do 4º ano falam, ah eu vou, hoje é sei lá que dia, eu vou por o meu nike, o meu shorts curto e vou pro funk. Elas sabem. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Kebechet – Empinar a bundinha, dar uma reboadinha. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Sótis – Às vezes até as letras ensinam. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Bastet – Incitam. Mas aí esse é o perigo de não conhecer o corpo e não saber que isso vai ter uma consequência. A gente precisa falar. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)

Nun – Aí engravida com 12 anos gente. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/MATERNIDADE*)

Kebechet – Hoje o P. veio pra mim assim, o prô a L. mostrou a bunda para mim. Eu falei como assim! A L. mostrou a bunda professora. Aí a L. já fez assim. Lá no cantinho. Eu falei, o que você fez? Nada professora, só

virei de costas. Mas ela é aquela que gosta de dançar né, então no mínimo ela deve ter... (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Amonet – Vejo um quadradinho de 8. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Kebechet – O professora, professora, a L. mostrou a bunda! Mas ele falou assim indignado. A Luana mostrou a bunda pra mim. Eu imaginei já ela tirando a calça, a imaginação da gente... (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Bastet – E eles fazem mesmo, eles estão se conhecendo. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Kebechet – Aí eu falei assim, como assim? Aí ela assim, já lá da mesa dela, que que foi, professora, eu só virei de costas para ele. Ele não foi isso não. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Sechat – Agora essa questão de gênero desde pequeno né, porque... aqui a gente não tem fila, mas.... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Sechat – Fila com as crianças, é. Ela... Desculpa, me perdi. Aí a fila é dividida em gênero. Nós tivemos um curso na DRE alguns anos atrás tentando quebrar esse tabu, do gênero. Assim, não fazer fila e tal. E aí a fala, nossa, a fila organiza, professor tem uma necessidade né? Aliás o brasileiro tem né. Você chega em qualquer lugar e já procura uma fila, pra você se organizar naquele lugar, saber como anda. Mas a organização entre meninos e meninas é uma coisa que vem conosco e a gente não percebe. Poderia ser uma fila única, mas é muito difícil você ver uma escola com fila única ou sem fila. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Kebechet – Mas é deles mesmo também. Você fala vai para fila e eles mesmo já... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – Esse padrão vem desde pequenininho, você manda eles saírem da sala e eles já formam fila. Você fala vamos descer e eles já vão para a fila. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ana Luiza – Isso que eu ia perguntar, quando que nasce esse padrão? Porque a vivência em sociedade da criança, uma das primeiras experiências é na escola. Então....

Sechat – Nasce na EMEI. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Antes da EMEI. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Anúquis – No CEI. Tem professora no CEI que exige fila. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ana Luiza – Então se pensar que no CEI são crianças de 0 a 3 anos...

Sótis – Começou a andar já vai para fila (risos). (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ana Luiza – O quão cedo que é para falar sobre gênero?

Kebechet – Eles já sabem. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ana Luiza – Já está sendo falado, o tempo inteiro. Eu fiquei um pouquinho em cada sala e em todas as salas eu observei a diferença nos materiais das crianças. Todas as meninas tinham material ou rosa ou roxo ou de princesinha. Todos os meninos tinham material escuro, preto, verde escuro, azul, de super-herói... Então, assim, isso foi do 1º ano ao 4º que eu observei aqui. Eu tive a mesma vivência em outra escola que eu trabalhei que era educação infantil, já tinha essa diferenciação. Então isso já está... A partir do momento que você nasce na sociedade isso já está posto. E aí traz essa discussão para o que a escola faz com isso que está posto?

Sechat – Reforça (risos). (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Ísis – Infelizmente a gente reforça. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Sechat – E pequenas coisas né. Na fila, em algumas falas... a gente vê, isso não é um caderno de menina. Já é um estereótipo, porque a menina é caprichosa, a letra da menina é bonita, ela usa caneta colorida. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Sótis – Mas você sabe que de manhã eu tenho o 1º ano na outra escola. E a minha sala tem muito mais meninas do que meninos. Então no começo do ano ficava assim, a fila de meninos uma minhoquinha e a de meninas um minhocão. E eu comecei a fazer a fila assim, um menino uma menina, um menino uma menina, e quando acaba os meninos terminava... e eles me questionavam. Mas não era assim lá na nossa outra escola. Por que é assim agora? Aí meus alunos mudaram, não sei o que, lá na escola a gente faz fila, para todo lugar que a gente vai com as crianças elas têm que andar em fila. E até que eles acostumassem com essa situação de que era uma fila misturada e era uma fila única, foi difícil e assim todo dia eles perguntavam se hoje era de menino e menina. Não, hoje é um menino e uma menina. Então hoje nós vamos começar com a menina e depois vem um menino. Agora

já virou uma rotina, mas até que virasse essa rotina eles questionavam por que, por que tem que ser assim se lá era diferente. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Bastet – O meu marido é muito fechado né. Ele teve um amigão a vida inteira e quando o pai dele faleceu o amigo não foi no velório, no enterro e ele ficou muito magoado. E aí parou meio... eles voltaram a se falar há pouco tempo. E aí eles se encontraram no churrasco, foi uma choradeira, uma beijação, um abraço, um não sei o que. O meu filho ficou muito impressionado. Ele contou para todo mundo! Olha, quando meu pai encontrou o M. pareciam dois namoradinhos (risos do grupo), eles se abraçaram, eles se beijaram, eles... falou, mas todo mundo que ele encontrava ele falava ou se ele via alguém se abraçando ele falava olha lá, parece meu pai e o M. né mãe? E esses dias eu tava assistindo série e tinham duas mulheres abraçadas chorando e ele para mãe, dá um pause, dá um pause. Aí eu pausei e ele pai, vem ver você e o M. como ficaram! O meu filho ficou muito impressionado porque ele não está acostumado a ver né, isso mesmo. Mas foi muito engraçado, assim, ele... uma coisa que mexeu muito com ele. Todo mundo que ele encontrava ele tinha que falar dessa cena. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Bastet – Ele é super machista. Mas, eu até falei uma hora, porque a gente estava na portaria e o porteiro não sei o que ele tá pensando, de mim né, essa mulher tonta com esses dois se agarrando, porque uma hora um sentou cansado assim e o outro abraçando e eu falei gente, que situação. E o meu filho ficou impressionadíssimo com isso. E qualquer coisa que você falar de chorar ele vai contar essa história para você, meu pai e o M/ e não sei o que. *(PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Ísis – Tem uma outra questão aqui, que a gente teve... eu tava dando aula de educação física e a Rede organiza alguns campeonatos e o único que a gente leva aqui é o de atletismo, porque a gente pode levar quem quiser ir, não tem que fazer aquela, sabe? Então dá pra levar 50 alunos, ao passo que se você for inscrever no futebol você não leva 50 alunos. Então a gente opta por levar só em atletismo porque aí dá para levar bastante gente, geralmente quem quer vai. E aí a gente faz uma seletiva, ah você vai fazer o que? Salto em altura, salto em distância, corrida, então a gente faz uma seletiva. E aí tinha uma turma, tem um aluno gay, e na hora é masculino e feminino, esporte é assim. E daí ele veio questionar, eu organizando a seletiva, ah, você tem interesse em participar do que? Isso, isso, isso. Então para ir maior número de pessoas, um aluno só pode participar de uma prova coletiva e duas individuais. Então a gente distribui para ter mais possibilidade. E ele veio questionar: pro, se na aula não tem essa divisão, quando a gente aprende as coisas, porque agora na seletiva tem que ter? Então daí veio uma relação com o esporte né, então a gente discutiu o esporte, falou um pouquinho sobre o esporte. Era 6º ano, no começo, então a gente não começa o ano entrando no esporte, discutindo essa frente. E aí teve que discutir, porque no esporte é masculino e feminino. Mas isso não significa que você tá... atletismo, aí sua prova qual que é, salto em altura masculino pré-mirim. Não significa que você deixa... tem muito no esporte, tem muitos casos de homossexuais no esporte, mas tem essa questão de masculino e feminino. Então na cabeça dele ele questionou, porque não entendia. Não, eu não quero me enquadrar no masculino. Não, mas não dá, no esporte não dá. Então também essa relação é... quando ele se vê numa situação que ele tem possibilidade de... *(ESPORTES E GÊNERO)*

Bastet – Eu não sei se é errado, mas, que nem, meu aluno ano passado com 3 anos, o J., que ele falava eu sou uma menina, ele queria ser uma menina, uma coisa que eu conversei com a direção, mas é uma coisa que... não tem uma receita, ninguém dá uma receita para trabalhar. Porque tem muito isso, agora só os meninos correm, depois só as meninas, não sei o que. Ele só ia quando chamava as meninas. Então assim, no currículo da educação infantil tem gênero. Então eu falava, eu preciso trabalhar que ele é um menino. Ele pode usar roupa da Elsa, ele pode não sei o que, ele pode não sei o que lá, mas o gênero dele é masculino, igual esse menino. Você pode gostar do que você quiser, mas nasceu com gênero masculino, não tem jeito. Tem jeito, mais pra frente (risos). Mas to dizendo, você vai se inscrever no masculino, isso não vai mexer com quem você é, com o que você gosta. E foi uma coisa que a gente ficou muito cheio de dedos, até porque era uma criança de 3 anos e aí, assim, todo mundo ou me olhava muito feio porque eu falava isso, não J., você é menino, você vai correr quando correm os meninos. Tinha gente que me olhava muito feio quando era dia da fantasia e ele tava de princesa, porque ele queria usar a de princesa. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/VALORES PESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE)*

Ísis – Isso, isso. Porque isso tem que ser falado em sala de aula né, a gente precisa discutir sobre essas questões. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Bastet – Porque tem coisas que socialmente no esporte tem, você não pode se inscrever no feminino. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/ESPORTES E GÊNERO)*

Bastet – Na escola que eu trabalhava qual que foi a orientação? Para de chamar por gênero. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/ESPORTES E GÊNERO)*

Mafdet – Tem vários esportes que ainda não conseguiram se mover nesse sentido, né? Alguns esportes a gente já consegue (inaudível). *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ísis – Mas tem muitas atletas que precisam fazer exame para provar que é mulher, é mulher sim. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Kebechet – Tem útero. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ísis – Isso, fez exame... a judoca... *(ESPORTES E GÊNERO)*

Kebechet – Aquela que nada, como ela chama, aquela judoca... *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ísis – Teve que fazer exame para provar que... *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ana Luiza – E aí o que você faz com a mulher trans, que não quis fazer a ressignificação genital? Então ela tem pênis, mas ela é mulher. Onde que ela joga? Ela joga?

Sechat – Ela não joga. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ísis – Ela é excluída do esporte. Ela se exclui. É o caso da amiga do F. que veio aqui. Tipo, no karatê tava não sei em que... era banca, tudo. Parou, não frequentou mais, porque o esporte exclui. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Bastet – Ela tinha que se enquadrar a uma coisa que não cabia. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ísis – Ainda mais karatê. Futebol a gente sabe de casos de jogadores, jogadoras, judô, mas não são todos. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Kebechet – É, você vê o São Paulo né, todo mundo faz a piadinha. Todo jogador do São Paulo é... e por que pegou isso? Por causa do Richarlisson. Mas ficou mais ali depois que ele se mostrou, que ele falou eu jogo bola, eu sou gay, mas eu jogo bola. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Mafdet – O Richarlisson foi para outro time e lá no outro time onde ele tá não existe isso. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Kebechet – Eu digo para você que essa fama foi por conta do que, do caso dele. Porque ele falou não, eu sou gay, mas eu jogo bola. *(ESPORTES E GÊNERO)*

Ísis – Mas ia ser legal falar um pouquinho sobre isso Ana. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Sechat – É um assunto que não acaba né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Apêndice VI - Excertos do terceiro encontro na JEIF

- Amina - Abuso. Hoje saiu a estatística de que por dia 186 mulheres são estupradas. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)
- Oyá - E casadas! Mulheres casadas! (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)
- Olokun - Porque você fica falando que tá com dor de cabeça, aí dá o que?! (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)
- Oyá - Não, mas tem homem que não aceita a mulher não desejar, não querer. Se ele quer, o que importa se ela quer ou não? (*GÊNERO E VIOLÊNCIA/PAPEL SOCIAL DA MULHER*)
- Amina - 186 mulheres são estupradas diariamente no Brasil. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)
- Olokun - Hoje em dia o negócio é o *poliamor*. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Iemanjá - Ó, vão te resgatar ali na igreja (aponta para a igreja evangélica que tem em frente a escola). (*RELIGIÃO E IGREJA*)
- Obá - É que eu pensei... estou igual ela, fazendo uma frase né? Eu acho que a sexualidade tem muita intervenção da família, positiva ou negativamente. (*A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)
- Nanã - Sexualidade, hoje em dia ela tá precoce! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Oyá - Tá mesmo né? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Olokun - Tá mesmo. A menina hoje dia... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Amina - Acho que sempre esteve. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Oyá - Mas é natural também né? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Olokun - Natural é... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Amina - A Curiosidade. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Nanã - Eu acho que as crianças hoje em dia, ela estão meio que... A sexualidade dela está mais aflorada né? Antes com seis anos não se falava em sexo! Sete anos. Hoje já estão, são estimulados né? Pela mídia e por todos os outros meios de comunicação a sexualidade deles. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Olokun - Estímulo né? Acho que você pode colocar aí estímulo! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Nanã - É. Depois do beijo da boca das minhas duas meninas... não tá aflorada? Não tá aflorada a sexualidade hoje em dia? (risos) (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)
- Nanã - Duas meninhas resolveram brincar de beijar na boca (risos). Seis anos! Seis, sete anos!! (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)
- Iemanjá - É, foi na hora do intervalo, elas foram juntas pro banheiro. Eram três meninas, e elas estavam brincando dentro do banheiro. E aí, elas começaram a se beijar na boca. Sendo que uma beijava cinco alunos diferentes um menino e quatro meninas. E aí uma das meninas levou no intervalo pra eu conversar. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)
- Iemanjá - Aí eu perguntei né? (risos) “Ah tá, beijou mas... Tá bom? Mas beijou como? Tá brincando no banheiro? Primeiro, banheiro não é lugar de brincar. Beijou como?” “Ah, foi um assim... Não! Três assim e um assim” (risos). O João quer morrer comigo, porque aí eu fico, tá, mas e aí? Ela pediu? Isso conversando com as meninas. Aí, uma delas beijou na boca o menino. Que ele tava... Ela foi ao banheiro, o menino foi passar ela chamou ele pro banheiro, beijou ele, na boca...(CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)
- Oyá - Seis anos? Ah, sete anos. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)
- Iemanjá - Aí uma menina pediu pra ir ao banheiro. Aí ela saiu, essa outra, foi e falou que ela chegou no banheiro e quando abriu, a menina tava beijando a parede! Assim ó! Beijando gente! Ai tá, beijando a parede, aí elas deram um beijo. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)
- Olokun - Porque na parede né? (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)
- Iemanjá - Acho que tava treinando beijar de língua... Sei lá!? Ela falou, tava lá lambendo a parede, fazendo de conta que tava beijando a parede. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE*)
- Iemanjá - Aí, além disso, elas brincaram na hora do intervalo, tem esses bancos aqui de praça... Elas juntaram. E aí uma falou: Oh. vamos brincar de papai e mamãe! Tem que juntar os bancos porque a cama é junta! Aí você

deita, do lado. Ai outra falou: Não é do lado! É em cima! É pra deitar em cima! (risos) Aí eu saí conversando com elas, tudo... Aí uma dessas mães bateu né Nanã? Na menina, uma menina que fala muito bem, contou tudo gente, ela contou tudo. Aí eu fiz um combinado... (PAPEL SOCIAL DA MULHER/PAPEL SOCIAL DO HOMEM/FAMÍLIA E A ESCOLA)

Iemanjá - Aí eu fiz um combinado com elas assim... combinado não, a gente conversou, primeiro banheiro não é lugar de brincar, escola não é lugar de ficar beijando na boca, que até o meu marido se viesse aqui eu não ia ficar beijando ele, e beijar na boca não é coisa de criança de seis anos. Elas tão preocupados em brincar, isso é coisa de pessoas mais velhas. Aí eu... aí a menina mais quieta falou assim, eu falei: quantos anos vocês têm? Seis, sete... Aí eu falei, então sete anos, seis anos, isso é pra brincar, isso vai fazer parte da vida de vocês mas vai ser quando vocês crescerem um pouco mais. A outra falou assim: como nove já pode beijar na boca? (risos) Aí eu engoli, então meninas, me perguntando a idade que pode beijar na boca... Eu fiz esses combinados com elas: que banheiro não é lugar de brincar, que na escola não é lugar de beijar na boca, que elas vão crescer... vão namorar quando estiverem mais velhas e que na rua... enfim que ninguém pode beijar, nem professor aqui dentro também. Aí chega a mãe, e a mãe chega falando (imita a mãe falando aos berros) "MAGINA BEIJAR MENINA!!" E eu fiz o combinado e a I. (umas das meninas) é muito esperta! Né, Nanã? (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Iemanjá - Ela é muito! Eu não coloquei isso... Aí no outro dia, imagina, ela veio e eu falei pra mãe: "Que bom que sua filha conta, isso você tem que preservar, por que ela foi a única das meninas que contou tudo!" Os detalhes, como foi... Ela assumiu tudo que ela fez. Aí eu parabeneizei ela, eu falei olha legal, porque você contou, tudo! Aí comecei a conversa assim, por que mãe... porque ela já tinha apanhado. Falei com a mãe, que bom que sua filha conta, então assim, é importante que você valorize isso. Não bata nela porque se não ela não vai mais contar. Aí ela disse que a mãe contou pro pai porque ela não apanhou, mas que na minha regra, nos meus combinados não tinha uma coisa, que era beijo de menina em menino. A briga com a mãe foi a seguinte: ela beijou a menina! (FAMÍLIA E A ESCOLA)

Nanã - Então, aí passaram-se quinze dias e ela chegou pra mim e falou assim: "Nanã, a minha mãe me bateu", "Porque?", "Ah, porque eu fiz aquilo de novo". (FAMÍLIA E A ESCOLA/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Nanã - É, aí eu falei: "Mas o que é que você fez? Aqui na escola de novo?" ela falou assim: "Não, fiz com a minha vizinha" (todos fazem uma expressão de assustados/surpreendidos). Aí a mãe me bateu... (A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Oyá - Então é desde pequena já já. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Iemanjá - Aí... aí a mãe falou: (imita a mãe falando) "IMAGINA NÃO SEI O QUE, ONDE JÁ SE VIU BEIJAR MENINAAA? EU JÁ FALEI ISSO!". Então assim, não era essa a discussão: por que ela é uma criança ainda, não é fase da vida dela ficar beijando na boca! A discussão era que era uma menina. Aí eu falei pra mãe, "olha, mas a gente fez alguns combinados", repeti meus combinados com a mãe, "não é mãe olha, não pode brincar no banheiro, não pode beijar na escola, não sei o que...". Aí, ela é bem esperta a menina, pra mim ela tá anos luz na frente. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)

Nanã - Por isso que eu falei ela tem uma sexualidade aflorada, precoce! Bem precoce. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Oyá - Bem precoce! (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Nanã - E por mais que eu fale na sala de aula: criança não namora! Criança não... eu não gosto dessa conversa aqui... Mas, a conversa vem deles... e eu falo: eu não quero essa conversa aqui! Criança não namora! Vocês são muito pequenininhos ainda, vocês vão namorar com quinze, dezesseis anos... Eu não quero essa conversa aqui, eu não permito a conversa! Não gosto de conversa sobre isso! Não gosto mesmo! Porque eles são assim, se você dá trela eles vão soltando, aí entra todos! Todos eles já têm uma experiência, com seis/sete anos. (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Nanã - Não, não desse tipo. Tem alguma coisa pra contar... todos eles têm alguma coisa pra contar. Que já viu, viu na televisão, viu não sei aonde... Aí, se você faz uma roda de conversa todos eles participam! É uma beleza! (CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE)

Iemanjá - Os sistemas, não tá sendo muito tranquilo pra gente falar, porque, nas últimas duas semanas a gente lidou muito com casos de abuso sabe? De aluno... e isso é bem triste. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/GÊNERO E VIOLÊNCIA)

Iemanjá - É bem triste e assim, aqui no Fundamental I a gente tem muitos problemas nesse sentido. A gente fica de mão atadas até, semana passada tá conversando com a E. e com a T., que a gente precisa urgente fazer um projeto com o governo que fale sobre a questão do abuso. É muito grave, a gente tem muitos alunos nesse contexto e é muito triste.... sabe? Quando a gente vê a criança... uns ainda que acabou descobrindo o que foi e outra que veio contar assim... do nada sabe? Muito triste... A gente até tava vendo assim, se tem alguma ONG que faz esse trabalho, mas a gente precisa falar sobre isso com as crianças pequenas. Porque ultrapassou do meu limite de falar: “Nossa, não isso acontece”. Mas, é muito, então é.... muito triste, é um assunto que é muito difícil assim, desestrutura qualquer um, né? E aí cresce e age como? Sem suporte nenhum que essas crianças têm nessa situação. Não tem um suporte de... E mesmo assim, as que estão indo no conselho tutelar, vai uma semana e aí vai ainda na outra semana pra agendar uma consulta com a psicóloga, é tudo tão moroso que até pra criança fica meio banal. Ela vai se mantendo naquele ambiente, é difícil você retirar a criança. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Ayaó - Então ela tem que a todo dia ver aquele aquilo, aquele lugar, aquela pessoa, é difícil! *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Iemanjá - E não tem apoio assim, sabe? E aí são frases assim: “Ai! Agora eu tenho medo até do meu pai”. Então é muito grave isso! E assim, não tem um suporte público, tem o conselho tutelar, ele (a criança) vai lá conta história, faz exame, aí vem falar “o exame deu positivo”, pra uma criança falar isso é... *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Iemanjá - Do estupro. Faz exame tudo, vai no baby care e aí pra ela chegar com essa síntese tão... sabe? Parece que ela tá contando uma história, parece que ela não viveu aquilo! Isso é triste de mais! De mais! É muito difícil aqui nessa parte assim. Tem muitos casos assim, ou de violência ou de abuso, é bem ruim. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Iemanjá - É ruim, é... E as elas falam assim... as crianças falam. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Nzinga - Chega uma hora que a gente pode só trabalho de escuta mesmo! A gente se sente até impotente e incompetente pra tomar alguma decisão. Você não sabe qual vai ser a reação dessa criança... com ah vamos lá, a gente faz uma denúncia. Qual vai ser a reação dessa criança lá na hora que ela tiver que falar na frente de alguém? Será que ela vai falar? Às vezes é algo que já é tão do cotidiano dela, que ela acaba achando que ela tem que passar por aquilo e que vira uma coisa normal. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Olokun - E se culpa ainda né? Tem criança que se culpa por se colocar nessa situação. *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Ana Luiza - E aí acho que a gente entra numa discussão que a gente vai fazer um pouquinho mais pra frente, mas qual que é o papel da escola nisso? Porque se a gente pode fazer, a gente estando dentro da escola, o que a gente faz com tudo isso que aparece.

Iemanjá - Mas, assim Ana, até então eu pensava que eram casos pontuais, né? Mas quando você começa a entender um pouco as histórias ou eles contarem, assim é realmente de fato é um projeto assim que tem que ser feito assim com o ciclo todo, é muito grave. E banalizou essa questão do abuso, acho. Tá muito banalizado na sociedade hoje. Porque é, por exemplo, são casos na família, que a criança encontra uma pessoa e aí vai indo no conselho tutelar e aí vai e depois de quinze dias vai de novo e foi e faz o exame. *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Oyá - Negligência, né? *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Iemanjá - Eu acho que é muito... Não dá! Não dá! Tem que ser ali! Tem que agir! Vai e marca psicólogo, vai num dia ah, depois vai no outro não sabe quando, sabe? Fica a carga da criança suportar tudo aquilo que ela viveu. E eu acho q isso destrói uma sociedade, acaba destruindo uma pessoa, ela se torna agressiva, ela... enfim... *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Olokun - E o que a gente poderia fazer? *(REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Iemanjá - Ah, eu não sei, mas olha... Ana se você souber de alguma coisa.... (risos). Não, porque, é angustiante! A gente precisa fazer alguma coisa! Ai, rodou um vídeozinho pelo WhatsApp lá, eu assisti, aí a E. ia ver uma ONG, parece que tem um trabalho pra gente deixar sinalizada alguma coisa pro ano que vem, porque a gente vai ter que por a mão nessa ferida aí, não tem como tampar os olhos. As crianças precisam aprender a se defender, a saber o que é isso, o que acontece, quem faz. Tem que saber! *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Ayaó - Agora, isso tem que se estender também à família... E a criança ela vive dependente da família dela. Então, às vezes o padrasto que abusa, abusa constantemente e a mãe sabe. Então, é um trabalho com a criança, claro, mas vem uma pessoa, como é o caso que a gente tem, um adulto, um homem, pega essa criança e domina com facilidade, mesmo que ela saiba que ela não deve ceder, não deve deixar ninguém por a mão em você. E como que ela faz? *(GÊNERO E VIOLÊNCIA)*

Obá - Essa orientação de não deve ceder isso tudo a gente até faz, né? Mas quando vem de casa, é muito difícil pra gente por esse dedo né? (*GÊNERO E VIOLÊNCIA/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Iemanjá - Então Obá, isso eu acho que é pouco! Falar assim, não deixa ninguém tocar, tudo, eu acho que é pouco. Eu não sei como que a gente deve, mas não basta mais falar isso sabe? (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Iemanjá - E assim, tem mais duas crianças na escola que eu tô meio investigando. Pra mim, já tem uma situação ali que não dá. Tem algumas que ainda falam, as que não falam que também... Mas desculpa Ana! (*GÊNERO E VIOLÊNCIA/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - É que tá tão latente assim, que até em casa fico falando pro meu marido como que a gente deve conversar com as crianças pra falar sobre isso, porque é muito grave, assim. Muito grave. Em qualquer lugar pode... Rodou um, não sei se vocês viram, no face um vídeo do Zafari, a câmera de segurança gravou um senhor. Uma menina foi fazer compra com a mãe, a mãe foi no outro corredor e ela ficou brincando com, não sei o que era, algum produto. Aí, o homem passou no corredor, um senhor chamou ela e começou a passar a mão dentro da saia dela! (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Iemanjá - Ela foi, falou pra mãe. Aí pegaram as câmeras, conseguiam pegar. Mas, é isso, no supermercado. Então eu acho que essa discussão hoje extrapola, acho que banalizou, com todas as histórias que a gente tá vendo, eu acho que piorou a situação. Ao invés da gente discutir e melhorar, não sei. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Oyá - O único caminho é a denúncia, viu F.? De resto... (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Iemanjá - Tudo bem. Mas, não cuida da criança, a denúncia não cuida da criança. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Oyá - Mas é a única coisa que tira a criança dessa família é o ministério público. Não adianta conselho tutelar... (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Iemanjá - Mas não é... Os casos às vezes, é de primo, não é a família. A mãe foi denunciar no conselho tutelar, mas assim a criança não é cuidada (pelo órgão), ela fica faz exame, ela vai uma vez, vai duas, ah marcou psicóloga, vai na psicóloga. Ela não é cuidada sabe? Ninguém tratou dela, assim, do ser, sabe? A única coisa que falam pra ela é: "Se você ver, fogue!". Ela é responsável por tudo. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Oyá - É impunidade, impunidade é muito grande. Por isso que quando o povo começar a se armar aí pronto. É matando. É a impunidade né? Impunidade é tudo. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

(Começa um barulho alto, coordenadora explica que existe uma igreja em frente a escola; falam sobre as músicas do culto)

Nanã - Hoje não tem mais só o gênero masculino e feminino. Tem os outros também, né? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Tem um monte né? Tem hétero, tem... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nanã - Tem! Tem um monte, a gente nem consegue entender de tanto que tem. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Tem aquele que não gosta de nenhum, não gosta... como chama? Que a pessoa é assexuada, né? Tem um monte de coisa por aí. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Tem, um... é... *Intersexo* que eu li. Acho que recentemente saiu numa reportagem, não sei. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Na home do uol, tinha alguma coisa falando sobre *intersexo*. Acho que era um menino que os médicos não sabiam dizer se era um menino ou uma menina, enfim. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

(Grupo comenta sobre a música alta do culto)

Oyá - Sexo é o ato. Sexualidade... não? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Sexo pode ser ato, pode ser gênero, pode ser, né? Que sexo você é? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Quando você falou em sexo a gente pensou no ato sexual. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - É, todo mundo pensou no ato, né? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - É como a pessoa se sente. É como a pessoa conhece o sexo. É o meio de se chegar ao sexo. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - É uma condição né? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ana Luiza: A sexualidade? Repete, pois eu não consegui escutar, por favor? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayá - A sua postura diante do sexo, a sexualidade. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - É sua condição né? Condições. Eu posso estar certa. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Iemanjá - É o comportamento. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Tem um casal no facebook que, vocês já viram um casal? Que ela não tem um dente na boca, e eles cantam a música, você não sabe nem qual música que é que eles tão cantando, mas cantam um pro outro, eles têm algumas manifestações né? Um envolvimento, os movimentos que traduzem a sexualidade, né? Aí eles ficam e cantam... Mas, eu dou tanta risada porque, é maravilhoso. E eles estão fazendo aquilo no maior prazer, é o momento, é como se fosse um animal né? A sexualidade né? Através das músicas, dos movimentos. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Nanã - Parece que os dois estão indo bem pelo instinto. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - O instinto né? É como é... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - Acho que tem um instinto que já nasce com a pessoa né? Você vê, um molequinho... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/PAPEL SOCIAL DO HOMEM)*

Oyá - Tem dia que você não acorda e você põe uma blusa e fala “queria uma coisa diferente, queria me sentir bonita”. Ou, que nem minha filha fala “Mãe, tá com a autoestima baixa? Vai na feira!”, “Mas o que que eu vou fazer na feira?”, “Todo mundo te chama de linda, de bonita, volta aqui gatinha.” *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Eu acho que é uma condição. Tem dia que você quer estar. Tem dia que não. Tem dia que você quer que ninguém te veja. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Nanã - Exatamente. Sentir né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Sensualidade. Que é quando você põe uma blusa, tá se sentindo, ah, para aparecer. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - Aí é sensualidade, né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - É... eu tô pensando em sensualidade. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - Não, sensualizar é uma coisa. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - Sensual eu acredito que envolve parte da sexualidade. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Não envolve o sexo, sexualidade? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - A sensualidade da pessoa? A gente tá vendo um monte de coisa na mídia, mas é a pessoa como ela se sente né? Nem sempre ela se sente com o gênero que ela nasceu, né? A sexualidade é como ela se descobre pra chegar ao prazer, pra chegar ao ato sexual, a postura, o comportamento. Então, as vezes são mulheres que têm o comportamento masculino porque elas se sentem daquela forma, eu acho que é diferente sensualidade e sexualidade. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Não, eu acho também que é diferente! Mas, digo assim, uma coisa vai levando a outra. Tem dia que você... Isso tá aflorado em você. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - Mas, depende da sua sexualidade, você tem uma sensualidade. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Então, aflora né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Obá - Acho que é diferente. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Aflora. Uma coisa ligada a outra. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Iemanjá - Acho que assim, dentro da sexualidade tem elementos que faz com que a gente pense como e construa a relação do nosso corpo com as outras pessoas, com gente mesmo. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - O que que você acha que não vai ficar bom pra você, se é bom pra você. Com valores né? Eu acho que é tudo isso. Pra mim se eu ver aquela mãe no bingo, toda bonita né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Iemanjá - E tem também uma questão de, não sei como falar, Ana, mas dessa relação assim da identidade, da relação do seu corpo com o mundo, com as pessoas e também com você mesmo. Não sei como falar isso. Mas, são esses elementos que... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Não sei, eles que falam aí da mulher. Nossa linda, um rosto bonito, um cabelo bonito! *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - Você viu também? Eu reparei também, não teve jeito. Uma essência assim, mostra! Por isso que eu lembrei de sensualidade. Porque aquilo se um homem olha ele pensa o que? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Pessoas: No sexo. Sexo. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Então né? A sexualidade né?! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - “Ai se eu pudesse”, né? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Então, mas se você olha e ela tá daquele jeito, o homem olha pra ela e pensa no quê? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nzinga - Ela estava sensual. Sensual. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Não, o homem pensa em sexo! Isso significa que ela estava sensualizando. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nzinga - Na verdade ela estava querendo seduzir. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Exato, eu acho que é mais que sensualizar. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Ah, sedução. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Então, se for nessa linha de pensamento. Tem a mesma linha né? O sexo, se é homem, se é mulher. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Por que quando está no hospital, os outros perguntam que sexo que é? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Pessoas: Gênero masculino e feminino. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Transgênero. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Aryá - Mas pode continuar sendo mulher, mas ele pode decidir. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - É homem ou mulher. E ainda fala assim. É homem ou mulher? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Mas é o gênero, homem e mulher. É gênero. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Mas, mas aí, mas eu acho que não é gênero. Independente de como ele nascer, aí eu acho que é sexualidade! Por que ele nasceu homem, o gênero dele é masculino. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - É o sexo! Vai preencher uma ficha pra você ver o que está lá, que sexo? Feminino ou masculino? (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Aryá - Então, isso daí é gênero. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Não, mas aí não como ele se sente. Se ele se sente mulher, coitado, infelizmente, mas ele não pode por lá, me sinto... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - É! Eu sou mulher, mas eu me sinto homem. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Gênero é uma opção. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Aryá - Sexo e gênero são muito difícil. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Gênero é uma opção, sexo é o que você nasce. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayaó - Gênero não é uma opção! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayaó - Você nasce homem, você nasce mulher. Agora se você mudar. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Eu posso ser hétero... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Você mudar a sua sexualidade, eu acho que é opção. Agora o gênero não. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Não, se for analisar da forma que ela perguntou, sim. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Agora com sexo e gênero pra mim já tá mais difícil. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nzinga - Tá difícil. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayaó - Eu não acho que é uma opção. Se fosse uma opção ninguém ia querer, porque é um tabu, é um problema. Eu acho que é uma orientação, nasci assim e vou me descobrindo. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Oyá - Mas você não vai orientar seu filho assim, você nasceu assim, mas você pode... você pode se transformar. Você nasceu homem, você vai morrer homem. (risos do grupo) (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayaó - Mas, por que não? Não! Não, não. Mas não é orientação nesse sentido, é orientação no sentido de... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Iemanjá - Ó gênero, por que então tem transgênero? (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Mas é o que eu tô falando, gênero é uma escolha. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Iemanjá - Não é!! Ninguém escolhe ser. Se não... e o transgênero? (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Gênero é uma condição física. Não é nem opção, nem uma orientação. Ninguém orientou ela a ser daquela forma. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Ayaó - Não, não. Falei orientação de descoberta, não é uma orientação dos pais. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Não, isso aí depende da opinião, é uma discussão muito recente e nós vamos discutir até... (risos do grupo) (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Iemanjá - Mas ó tem uma diferença, transexual, transgênero... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Não, não, a gente tá falando de sexualidade e gênero. Gênero, pelo menos eu penso assim, a pessoa nasceu, o gênero dele é aquele, pode não ser como ele se sente, mas ele nasceu do gênero masculino. Ele pode virar André ou Andressa, mas, né, eu não sei como chama... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Mas, ele não vai mudar de sexo. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Só se ele tirar, ele tira, ele arranca, mas ele continua, ele nasceu. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Mas não é verdade? A maioria não arranca o peito? A menina da novela não arrancou o peito pra se sentir homem, mas ela gostava... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - É, ela se sentia homem, mas ela gostava de homem. Minha filha não se conformava, como é que pode isso? Se ela gosta de homem porque ela não continuou mulher? Não, por que ela não gostava das condições físicas dela. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Iemanjá - Mas isso aí é sexualidade pra mim. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - A sexualidade é como a pessoa se conhece. Ela não gostava dela como mulher. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Então, mas ela gostava de homem. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Pessoa transgênero. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nzinga - Mas é que nem, por exemplo, quem nasceu mulher, mulher, ela gosta do físico de ser mulher, mas gosta também de ser mulher. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Iemanjá - Mas, o gênero dela é feminino. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nzinga - Mas o gênero ela muda. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Aryá - Porque ela é mulher e não se aceita como mulher, e gosta de homens às vezes. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nzinga - Não, opção não é. Ninguém fala sou gay por opção. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Olokun - Uma criança de oito anos não sabe fazer essa opção. Opção de sofrer. Muito difícil essa questão. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Mas você conversa com... Foi uma opção minha decidir isso. Eles usam a palavra... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - É, de se expor, foi uma decisão dele. Ó eu sinto e foi a minha decisão de me expor e acabou. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Aryá - Não, não. A decisão de assumir, isso é uma coisa. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Aryá - Não é uma opção gostar do mesmo sexo. Não é. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Ah, não sei. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Não, é que é difícil, essa parte do gênero. Acho que é a parte mais difícil. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Porque, aconteceu algo desse tipo com a gente. Minha enteada passou e sem querer trombou com uma moça lá na Casa 1 (centro cultural e de acolhida LGBT), na luz, era um moço só que tava de moça, quer dizer, ela é...

a sexualidade dela é feminina, só que o gênero é masculino. E aí ela falou, desculpa! Aí o primo disse assim: com quem que você tá falando? E ela disse que bateu na moça, aí ele disse que não, ele é o José. Então quer dizer, ele quer ser chamado de Daniel, por que o gênero dele é masculino, só que ele se sente como mulher, se veste como mulher. E isso aconteceu lá. Outro dia, eu não sei se vocês já foram na todo poderoso aqui do shopping. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Não, mas tem uma moça, dá pra ver que o gênero dela é feminino, só que ela se veste como um homem. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nzinga - Ela é homossexual. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Não acho. Acho que a sexualidade dela, ela se sente um homem. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Aí eu perguntei. Moço. Né, eu perguntei moço. Aí ficou meio assim, falou, não fala moço. Mas aí eu falei, mas gente ela é... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nzinga - Mas ela quer ser moço! (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - A partir do momento que eu a vejo desse jeito, eu acho que eu tenho que chamar de moço. Ela, ela tá super de moço! Aí eu chamo moça, ela vai falar nossa que decepção né? Me produzi tanto pra isso. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - Só que assim, um homem todo vestido quer ser chamado de José e essa moça não, ela quer ser chamada de moço. Tanto é que a gente foi numa outra vez e entrou uma moça da *polishop* “ai, deixa eu dar parabéns” e abraçou o dono da loja. Aí ele falou “não, não é meu aniversário é dele!” e apontou pra moça, então é um meio muito difícil da gente lidar. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nanã - Mas eu trataria como moço. Eu trataria como moço. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - É, como você enxergou, né? (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Nanã - É, como eu enxerguei. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Obá - E ela não tratou o moço como moça, porque tava... Então é muito difícil, acho que é um... Não é discriminação, a gente né, no nosso caso a gente convive com isso, que nem, um primo nosso, ele que fundou a Casa 1, você deve conhecer, o I., tudo, então a gente convive com isso, só que tem que ter muito tato para lidar com essas coisas. E nem sempre você vai agradar. Se eu vejo de vestido, montado, eu entendo que essa pessoa quer ser tratada por aquele gênero, por mais que ela não seja. Entendeu? Mas, nem sempre é assim... (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Imagina só a gente dando uma aula dessa na sala, é assim, mas não é assim, pode ser assim... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Obá - Mas a gente não tem essa propriedade para aula em si. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Oyá - Não, mas digo assim, já pensou uma aula? É difícil até pra dar aula. Você pode ser assim, mas não é assim... (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Obá - É difícil. Mas, você tem que respeitar sendo assim ou assado. Você precisa respeitar o ser humano. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Oyá - Você pode aceitar, mas também não pode aceitar. Tem uma... né? Não é uma coisa, como dizer, determinada, né? Ainda está se fazendo. Não tá determinado. Acho que é por isso que a gente não entende, não é uma coisa... é uma coisa que está sendo construída. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/VALORES PESSOAIS E A PRÁTICA DOCENTE)

Oyá - É. É uma coisa que está sendo construída. Então é difícil mesmo para gente entender. (REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)

Oyá - Eu acho que no dicionário sexo é o ato de fazer. É o ato! Pelo dicionário, pode olhar no dicionário. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Ayaó - Deve ter vários significados diferentes, o que é sexo. (SEXUALIDADES E GÊNEROS)

Oyá - Inclusive na Inglaterra, eu acho que é Inglaterra, sei lá, eles estão querendo colocar uma lei lá porque os pais estão decidindo pelos filhos logo cedo né? O filho decide que ele nasceu com a vagina, mas ele quer ser homem e os pais tão indo e tão vestindo as crianças, é como se a criança já tivesse aquela decisão formada naquela idade. Eles querem uma lei que proíba que os pais façam isso. Que deixe que as crianças cresçam, é da Universidade de Massachu lá, que eles cresçam, que eles tenham uma certa idade decidir isso. Não é uma decisão,

eu não me sinto com cinco anos ou até dez anos, eu não me sinto hoje e aí o pai já transforma tudo, respeitando o filho, e ele pode mudar de ideia porque a gente é uma mudança constante. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Ana Luiza - Perfeito, e por a gente ser essa mudança constante, eu trago essa discussão aqui pra vocês, a gente colocar um vestido numa menina de dois anos é uma imposição?

Ayaó - É. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Nanã - Não. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

(Algumas falam que não e outras que sim). *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Ana Luiza - A gente colocar um vestido num menino de dois anos é uma imposição?

Amina - Menino eu acho que seria uma imposição, né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Outras - Na menina ou no menino. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Olokun - Mas na menina é normal. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Ana Luiza - É normal. Por que que é normal? Quem que falou que é normal?

Olokun - Porque é bonito, não tem outro motivo. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Ana Luiza - É bonitinho, é fofo. Mas é fofo na menina, no menino é bonitinho e é fofo?

Olokun - É, porque a gente faz assimilação com a boneca né? Ah, então você quer que sua filha seja como uma boneca, boneca geralmente usa vestido, e boneco não usa vestido. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Olokun - Verdade, minha filha quer um bebê menino e é difícil de achar. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Iemanjá - É da questão do gênero. Você falou bissexual *nanana*.... O Transgênero não entra aí? Não é uma questão de comportamento? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Iemanjá - Então, tudo bem, mas assim ó, o transgênero assim ele entraria aonde? Por exemplo, gênero, quais os tipos de gênero a gente tem hoje, assim que se fala? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Iemanjá - Ah! Então transgênero se encaixa nisso, nessa, gênero... *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Oyá - Você viu, que tem já tem uns questionários, que empresas que já estão fazendo esse questionário, né? *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Oyá - Eu levei para os meus alunos darem uma olhada, “mas o que que é isso? Esse tal de cisgênero? Professora de que que eu gosto?”, porque eles não conseguem entender, eu falei “não sei, quem tem que saber de que que gosta é você! Como é que eu vou saber do que é que você gosta?”. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Nanã - Você vê aí como precisa de diálogo, para esclarecer. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS)*

Oyá - “Você gosta do que... Não, você é o que? Eu sou mulher. Então coloca aí que você é mulher. Você é o que? Eu sou homem! Então coloca aí que você é homem”. Entendeu? Então, já tem já. Eu to fazendo o questionário com meus alunos pro meu artigo, aí eles...*(SEXUALIDADES E GÊNEROS/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA)*

Nanã - Você vê como precisa desse tipo de conversa na família, na escola, em todo lugar. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Oyá - “O que eu sou?”, olha só, “Eu não sei o que você é, fala para mim o que você é, e coloca aí o que você é! O que que você sente. Ah, eu sou homem!”. Eu não cheguei ainda no G. (aluno) para saber o que ele vai falar, onde que ele vai ficar, o que que ele vai colocar. *(SEXUALIDADES E GÊNEROS/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/A FAMÍLIA E A MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS)*

Nanã - Mas se ele já tem uma opção, ele sabe, vai ficar mais fácil para ele. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nzinga - Mas quando falou de sexo, eu achei que ela tava falando da parte biológica. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayaó - Então, eu tava aqui justamente pensando nisso! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nzinga - Mas eu falei lá do assexuado! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ayaó - No momento que ela falou a palavra sexo eu pensei no biológico, com o biológico de nascimento, mas não é do gênero. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Não, e eu tinha uma confusão em como trabalhar o gênero na educação infantil e pra mim é muito isso, o que nasceu. E aí depois que você falou eu comecei a retomar as atividades, as expectativas de aprendizagem e tem muito haver com o social mesmo. A menina usa calcinha e o menino usa cueca, e começou a me remeter tudo isso, eu consegui tantos anos trabalhando da mesma forma, e eu nunca tinha parado para pensar dessa forma. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Ana Luiza - Então, além da confusão de que cabelo curto ele é especificamente pro masculino que é homem, além disso, tem a confusão com a orientação sexual, que não estão relacionadas. (*PAPEL SOCIAL DO HOMEM/SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Nanã - A questão do gênero. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Ana Luiza - Então, um homem, um menino ele pode se portar de uma maneira feminina e isso não quer dizer que ele vá ser gay. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Obá - Ele é educado né? A gente escuta isso né? É que ele é educado. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Iemanjá - Teve outra, de dois meninos que a Neusinha chegou “Ai Iemanjá! Eles estavam no banheiro passando um a mão no outro” aí o menino “Ai, eu tava fazendo xixi e ele foi e pegou. - Tá! Mas como que ele pegou?” Aí ele “Eu peguei ele ASSIM! - Tá mas ele tava com roupa ou sem roupa? Ele pediu? - Não, não pediu, eu peguei.”, tá e o outro estava fazendo xixi e ele falou, “mas bem que ele gostou! Porque eu vi a cara dele assim ó!” (risos do grupo) aí eu falei, “Bom isso é uma outra história, ele tá aqui por uma reclamação também. Então, ele pediu para você? Não, você não pode tocar no corpo dele. Ele não pediu. - Ah, mas ele tava lá rindo! - Não, eu não tava rindo, é que o outro menino tava fazendo uma graça do outro lado e aí eu fiz assim três vezes” (Risos gerais). Não, eu pergunto tudo, porque se a não se a gente entende, eu pergunto mesmo! Mas ele pôs a mão? Pôs a mão como? Você tá brincando e bater a mão é uma coisa, agora o menino que já sabe descascar (Risos gerais), não é? São situações diferentes! (*SEXUALIDADES E GÊNEROS/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - É sempre um horror. (Risos gerais) Eu falei, gente, porquê numa semana foram três situações de pinto, pegou no pinto, mostrou o pinto, encostou... Ai eu tava descendo a escada e falei assim “Eu não aguento mais cuidar de pinto essa semana. Ai, eu tô precisando...” (Risos gerais) (*SEXUALIDADES E GÊNEROS/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - Mas, como você pegou no pinto dele? Você pegou sem querer? Ou você segurou? Não, eu segurei e fiz assim. (Risos gerais) (*SEXUALIDADES E GÊNEROS/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Nzinga - E às vezes eles se colocam aqui de uma maneira que exatamente tem alguém pra conversar. Às vezes coisas que eles conversam aqui eles não vão conversar na casa deles. Às vezes eles expõem uma situação dessa exatamente para ter a oportunidade de conversar sobre determinado assunto. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Obá - Mas e pensando se o aluno que foi manipulado, se ele tava gostando mesmo. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - Então, mas só que aí, por exemplo no banheiro com um monte de gente não dá pra ser, eles têm que entender isso. É igual o nosso filho por exemplo, quando a criança começa a descobrir, começa a se masturbar, ele tem que entender que quando ele tá na sala e a família tá junto não pode fazer isso, ele pode fazer sozinho, mas com todo mundo junto não dá! Então assim, isso é muito íntimo... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - Isso, mas tem que falar dos lugares públicos, e isso é íntimo, íntimo a gente não faz na frente dos outros, sobre a questão da idade que eles não têm idade para namorar, mas olha... (*SEXUALIDADES E GÊNEROS/CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Oyá - Pudor né? Tem que ter um pouquinho de pudor. (*SEXUALIDADES E GÊNEROS*)

Aryá - Muitas vezes essa orientação tem que vir daqui, por que em casa não tem. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - Mas nossa, Ana eu acho que a gente tá engatinhando, sabe? Pra trás, às vezes eu penso, a educação, porque é muito assim, tentativa e erro. Então assim, são questões também que a gente não sabe qual palavra usar! Por exemplo, beijar menina não pode beijar menina, não pode falar isso pra menina que não pode beijar menina e se ela crescer e quiser beijar menina ela vai beijar! (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - Aí é o que a Ayaó falou, essa questão, você tem uma puta discussão, uma reflexão com o aluno, aí quando você faz o atendimento da mãe, que chegou até a escola, que entrou aqui e falou com a professora Nanã, você tem que conversar com a mãe, olha mãe isso aqui *nanana...* Você coloca a mãe, a criança e o seu discurso e a criança olha assim pra você. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Iemanjá - Não pelo amor de deus, mas assim, nossa minha mãe falou isso. E aí gente, mas ela é uma criança inteligente, ela é uma criança que questiona muito, ela fala muito bem e ela sabe, ela é muito assim de análise do discurso mesmo. Então a gente fica com essa questão, de repente você vai e faz uma reflexão, a família chega e põem outra, criança esperta ela sabe na hora “opa!”. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Iemanjá - Mas Ana, nossa preocupação é mais assim, cuidar da criança, como trabalhar, fazer essa reflexão com as crianças. Não assim, falar tá apareceu, encaminha pro conselho tutelar. Mas, assim a criança em si sabe? Tem a fala, falar de olha não deixa ninguém te tocar... Mas assim, é, não sei. Isso não tá dando mais. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Oyá - Mas a escola tem medo, a gente tem medo, não é só a escola, né. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Oyá - Tem medo de abordar isso com os pais, porque eles também, é vai fazer exatamente como você disse aí, a Escola Sem Partido, como se a gente tivesse apoiando a questão do gênero, a questão da pedofilia, a questão que você vai estar falando sobre isso, então tudo que é falado.... (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA*)

Obá - Isso é muito difícil, né? Eu tenho uma amiga que contou certa vez que uma criança, uma menina, chamou o menino para ir de baixo da mesa na EMEI e o menino tava colocando a boca na vagina da menina, aí a professora viu, tirou os dois da sala e chamou pra conversar, a menina falou assim, cinco anos e meio, “eu pedi pra ele lambar aqui” e o menino tava fazendo o que ela tinha pedido, e a professora perguntou por que ela pediu e ela falou assim “porque fazem isso em mim e eu tô gostando e eu queria que ele fizesse”. Aí ligaram pra mãe e veio a mãe e o padrasto e a menina falou “é ele que faz” e a mãe tava falando “ele não faz”, então teve que ir todo mundo pra delegacia, só que a mãe estava acobertando o cara, ela era mentirosa, a menina de cinco anos era que tava mentindo e a mãe com o cara lá. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA/FAMÍLIA E A ESCOLA/GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Oyá - Eles jogam a culpa nas crianças. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Amina - Entendeu? Acabou todo mundo na delegacia e não deu em nada, ele falou que não faz, a menina falou que faz, não tem como você provar nada porque ele não fez... (*GÊNERO E VIOLÊNCIA*)

Ayaó - E mesmo que de, na EMEF que eu trabalhei no ano passado, a gente teve um caso de abuso do padrasto e aí a criança foi retirada da mãe e foi pro pai, um mês ela ficou com o pai. Aí a mãe disse que o padrasto ia embora e a criança voltou pra mãe, o padrasto tava lá. Então assim, a justiça é negligente, a conquista da mulher na sociedade trouxe também consequências, hoje você não tem direito mais nenhum, a mulher tem tantos direitos quanto os homens, mas deveres não? To certa? A mulher que cuida, a mulher que sustenta, a mulher trabalha, a mulher dá banho, a mulher leva para escola. Só que aí quando você vai lá na separação na justiça, os direitos são iguais. O dia-a-dia não é! Então às vezes a mulher acaba se sujeitando, eu não acredito que uma mãe não saiba que o padrasto faça isso ou não desconfie. Mas é conivente, porque talvez ela precise daquilo, daquela situação ou diante da sociedade ou financeiramente, de alguma forma ela precisa, né? Eu entendo que a mudança tem que partir dos pais mesmo, não adianta a gente querer orientar a criança porque, o dia que a gente tava falando desse abuso, a gente falou como é que essa criança se defende? Não tem como! Um homem de trinta anos em cima de uma criança de nove, é fisicamente impossível! Se uma mulher não consegue, imagina uma criança, então assim, tem que vir de cima, sabe? Tem que mexer com a mãe, mexer com o pai, embora a gente tenha uma quantidade maior de mães, é com a mãe que a gente tem que mexer porque é ela quem encoberta 99% das vezes. (*GÊNERO E VIOLÊNCIA/PAPEL SOCIAL DA MULHER/A FAMÍLIA NA MANUTENÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*)

Nanã - É delicado a gente conversar sobre isso com a criança, porque não fica só entre a criança e a professora, geralmente uma conversa nesse nível sai dos muros da escola e chega em casa. E como chega em casa, talvez o pai e mãe não tenham o entendimento que a gente teve dentro da sala de aula. Então, para mim, ainda é complicado conversar sobre sexualidade na sala de aula. Porque eu não sei como esse assunto vai chegar do outro lado, como vai ser recebido do outro lado. Então eu tenho um pouco de receio de conversar sobre isso sim. (*FAMÍLIA E A ESCOLA/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - E acho que pela relação que a gente tem, essa dificuldade são coisas que a gente deve compartilhar num grupo, quando gente pensa junto acho que avança mais. Então, são situações de sala de aula, e aí eu vou com querer uma discussão... aí, né, a Ayaó falou das trocas pedagógicas. Eu acho que são situações que cabe, porque sozinha a gente não dá conta de lidar. Porque aí a gente tá devagar e são situações que cabem no horário coletivo para gente discutir, “Ai gente, olha aconteceu isso! O que eu faço?”. Se você hoje você tossiu, você olhou pro outro lado, você consegue voltar no assunto, dá pra gente com aquele jeitinho voltar no assunto, que a gente por insegurança faz que não ouve. E se a gente traz pro grupo, eu acho que enquanto grupo a gente precisa também pensar sobre isso e construir junto assim um caminho um percurso uma ação ou uma fala. (*REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - E assim, eu acho que se o pai chegar na escola e reclamar, isso é bom! É bom porque a gente cria um caminho. Então assim, se o pai vier pra reclamar de um tema desse que bom que ele veio, porque eu acho que a gente estabelece um caminho e aí a gente vai fazer um atendimento com o pai e conseguir chegar porque às vezes a gente olha pra crianças e fala “Nossa, gente ela é muito melhor do que o pai e a mãe”. (Risos) (*FAMÍLIA E A ESCOLA/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Ayaó - Eu atendi uma menina da R., porque lá tem muito problema de cartinha, elas estão em uma fase de transição, quarto ano, e aí ela entrou na minha sala, toda dona de si e eu tava com uma cartinha na mão e aí eu falei “- Então, por que que você está aqui? - Porque eu gosto de menino” (Risos do grupo) Eu falei “- É que legal, eu também. Só que aqui não dá. Namorar aqui não dá, eu não namoro aqui. Namoro lá fora. - Então, eu gosto de um menino lá da minha sala”, mas assim aquela coisa pura, sabe aquele amor? Ela escreveu uma carta de amor que a N. me mostrou e eu falei N. ela merecia 10! A primeira vez que eu te vi, sem erro ortográfico, meu coração, você é a paixão da minha vida, mesmo que você não me queira, eu te quero. Gente coisa mais maravilhosa né? Pra ser trabalhado com o grupo todo né? Porque é um sentimento natural, que vai acontecer. (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)

Iemanjá - A gente tem que ter um feeling também pra ver o que surge, que é muito bom né? Sentimentos assim, porque a gente fala essa deixou, chamou o outro pra passar a mão, essa a gente tem... e quando surge uma questão dessa, dela expor os sentimentos, que de fato pra ela é importante e ela tá gostando, a gente enquanto escola sufoca também. Então é um outro lado que a gente também tem que repensar. De que modo que a gente pode lidar com essa questão do sentimento. Porque se a gente sufocar o que é bom, gente, a gente morre asfixiado. Então o que é bom tem que valorizar. E é difícil isso... (*CORPO E DESCOBERTA DA SEXUALIDADE/REFLEXÕES SOBRE SER EDUCADORA*)